



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**UMA CIDADE EM CORES E SEGREGAÇÕES CORPORAIS ÉTNICAS: OS
ESPAÇOS DE LAZER E DIVERSÃO EM GURJÃO E SEUS USOS E
REPRESENTAÇÕES (1960-1990)**

RAYSSA EUTÁLIA GURJÃO COUTINHO BORGES

**CAMPINA GRANDE — PB
2023**

**UMA CIDADE EM CORES E SEGREGAÇÕES CORPORAIS ÉTNICAS: OS
ESPAÇOS DE LAZER E DIVERSÃO EM GURJÃO E SEUS USOS E
REPRESENTAÇÕES (1960-1990)**

RAYSSA EUTÁLIA GURJÃO COUTINHO BORGES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande — PB, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Cultura e Cidades

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Keila Queiroz e Silva

**CAMPINA GRANDE — PB
2023**

B732c Borges, Rayssa Eutália Gurjão Coutinho.
 Uma cidade em cores e segregações corporais étnicas: os espaços de
 lazer e diversão em Gurjão e seus usos e representações (1960-1990) /
 Rayssa Eutália Gurjão Coutinho Borges. – Campina Grande, 2023.
 149 f. : il. color.

 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de
 Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.
 "Orientação: Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva".
 Referências.

 1. História Cultural. 2. Cidades – Gurjão-PB. 3. Festas. 4. Lazer e
 Diversão. 5. Segregação. 6. Sociabilidade. I. Silva, Keila Queiroz e.
 II. Título.

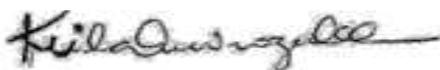
CDU 930.85(043)

RAYSSA EUTÁLIA GURJÃO COUTINHO BORGES

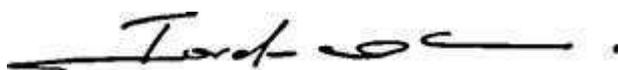
**UMA CIDADE EM CORES E SEGREGAÇÕES CORPORAIS ÉTNICAS:
OS ESPAÇOS DE LAZER E DIVERSÃO EM GURJÃO E SEUS USOS E
REPRESENTAÇÕES (1960 – 1990)**

**TEXTO DISSERTATIVO AVALIADO EM 31/03/2023 COM O ACEITO
APROVADO**

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Keila Queiroz e Silva
Universidade Federal de Campina Grande — PPGH/UFCG
Orientadora



Prof. Dr. Iordan Queiroz Gomes
Universidade Federal de Rondônia — UNIR
Examinador Externo



Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza
Universidade Federal de Campina Grande — PPGH/UFCG
Examinador Interno

Prof.^a. Dr.^a Maria Jackeline Feitosa Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba — UEPB
Suplente Externa

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande — PPGH/UFCG
Suplente Interno

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Vicente Roberval (in memoriam), embora fisicamente ausente, lembrar da sua força e das palavras de amor e incentivo com que falava comigo me fazem continuar. Te amarei para sempre! Ao senhor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em tempos em que quase ninguém se olha nos olhos, em que a maioria das pessoas pouco se interessa pelo que não lhes diz respeito, só mesmo agradecendo àqueles que percebem nossas descrenças, indecisões, suspeitas, tudo o que nos paralisa, e gastam um pouco da sua energia conosco, insistindo.

(Martha Medeiros-Doidas e Santas)

Nascemos sozinhos, mas não vivemos assim, nossa vida tem um pouco de cada pessoa que passa ou fica nela. Durante o percurso, assim como nos fala Martha Medeiros, há descrenças, indecisões e paralisia e no ciclo que hoje encerro não diferiu, foram dois anos em um programa de mestrado, período perpassado por uma pandemia que nos “amedrontou” e, ao mesmo tempo, alterou toda a forma de vida e relações entre as pessoas, uma crise econômica, política, social, como também as aulas remotamente. Por isso, esse é o momento de agradecer a todas as experiências desafiadoras, tristes e felizes que me trouxeram até este momento e as pessoas que “gastaram a sua energia insistindo” em mim.

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por poder contar esta história. A minha mãe *Celia*, por ser a maior incentivadora dos meus estudos desde sempre, por sempre demonstrar a importância do conhecimento e da independência, todo o meu amor. Ao meu pai, *Vicente Roberval (in memoriam)*, ainda me lembro de seu sorriso estonteante quando passei no vestibular, agradeço, por sempre insistir em demonstrar o quanto a educação e o conhecimento eram essenciais e por ser minha força mesmo há tanto tempo sem sua presença física. Aos meus avós, *Francisco, Anchieta, Waldemira e Maria das Dores (in memoriam)*, por guardar documentos que se tornaram fontes desta pesquisa e por proporcionarem a minha existência em meio a uma família incrível.

Ao meu irmão *Roberval*, por sempre me ouvir, me aconselhar e se fazer presente em todos os momentos, você é um irmão incrível e de um enorme coração, obrigada! Agradeço também a *Myrian* que nesse período de dois anos entrou definitivamente para a nossa família, você não é só minha cunhada, mas é uma amiga maravilhosa, obrigada pelos momentos, conselhos e apoio.

A minha prima que considero uma irmã *Fernanda* por sua amizade e paciência em me ouvir, por sempre me fazer sorrir e insistir nos meus sonhos, obrigada por cada conversa, pelos momentos felizes, tristes e de desespero que passamos juntas e principalmente por acreditar em

mim. Você é luz! A minhas tias e tios e primos (as) pelo apoio, em especial tio *Marcos, Sueli e Teodoro* por me ajudarem diretamente com esta pesquisa, seja com depoimentos, histórias ou apontando depoentes.

À *Thaynar*, minha amiga desde a escola e uma das pessoas de maior coração que conheço, obrigada por todos os momentos, pela contribuição e incentivo não só para que eu concluísse mais esta etapa, mas por tudo, o companheirismo, os momentos de distração e o ouvido atento. Você fez com que este percurso fosse mais leve, obrigada! A *Filipe*, por sua forma bonita de ver a vida e por me acolher em sua casa em alguns dias do ano passado, foi um bálsamo na caminhada. Obrigada!

À *Lourdinha* por sua amizade, por ouvir minhas angústias, me aconselhar e discutir comigo os percursos que eu poderia seguir, obrigada por toda sua boa energia. A *Jhosy* que é uma amizade do curso de história para a vida, agradeço por todos os momentos bons e ruins e pelas conversas e conselhos mesmo distantes fisicamente, é sempre maravilhoso ouvir seus áudios e o seu sorriso sempre presente neles.

A uma das minhas historiadoras preferidas, *Amanda*, a qual é também uma exímia desenhista, obrigada pelas conversas sobre história, as discussões do meu tema, mas também por falar sobre a vida, pela a amizade, a torcida e por deixar esta pesquisa um pouco mais tranquila. A *Leninha e Josi* pelos momentos e apoio.

A minha amiga maravilhosa *Claudiana*, que ao longo desta jornada se tornou mãe de *Luíz Guilherme* que a fez um ser humano ainda mais incrível e humano. Obrigada por diante dos novos desafios da maternidade, ter escutado minhas aflições e lido minha dissertação com tanto carinho e dedicação, auxiliando e apontando as melhores direções. Sua contribuição foi essencial e nossa amizade também, obrigada por ser quem você é, seu coração é imenso, você é dedicada a quem ama e é um privilégio ter sua amizade. Agradeço por toda contribuição na escrita e na vida.

Aos meus colegas de trabalho do centro administrativo da Prefeitura Municipal de Gurjão, obrigada pelo companheirismo de diariamente, pela amizade, os diálogos e incentivo, trabalhar com vocês tem sido especial e, ao mesmo tempo, espaço de imenso aprendizado. Vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui, seja com contribuição documental ou por fazer o meu dia melhor. Por isso sou imensamente grata.

Aos colegas da turma de Mestrado que conheci remotamente, mas em especial três pessoas já conhecidas da UEPB, que se fizeram presentes na minha vida. *Thais, Maciana e Jéssica*. A querida *Thais*, agradeço por compartilhar por meio das nossas conversas a dor e a delícia da pesquisa para quem estuda e trabalha, você é uma pessoa forte e maravilhosa. A

Maciana, uma companheira desde a Especialização, agradeço não só pelas discussões sobre a pesquisa, mas pela amizade, por conversarmos sobre a vida, por discutirmos sobre Gurjão e Cubati, suas diferenças e aproximações, os momentos de trabalho e lazer do dia a dia. Você é forte, inteligente e muito focada, obrigada por me inspirar a tentar mais um pouco sempre. A *Jéssica* agradeço por termos construído uma amizade, você foi um presente especial, uma companheira de estágio, de conversas, havia sempre a troca em nossos diálogos das dificuldades ou alegrias de cada etapa, foram dois anos intensos, obrigado por estar sempre presente e por iluminar meus dias. Sua amizade é ouro!

À minha orientadora, a professora *Keila Queiroz e Silva*, agradeço por me acolher enquanto orientanda, por compartilhar comigo memórias sobre a cidade de Gurjão que outrora frequentava, pela paciência, humanidade, diálogo, leituras e correções nas orientações para a construção deste trabalho e por demonstrar a importância dos personagens que sempre são colocados à margem da história. As palavras são gratidão e respeito.

Ao professor *Jordan Queiroz Gomes*, por todos os ensinamentos e partilhas desde a época da graduação, por sua paciência, tranquilidade, generosidade, dedicação e interesse. Tenho muita admiração pela pessoa e o profissional que és e agradeço por contribuir significativamente na minha formação, me ensinando como dar os primeiros passos na pesquisa, corrigindo meus erros e acreditando na minha capacidade de ser uma pesquisadora melhor. Tuas palavras são inspiração e tua presença agora muito me alegra. Ao senhor, meu mais sincero agradecimento.

Ao professor *Antônio Clarindo Barbosa de Souza*, a quem eu já admirava por seu trabalho e escrita maravilhosa, agradeço por aceitar participar deste momento e ler esta dissertação com tamanho afinho. Sua pesquisa sobre a cidade de Campina Grande, sua leitura dedicada, seus comentários e sugestões pertinentes foram essenciais para o processo de escrita. Gratidão!

Aos professores *Iranilson Buriti e Jackeline Feitosa* que prontamente aceitaram participar da suplência dessa banca. Os agradecimentos também são extensivos ao professor *Ariosvalber* que participou de um momento em uma das disciplinas do mestrado e com a leitura inicial do texto da dissertação muito contribuiu com indicações de livros indispensáveis nesta pesquisa. Somando aos demais, não poderia deixar de citar o professor *Gervácio Aranha* que me inspirou com sua excelência e conhecimento vasto na disciplina de teoria da história, assim como me acolheu como sua estagiária com uma humanidade e simplicidade ímpar, foi um privilégio aprender com o senhor. Obrigada por me ensinar tanto.

Agradeço aos que fazem a coordenação, como também a todos os funcionários e professores que compõem o PPGH-UFCG, obrigada pela disponibilidade e competência em cuidar de todos os mestrandos, a humanidade do tratamento que demonstram, especialmente *Yaggo* que sempre responde com agilidade e está disposto a ajudar, gratidão por tudo e por mesmo em meio ao processo de Covid-19 possibilitar a continuidade das nossas atividades.

Aos meus depoentes, mulheres e homens fortes, possuidores de uma sabedoria e vivência essenciais para que este texto fosse construído. Todas as memórias relatadas, as danças, brincadeiras e até desentendimentos foram essenciais para que aqui eu chegasse e vocês são os personagens principais, por isso agradeço a *Paulo Teixeira, José Vicente Teixeira, Rita Emília de Lima, Alcina de Castro, Teodoro Borges, João Marques de Oliveira, Jorge Luiz, Maria de Fátima Paulino e Percílio Medeiros*, vocês são história e contam histórias, obrigada pelas lembranças compartilhadas e por tornar esta dissertação possível.

Agradeço, para além dos depoentes, as pessoas que foram pontes entre a pesquisadora e os entrevistados ou as que contribuíram com palavras e documentos como fotografias, sendo elas *Maria Inês, Zélia Firmina, Ailton, Priscila, Michelânia, Fernanda Farias e Aline*, a última tem se tornado uma amiga querida, conquista a todos com seu sorriso aberto e suas brincadeiras. É uma pessoa resiliente e maravilhosa. A vocês, meu mais emocionado agradecimento.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente insistiram em mim, confiaram no meu potencial ou fizeram estes dois anos mais leves a partir de palavras, carinho, atos, tenho muitas pessoas para agradecer, posto que este texto foi escrito por muita gente, por muita insistência e pela firme crença de que este texto era possível. Ao leitor, espero que se encante com as palavras sobre outra cidade de Gurjão, permeada por ritmos, sons e gente.

RESUMO

O presente estudo tem por intuito problematizar as modificações que ocorreram na cidade de Gurjão após a emancipação política em 1962. Analisando, em especial, a questão das sociabilidades dos espaços de lazer construídos na cidade, dentre eles o Salão do Mercado, o Clube Guarany e o Clube da Fundac, apreendendo seus usos e representações de modo a cartografar as questões políticas, sociais, culturais e étnicas envolvidas nestes ambientes entre as décadas de 1960 a 1990. O olhar com relação a essa cartografia cidadina está direcionado à segregação dos seus espaços públicos, tendo em vista a cor da pele e a classe social, bem como às tramas políticas que desenham essa cidade. O percurso da escrita se fundamenta em investigações de Souza (2002), Almeida (2021), Pesavento (2007), Chartier (1988), Prost (1998), dentre outros, que ganhou forma com base em uma metodologia apontada por Bardin (1977) que analisou um conjunto de fontes, que compreende fotografias, livro de atas legislativas locais, Revista Avante, panfletos e o livro de memórias de um morador antigo da cidade, a metodologia da história oral baseada em Bosi (1994) foi utilizada predominantemente, por meio de entrevistas com antigos moradores que assumiram a condição de narradores das vivências dos habitantes citadinos, dos seus olhares e sensibilidades para a Gurjão daquele período e os lazeres e diversões dos quais participavam ou organizavam. Logo, mediante tais análises, foi possível traçar um caminho entre a cidade de Gurjão na década de 1960, seu processo de emancipação política, inserção de equipamentos modernos e construção dos ambientes de sociabilidades segregados, perpassar as décadas de 1970 e 1980 com as festividades, danças e eventos “negros” e “brancos”, estes que também eram divididos politicamente.

Palavras-chave: Cidades. Gurjão. Festas. Lazer. Diversão. Segregação. Sociabilidade;

ABSTRACT

This study aims to problematize the changes that occurred in the city of Gurjao after political emancipation in 1962. Analyzing, in particular, the issue of sociability of leisure spaces built in the city, including the Salao do Mercado, Clube Guarany and Clube da Fundac, apprehending their uses and representations in order to map political, social, cultural and ethnic issues involved in these environments between the 1960s and 1990s. The look in relation to this city cartography is directed to the segregation of its public spaces, in view of skin color and social class, as well as the political plots that design this city. The path of writing is based on investigations by Souza (2002), Almeida (2021), Pesavento (2007), Chartier (1988), Prost (1998), among others, which took shape based on a methodology pointed out by Bardin (1977) which analyzed a set of sources, which includes photographs, a book of local legislative acts, Revista Avante, pamphlets and the memoirs of an old resident of the city, the methodology of oral history based on Bosi (1994) was predominantly used, through interviews with old residents who assumed the condition of narrators of the experiences of the city dwellers, of their looks and sensibilities for the Gurjao of that period and the leisure and diversions in which they participated or organized. Therefore, through such analyses, it was possible to trace a way between the city of Gurjao in the 1960s, its process of political emancipation, insertion of modern equipment and construction of segregated sociability environments, passing through the 1970s and 1990s with the festivities, “black” and “white” dances and events, which were also politically divided.

Keywords: Cities. Gurjao. Parties. Leisure. Fun. Segregation. Sociability;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Celebração de Missa na Igreja de São Sebastião.....	38
Figura 2: Pavimentação da Avenida Antônio Coutinho	51
Figura 3: Pavimentação da Praça Professor Luiz Correia de Queirós	52
Figura 4: Mapa do município de Gurjão, após a Emancipação	56
Figura 5: Mapa Estatístico do município de Gurjão em 2020.....	58
Figura 6: Velório em frente da Igreja de São Sebastião.....	60
Figura 7: Benção do cemitério Nossa Senhora do Carmo	62
Figura 8: Inauguração da energia elétrica (ângulo lateral).....	66
Figura 9: Inauguração da energia elétrica (ângulo frontal)	66
Figura 10: Sistema de abastecimento de água em Gurjão.....	71
Figura 11: Projeto para a construção de um Mercado Público em Gurjão	78
Figura 12: Carteira Social Guarany Clube de Gurjão (Ladisláu Pereira)	91
Figura 13: Carteira Social Guarany Clube de Gurjão-PB (Heleno Borges).....	93
Figura 14: Festa em casa de amigos.....	96
Figura 15: Fachada do clube Guarany em 2012.....	99
Figura 16: Centro de Cultura construído em Gurjão.....	101
Figura 17: Comemoração de 15 anos na Fundac em 1976	104
Figura 18: Valsa de comemoração de 15 anos na Fundac em 1976	105
Figura 19: Festa de Concluintes na década de 1980.....	107
Figura 20: Reunião para desfile Cívico no clube da Fundac em 1986.....	109
Figura 21: Heleno “preto” dançando no clube Guarany	122
Figura 22: Josefa fantasiada para o carnaval no centro da cidade.....	126
Figura 23: Foliões no Bar de Zé Banga.....	127
Figura 24: Bloco Mocidade.....	128
Figura 25: Brincadeira de carnaval na rua	130
Figura 26: Aniversário de Josefa no Guarany na década de 1990	132
Figura 27: Dança no Guarany	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: OS LAÇOS QUE UNEM A HISTÓRIA COM A VIDA OU A VIDA COM A HISTÓRIA	14
CAPÍTULO 1: ANTES DO SURGIMENTO DOS CLUBES SOCIAIS... NASCE UMA CIDADE	35
1.1 TRANSFORMANDO TIJOLO EM POVOADO	35
1.2 ASPIRANDO À EMANCIPAÇÃO	40
1.3 REALIZANDO O SONHO	44
1.4 VIVENDO O SONHO EMANCIPATÓRIO	46
1.5 DENOMINANDO LUGARES	48
1.6 DESENHANDO OS COSTUMES MORTUÁRIOS	59
1.7 ILUMINANDO A CIDADE	65
1.8 ABRINDO AS TORNEIRAS	69
CAPÍTULO 2: A “NOVA CIDADE” E O SURGIMENTO DOS ESPAÇOS DE LAZER E DIVERSÃO	74
2.1 A NECESSIDADE DE SOCIABILIDADE NA CIDADE	74
2.2 O AMANHECER É PERMEADO DE ALIMENTOS E O ANOITECER PERMEADO POR FESTAS... O “SALÃO DO MERCADO”	76
2.3 NÃO É NO CENTRO DA URBS, MAS É O CENTRO DA ANIMAÇÃO...O CLUBE GUARANY	89
2.4 NAS PALAVRAS UM LUGAR DE UNIÃO, MAS SERÁ MESMO? A CONSTRUÇÃO E AS FESTIVIDADES NO CLUBE DA FUNDAC	100
CAPÍTULO 3: O CLUBE GUARANY E O LAZER A PARTIR DO PROTAGONISMO NEGRO	113
3.1 O ESPAÇO DO LAZER NEGRO... ANTES DO ABANDONO	114
3.2 OS DESENTENDIMENTOS	115
3.3 “NÓS VAMOS EM BUSCA DO GUARANY”	117
3.4 NEM SÓ DE FORRÓ VIVE O BRINCANTE	123
3.5 OUTRAS COMEMORAÇÕES	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135

FONTES CONSULTADAS.....	139
FONTES ORAIS	139
FONTES IMPRESSAS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	140
ANEXOS	147

INTRODUÇÃO: OS LAÇOS QUE UNEM A HISTÓRIA COM A VIDA OU A VIDA COM A HISTÓRIA

“A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros, acho nem se misturam. Contar seguido, alinhavado só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que em real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela, hoje vejo que era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim, eu acho, assim é que eu conto. O senhor bondoso é de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto que em recente data”.

(Guimarães Rosa-Grande Sertão: Veredas)

As palavras de Guimarães Rosa falam da lembrança da vida, do contar de uma história, de considerar o “vivimento que em real tive”, apresenta, em poucas palavras, a jornada iniciada com esta pesquisa e a frase “assim é que eu conto”, transforma-se na porta de entrada de você leitor, o convidado central para tudo que se segue, inclusive para refletir com a frase “[...] Se queres ser universal começa por pintar a tua aldeia”¹, escrita por Tolstói que é passível de diversas interpretações. Uma delas refere-se à necessidade de iniciar uma jornada por sua “aldeia”, no caso do historiador, a possibilidade de escrever sobre o seu lugar, em virtude de que “a história é a ciência das perguntas gerais, mas das respostas locais”, permitindo compreender que “não podemos imaginar uma generalização em história que seja válida”², tendo em vista as singularidades dos indivíduos, dos lugares e das problemáticas de pesquisa exequíveis.

Sendo assim, é preciso dizer que minha trajetória³ se entrelaça com o meu objeto de pesquisa, uma vez que me aventuro a pintar pelo menos parte da minha “aldeia”, lugar ao qual sempre pertenci e que, em certo sentido, me pertence. Tendo em vista que como escreveu Clarice Lispector, “viver é pertencer”⁴ e os pertencimentos são singulares, curtos ou longos,

¹ (TÓLSTOI, 2008, p. 17)

² (LEVI, 2014, p. 1).

³ Trajetória entendida “como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço em constante construção e sujeito a transformações incessantes”. Considerando que “Os acontecimentos biográficos são definidos como muitos posicionamentos e deslocamentos no espaço social, ou seja, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital envolvidas em dado campo”, assim a trajetória depende dos deslocamentos no espaço social, mas também de “uma individualidade biológica socialmente instituída, atuando como suporte de um conjunto de atributos próprios que lhe permite intervir como um agente eficiente em diferentes campos” (BOURDIEU, 1996, p. 189-190).

⁴ Pertencer. In: LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

marcantes ou não, e tem sempre uma fagulha inicial ou uma percepção de pertença. Já que, “todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares”⁵.

Lugares construídos de pedra, mas que ao mesmo tempo, constroem identidades que “enquanto sensação de pertencimento, são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual”⁶. Um reconhecimento que endossa a minha noção de pertencimento e de territorialidade a partir da narrativa que pretende demonstrar, com base no processo desafiador de narrar a si, a trajetória e as motivações de ser historiadora e, posteriormente, o relacionamento entre a historiadora e o objeto.

Assim, preciso iniciar pela infância, na qual ousei dizer que muito cedo demonstrei um ímpeto para buscar o conhecimento, uma curiosidade aguçada, tendo em vista que antes mesmo de poder frequentar o ambiente escolar eu esperneava para frequentá-lo, ato que levou minha mãe a me colocar em uma “escola de reforço” aos 2 anos, uma vez que a instituição regular ainda não me aceitava. Essa escola conhecida como “A escolinha de Tia Kátia” foi a primeira de uma série de outras, tanto regulares como de reforço, as quais são imensamente marcantes na minha vida.

É indispensável ressaltar que o espaço escolar sempre foi muito “natural” na minha existência. Provas, atividades, livros, cadernetas estavam sempre sobre as mesas da minha casa e de outras que eu frequentava. Para mim sempre foi cotidiano saber sobre o sistema educacional, em virtude de que minha família era composta por professoras. Nasci em um ambiente privilegiado com muitas mulheres inspiradoras que sempre me incentivaram não só a estudar e a ser independente, mas também me oportunizaram isso.

O ambiente escolar, o incentivo ao caminho do conhecimento sempre esteve presente no meu cotidiano, como também as escolas de reforço, não só a de “tia Kátia” aqui já citada, mas também a de “tia Fátima” e a “Escolinha San e Su” essa que tinha por professoras Sandra e Suzana, que frequentei por 9 anos, tendo sido um dos espaços mais importantes da minha vida escolar, posto que era um ambiente de amizades e de intensas atividades, além de ser o espaço em que tive imensa liberdade de escrever e soltar a imaginação. Permaneci nesse ambiente até o final do ensino médio, estudando em paralelo ao ensino regular na escola “Juarez Maracajá”. Uma escola também de muitas recordações, também de angústias, principalmente com o futuro.

Todos esses ambientes estavam inseridos na cidade de Gurjão, na Paraíba, lugar de uma

⁵ (PESAVENTO, 2008, p. 3)

⁶ Ibidem, p. 4.

vida sem muitos sobressaltos e de pouca oportunidade de emprego, assim como de estudo para além do ensino médio. Logo, imaginar o fim desse período, era também visualizar uma escolha de caminho, um distanciamento de pessoas e um período de dúvidas, essas que me assaltaram ao me ver em período de vestibular e de escolher uma profissão. Na época, eu percebia na universidade o melhor caminho, ainda que para nossas possibilidades um caminho de difícil alcance, mas não impossível.

Contudo, havia a necessidade de um primeiro passo para a realização do sonho e esse foi entrar ainda no último ano de ensino médio no cursinho pré-vestibular da UEPB, que funcionava aos sábados, no CEDUC em Campina Grande. Cursinho que me fez sair da comodidade da minha cidade, construir amizades e que me ensinou mais do que apenas conteúdo, que me ensinou que existia um mundo para ser explorado, um mundo muito maior do que eu podia imaginar, um mundo de narrativas e em que “a história é apreendida pela linguagem e pela metáfora, como campo de experiência, como o suprassumo do que é interpretável historicamente (na narrativa)”⁷.

Interpretação de uma história que envolvia estudo e, conseqüentemente, o “temido” vestibular que na nossa mente definiria nossas vidas. Naquele ano de 2012, após meses de estudo, resolvi prestar vestibular para o curso de Fisioterapia. Não tinha muito conhecimento sobre a universidade e nem sobre os cursos, currículos ou mercado de trabalho, porém tinha em mente que a escolha era para, de certa forma, fugir da saga de ser professora tão presente na minha vida. Nessa escolha, eu não obtive êxito, porém passei para história na UFCG e ciências biológicas na UEPB e por achar que a graduação da UEPB estava mais próxima do meu sonho, foi nele que ingressei em 2013. Foi nesse momento que se deu o início do meu relacionamento com a vida universitária.

Lembro vividamente de como cheguei à universidade e como para mim tudo parecia de outro mundo, algo que eu não tinha uma boa ideia formada a respeito. E, quando lá cheguei, me deparei com tantas coisas totalmente diferentes do meu cotidiano, em uma cidade singular, pessoas diferentes, pois nada eu sabia sobre elas (es), diferentemente dos meus colegas de interior, os quais eu via em todo lugar e sabia tudo sobre. Tive maior liberdade e autonomia sobre meu comportamento e saí da comodidade de casa, fiquei longe da minha família e esse, acredito, ter sido um grande desafio.

A felicidade da minha família era contagiante, devido à minha conquista. Porém, o meu brilho inicial ia gradualmente desaparecendo; eu me sentia perdida no curso que escolhera, era

⁷ (RUSEN, 2007, p.63).

uma luta difícil, me esforçava pela minha família, chorava diversas vezes, conseguia obter êxito nas disciplinas, porém estava infeliz, só que sair não era uma palavra confortável para mim, na minha cabeça só sairia se terminasse; não existia a opção desistir. Há situações na vida que a gente se adapta e acredito que tentava fazer isso todos os dias.

Naquele momento, já com uma melhor adaptação ao ambiente, eu sempre falava de história e de quando eu estivesse estudando, os outros só sorriam como se fosse brincadeira. Contudo, as palavras podem ter um poder transformador, já que no vestibular que fiz sem muita convicção, pois já me conformava com o curso de ciências biológicas que naquele momento cursava, obtive êxito na prova que efetuei e foi quando entrei como aluna para o curso de história na UEPB.

Esse foi o momento decisivo da minha caminhada. Meu pai havia falecido há pouco menos de um mês e a dor misturava-se com a felicidade⁸, assim como também a percepção de como a vida é um sopro e que por esse motivo, eu deveria escolher o que me faria feliz. Não posso dizer que foi fácil, ouvi tantas palavras negativas em relação à mudança. No entanto, nada daquilo me importava. Eu tinha certeza de que um dos meus maiores incentivadores na vida ficaria feliz de me ver traçando os caminhos da felicidade e foi assim com a frase de Riobaldo que diz que “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”⁹ na mente que iniciei meu percurso nos caminhos de Clio.

Percurso iniciado com uma tragédia, mas com a coragem e com o pensamento na questão filosófica central que perpassa toda a obra de Ricouer, na qual ele aponta que a dimensão trágica da existência não apresenta uma salvação, mas a relação mais positiva com o mal. Esta que só acontece diante de uma participação no espetáculo de forma trágica, visto que não há superação do trágico, mas apenas no trágico. Portanto, a esperança da vida ou o sentido

⁸ Sobre a questão da morte, no livro inacabado de Ricouer, ou seja, *Vivo até a morte seguido de Fragmentos* existem questões essenciais para a reflexão. Este foi um livro entre outros de sua vasta obra em que o “apontam” como um pensador cristão ou que isso influenciava em suas reflexões. Diante das questões que aponta já próximo a morte, há dentre elas a frase que diz “minha batalha é com e contra essa imagem do morto de amanhã, desse morto que serei para os sobreviventes”, assim como sobre “que outros vivos sobrevivem à morte dos seus” reflexões dele, mas também de seus leitores e dos que sobreviveram e como ele se perguntam “se os mortos continuam existindo” (RICOUER, 2012, p.9), a impressão que fica na minha interpretação é que sim como ele aponta, embora haja modificações de perspectiva acordo com cada pessoa. Assim, não só uma figura como um pai permanece, mas também um pensador como Ricouer que foi lido para este trabalho posteriormente a sua morte.

⁹ (ROSA, 2019, p. 230)

dela tem a ver com o viver¹⁰, ato que continuei fazendo naquele momento na relação com o estudo da história.

Lembro da ansiedade no dia da matrícula e do desespero do primeiro dia de aula com discussões de textos e de um ambiente tão diferente das aulas das ciências biológicas. Porém, também recordo que a novidade era boa e a cada dia mais apaixonante. Um diferente que não me trouxe nenhum arrependimento, a história me seduziu, a sensação de estudar o que eu amava era maravilhosa, cada dia eu aprendia algo novo como a noção de que “o conhecimento histórico pode ser definido como processo, ao se entender as histórias como respostas a perguntas e ao se analisar o procedimento regulado, que leva da pergunta à resposta”¹¹.

Processo que me instigava e me fazia questionar, em um percurso de estudo que não foi fácil, eu morava em Campina Grande e visitava Gurjão nos finais de semana, no entanto, nunca pertenci de fato à cidade grande, a vida agitada, os ônibus para deslocamento, Campina Grande era o que trazia em seu nome, grande, um mistério. Eu me construía e, ao mesmo tempo, me desconstruía, aprendia a ouvir e a ver o outro, ser empática e conviver com as diferenças, me descobria e redescobria a cada nova identificação, a cada novo livro lido ou amigo conquistado.

Naquele ambiente aprendi a falar, nunca fui boa em dar opinião, em levantar a mão e pedir a voz, dado que a vida toda na escola eu nunca tive esse incentivo e era assim que o tempo passava, as disciplinas eram concluídas, me esforçava em participar de eventos e de programas como o PIBID que me proporcionaram a vivência de sala de aula, até que em certo momento de 2017 fui aprovada em um concurso público para a prefeitura da minha cidade e mesmo antes de ser chamada, tomei a decisão de transferir o curso até então diurno para o turno da noite.

Naquele momento, a dinâmica mudou. Eu percorria com diversos outros estudantes da minha cidade, em média 180 km por dia. Era cansativo, assim como foi difícil ficar deslocada e desbloqueada já que passei a ter quatro disciplinas em turmas diferentes e não pertencer a nenhuma. Entretanto, longe de reclamar, eu gostava do movimento de ir e vir e das socializações, principalmente com os viajantes, amigos antigos da minha escola de ensino médio. Também gostava do ambiente da UEPB. Sempre foi um dos ambientes mais significativos da minha vida universitária, um lugar físico de identificação e certamente de pertença.

Entretanto, nem tudo são flores, o ambiente tão amado, também guardava sua face

¹⁰ Sobre a questão do trágico e da esperança em Ricoeur, é importante a leitura de RICOEUR, Paul. *A Simbólica do Mal*. Tradução de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2017 e GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

¹¹ (RUSEN, 2007, p. 111)

“assustadora” e ela se aproximava, ou seja, a necessidade de produzir um trabalho de conclusão de curso, trabalho de pesquisa que me angustiava e permeava intensamente os meus pensamentos, por não saber o que fazer, não conseguir o “clique” instigador. Porém, não sabia que este momento seria curto, uma vez que, a inspiração começou a aparecer a partir das discussões na disciplina de “Memória e Patrimônio”, ministrada pelo professor Iordan.

A disciplina versava sobre cidades e era inspiradora, assim como o professor que, posteriormente, tornou-se também orientador e que naquele momento, demonstrou a potencialidade da pesquisa sobre cidades e contribuiu para que meus “olhos fossem abertos historiograficamente”, sendo esse o instante da fagulha de pertença. O instante que tudo começou a desenhar-se na minha mente. A pesquisa não poderia ser outra, teria que ser sobre Gurjão, o meu lugar de residência e de vida.

Assim, parti em busca da história de Gurjão. Dos escritos sobre e eram tão ínfimos e quase inexistentes, o que me impulsionou a contá-la, um pouco que fosse, e foi assim que busquei fontes para a pesquisa e que redescobri os documentos, heranças da minha família que guardei, por ouvir muito sobre minha avó paterna, uma das mulheres fortes da minha família, que estudou após casar e ter filhos em uma época de ainda poucas mulheres na universidade.

Ela que lecionou história por muitos anos e que trabalhou em outros setores além da escola possuindo também uma graduação em Direito. Tendo sido, apesar da pouca convivência, uma fonte de inspiração. Uma mulher até hoje marcante nas rodas de conversa, assim como na minha vida, em virtude de que os documentos que ela guardou e que conservei por causa dela, tornaram-se fontes. O acervo não era muito amplo, no entanto, suficiente para minha pesquisa.

A pesquisa que é “um procedimento de elaborações de história. Histórias são narradas, devido às carências de orientação da vida prática, para cobrir sua realização no tempo”. Ela, “torna-se um momento desse narrar quando a orientação a ser fornecida vincula-se às condições de plausibilidade científica”¹², em razão de que a escrita historiográfica tem que partir do método histórico, buscando “responder empiricamente às perguntas históricas”¹³, as quais foram suscitadas quando comecei a escrever sobre o meu lugar.

A sentir cada vez mais a pertença dentro de mim, foi por meio dos indícios presentes nas fontes e a partir das leituras que percebi a cidade muito mais que uma aglomeração urbana, uma vez que ela é tecida pelas relações sociais e tramas que compõem suas singularidades, as tramas sociais que muitas vezes são amarradas às tramas políticas compondo a cidade, tornando-a um espaço urbano de histórias, sentimentos e fragmentos de memórias, portanto um

¹² (RUSEN, 2007, p. 170)

¹³ Ibidem p. 105

objeto extremamente interessante e complexo para a pesquisa histórica.

De forma que é possível compreender que “[D]e uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas”¹⁴ e Gurjão me respondeu, em um primeiro momento, sobre a sua construção enquanto cidade, a constituição do cemitério, a chegada da energia elétrica. Esse tornando-se o começo em 2018 de uma relação que continuou em 2019 quando do meu ingresso no curso de Especialização em História Local na UEPB, no qual já com mais maturidade, tive um melhor aproveitamento das leituras, das disciplinas, como também da pesquisa. Foi um pouco dificultada devido à pandemia de coronavírus que atingiu o mundo no ano de 2020, no qual tive que escrever um segundo trabalho de conclusão de curso, posto que Gurjão tem muito para “falar” ou “contar”, portanto, contando com novas fontes, inclusive um “Museu Fotográfico Virtual”, consegui escrever sobre o sistema de abastecimento de água da cidade.

Entendendo que os “velhos papéis falam de outro tempo, de outros lugares, de outras gentes. Oficiais ou não, públicos ou privados, do texto literário ao discurso do político, da crônica de jornal ao registro policial, as narrativas do passado fornecem pistas para fazer reviver os espaços da cidade”¹⁵. Espaços frequentados, não só por mim, mas pelos meus antepassados e que corroboraram para a decisão de considerar, a partir da minha trajetória, a necessidade de um trabalho mais aprofundado sobre o meu lugar de pertencimento, visando contribuir não só para a historiografia paraibana, como também da cidade.

E, foi assim, que surgiu a proposta de ingressar no programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Campina Grande, no qual me encontro hoje. No período, visualizei proporcionar para a historiadora que habita em mim, uma singular possibilidade de “alçar um voo” mais alto, com o intuito de aprofundar e conhecer pesquisas e leituras sobre o tema cidades, objetivando me conectar e atualizar cada vez mais com a historiografia sobre o referido tema.

Nesse caso, em uma perspectiva que versasse sobre as transformações urbanas proporcionadas pela modernização, mas também e em grande medida agora, pesquisar sobre o lazer, a diversão (SOUZA, 2002) e as sociabilidades na cidade de Gurjão-pertencente à região imediata de Campina Grande e distando dessa aproximadamente 90 km — envolvendo três ambientes de entretenimento antigos que funcionaram em seu máximo “vigor” na cidade entre

¹⁴ (CALVINO, 1990, p.44)

¹⁵ (PESAVENTO, 2008, p.7)

as décadas de 1960 e 1990: o “Guarany”¹⁶; o “Salão do Mercado” e a Fundac (Fundação Unida da Associação do Cariri).

Nessa trajetória tenho como objetivo primordial problematizar esses espaços seus usos e representações sobre eles de modo a cartografar as questões políticas, sociais, culturais e étnicas envolvidas nesses ambientes. Tendo em vista que o clube Guarany foi desde sua fundação, conhecido por clube dos negros, um local criado no ano de 1962 por uma associação de pessoas que se sentiam excluídas das festividades que ocorriam no Salão do Mercado, dado que esse era considerado um ambiente das pessoas “brancas”, assim como da elite política da cidade de Gurjão, e a Fundac, enquanto um lugar que foi posteriormente construído e que congregava a comunidade de forma geral.

Portanto, é preponderante em um trabalho sobre lazer e diversão, levantar a questão do conceito de sociabilidade que ao longo do século XX, passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes, referindo-se a esferas, como relações cotidianas ou familiares, costumes, festas e rituais, encontro, etc. Ressalta-se que “num dado plano de interações, tudo pode ser sociabilidade, como alerta Gilberto Velho — e nesse sentido, nada, enquanto o conceito pode exaurir sua força explicativa. Daí uma contribuição especial da antropologia, como aponta o autor”, uma contribuição que se deve “a prática etnográfica que lida com pessoas através da própria interação e descreve regras e princípios constitutivos de relações cotidianas”¹⁷.

Relações que “se quiser, cria um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está diretamente ligado ao prazer dos outros”, em que exista sociabilidade e onde “ninguém pode encontrar satisfação aqui se esta tem de ser realizada à custa de sentimentos diametralmente opostos aos que o outro pode ter”¹⁸, em razão de que o outro não está mais sozinho, ele faz parte de um todo social. Uma formação de pessoas que interagem das mais diversas formas, não só de forma amigável, mas também gerando conflitos.

Pensar nesse tipo de interação, principalmente se considerarmos os clubes, as danças, os namoros, as arengas, também é perceber que “a sociabilidade é o jogo no qual” se faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular”¹⁹, posto que da mesma forma que cada um interage socialmente, também é um ser só particular. Interações em que é possível destacar as questões da separação entre negros e brancos nos ambientes sociais, porém divisão que não podia ser classificada como racismo,

¹⁶ Durante a pesquisa foi encontrado o nome Guarany com duas grafias diferentes, Guarani e Guarany. Neste trabalho o uso da grafia será realizado de acordo com as fontes, sendo a grafia **GUARANY** mais frequente.

¹⁷ (FRÚGOLI, 2007, p. 23).

¹⁸ (SIMMEL, 1983, p.172)

¹⁹ Ibidem, p. 173.

tendo em vista a inexistência do conceito no período.

Um conceito que atualmente aponta que o racismo “não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas”, e que dessa forma ele “articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas — bairros, guetos, bantustões, periferias, etc. — e/ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos — como escolas e hospitais”²⁰. Portanto, também presentes nas distinções de cor que esses espaços representavam, porém, não com os olhares de hoje ou atos de racismo e sim como distinções daquele período.

Distinções nos espaços com certo grau de modificação devido ao tempo, mas de visualização possível para olhares que tendem a “andar e pensar um pouco...”²¹, observar os espaços e lembrar das histórias e das memórias dos antigos habitantes que optam pela tentativa de (re)contar uma história e constroem a imagem de como tudo foi um dia, irrompendo da historiadora que habita em mim, uma série de questionamentos que são o preâmbulo dessa história e configuram-se nas seguintes questões: Como surgiram os clubes de lazer na cidade de Gurjão? Quais eram esses ambientes? Como era a configuração material e simbólica desses espaços? Quais foram as implicações políticas, sociais e culturais desses ambientes? Como os habitantes do período vivenciaram esses ambientes? Quais as sociabilidades instauradas? Eram excludentes ou inclusivas?

Logo, são esses questionamentos que norteiam a pesquisa, visando a ideia inicial de continuar a atividade que vem desde o trabalho de conclusão da graduação, que corresponde a tentar responder às minhas novas inquietações, posto que o pesquisador tem a possibilidade munido de um corpus documental de aprofundar os questionamentos ao mesmo tempo que os responde, nascendo assim este trabalho que visa ampliar a pesquisa sobre a cidade de Gurjão, buscando a necessidade de problematizar os diversos lazeres do “Guarany”, “Salão do Mercado” e “Fundac” nas décadas de 1960 a 1990, contando com o arcabouço teórico e metodológico apresentado a seguir.

O arcabouço desta pesquisa foi construído a partir dos questionamentos da pesquisadora, tendo em vista que “a questão do historiador não é ingênua”. Logo, este “nunca se limita a formular uma “simples questão” — até mesmo quando se trata de uma questão simples — porque, em seu bojo, traz uma ideia das fontes documentais e dos possíveis

²⁰ (ALMEIDA, 2021, p. 34)

²¹ (LEMINSKI, 1993, p. 39)

procedimentos de pesquisa”, movimentos técnicos que visam uma “entre as várias maneiras de fazer “avançar” a história” em que “a mais simples, consiste em preencher as lacunas de nossos conhecimentos!”²².

Conhecimentos necessários e pensados também a partir dos “outros” da pesquisa, os que são anteriores e possibilitaram o contar dessa história. Tendo em vista que, “a história está nisso, ainda que não seja senão isto: o lugar privilegiado onde o olhar se inquieta”²³. Dessa forma, é nas inquietações que a história se constrói, nos questionamentos e na pesquisa atenta, como também na articulação dos interesses.

Conforme Certeau (2010) quando diz que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção político, cultural e social, ou seja, uma escrita histórica não é construída unilateralmente pelo historiador, mas, sim, em coletivo, dado que é fruto da validação dos pares e está ligada ao lugar social que cada um ocupa, implicando um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias. Sendo, a produção submetida a imposições, ligada a privilégios e interesses, enraizada em uma particularidade. O lugar social da produção dá legitimidade e determina a pesquisa. É por meio desse lugar que é desenhada uma escrita de interesses.

Interesses que constroem a pesquisa e o texto que corroboram neste caso com a História Urbana, dimensão essencial para compreender as transformações, os desejos, suas reminiscências e os resquícios históricos em nosso cotidiano. Visando apreender a cidade de Gurjão enquanto objeto para o estudo historiográfico, considerando as representações sobre os espaços de sociabilidades dos anos 1960 a 1990 daquela cidade. Espaços que foram construídos, usufruídos, fechados, destruídos, abandonados, paralisados e que separaram as pessoas, seja por classe, por cor ou por sexo. Espaços extremamente referenciais para a vida, a política e as sociabilidades do distrito, mas também da cidade de Gurjão.

Cidade que para além de ser parte do urbano tem sua singularidade pensada a partir da teoria dos “estratos do tempo”, apresentada por Koselleck (2014), na qual é possível perceber a relação entre os acontecimentos singulares e estruturas de repetição. Esta última tem a ver com os ambientes de lazer que tem sempre festas que se repetem e comportam os acontecimentos singulares que são os lazeres, a diversão e as sociabilidades nos espaços daquele período que embora se repitam são sempre singulares.

Acontecimentos, que estão inseridos nas estruturas de maior duração, ou seja, o

²² (PROST, 2008, p. 75,76 e 80).

²³ (CERTEAU, 2012, p. 81).

desenvolvimento da cidade, uma vez que “não só acontecimentos súbitos e singulares produzem mudanças; as estruturas de maior duração — que possibilitam as mudanças — parecem estáticas, mas também mudam”. Logo, “o proveito de uma teoria dos estratos do tempo consiste em sua capacidade de medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando visíveis os diferentes modos de mudança, que exibem grande complexidade temporal”²⁴.

Complexidade considerada a partir da metáfora do arqueólogo, a qual “procura os vestígios do passado nas diversas camadas do presente, sem saber se encontrará somente alguns cacos, uma estátua quebrada, o torso de uma figura desaparecida”, em virtude de que o historiador “deve ficar atento a pequenos restos, a detritos, irregularidades do terreno que, sob sua superfície aparentemente lisa e ordenada, talvez assinalem algo do passado que foi ali esquecido e soterrado”²⁵, ou seja, o pesquisador deve escavar, assim como aponta Walter Benjamin ao relatar que “se deve proceder com cuidado, espalhar muita terra, voltar aos mesmos pontos, retomar as buscas, ir segundo um mapeamento preciso, mas também confiar no acaso”.²⁶

No acaso do escavar, do buscar as fontes e analisar elas com todo o cuidado, considerando que “rever a história de um período significa fazer afirmações que nunca poderiam ter sido feitas naquele período. Elaborar uma história baseando-se em suas condições econômicas significa empreender análises de fatores que não podem ser diretamente deduzidos das fontes”²⁷, mas que podem ser apreendidos a partir das “escavações”, como também pensando sobre os diversos tempos que se entrecruzam na pesquisa.

Apreendendo a cidade que tem sua história “escavada” pelas fontes, para além de um lugar do social “, frequentemente considerada ‘o lugar da cultura’”, conseqüentemente “um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo”, posto que “os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade”²⁸. Uma vez que, “a cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam”²⁹. Lugar pelo qual “o nosso olhar percorre suas ruas como se elas fossem “páginas escritas”, tentando “adivinhar as histórias que elas escondem, traduzir a língua difícil dos sentimentos que construíram o seu cotidiano, seus tantos símbolos que os homens teimam em

²⁴ (KOSSELECK, 2014, p. 22).

²⁵ (GAGNEBIN, 2012, p. 34).

²⁶ Ibidem, p. 35.

²⁷ (KOSSELECK, 2014, p. 107).

²⁸ (PESAVENTO, 2007, p.14-15).

²⁹ Ibidem, p.14.

decifrar, como se eles pudessem ter apenas um significado”.³⁰

Diante de que “a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia³¹. Por conseguinte, se constituindo em um local de sensibilidades, diante do viver das pessoas em sociedade, dos corpos que sentem os odores e cheiros da cidade, que observam o outro, se sensibilizam ou não, sendo um lugar “também de sociabilidade”, já que “ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo”³².

No entanto, o espaço urbano pode ser também uma” segregação — tanto social quanto espacial”. Tendo em vista que a organização construída para o “espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade”³³.

Espaços segregados ligados ao conceito de “apropriações” de Chartier (1988), o qual é apresentado como uma prática de produção de sentidos, também ligada aos usuários, relacionando-se à análise das possibilidades instituídas pelo processo de modernidade, as quais transformaram ou não o cotidiano, interferindo nas relações de “sociabilidade”, mas também as “sensibilidades”, dado que “as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos”³⁴.

Os sentidos que levam a perceber os contornos onde a cidade toma forma, em um ritmo lento e de reconhecimento entre os habitantes e as modificações em “doses” não tão grandes, contudo, eficazes de “modernização”. Posto que, “uma cidade se individualiza em relação às outras, ela personifica atitudes e modos de existir, dos homens e do meio ambiente, transformando-se no tempo, alterando a superfície do seu espaço”³⁵, uma cidade percebida e singularizada.

Assim, ainda pensando uma cidade singular há a possibilidade da utilização dos

³⁰ (REZENDE, 2016, p. 27).

³¹ (PESAVENTO, 2007, p.14).

³² (PESAVENTO, 2004, p. 6).

³³ (CALDEIRA, 2000, p. 211)

³⁴ (PESAVENTO, 2004, p.2).

³⁵ (PESAVENTO, 2007, p. 17)

conceitos de “práticas” e “representações” de Chartier (1988), os quais são complementares e versam sobre as “práticas” sociais que existiam na Gurjão do período de 1960 a 1990 e as “representações” criadas por meio dessas práticas, uma vez que representar diz respeito a uma possibilidade de percepção de como se dá a construção de uma realidade social, em outros momentos ou lugares, por meio de delimitações, divisões e classificações, com sentidos que se modificam, por serem determinados pelas relações de poder, por conflitos de interesses, mesmo diante da possibilidade de serem compartilhados e naturalizados.

Logo, “as representações”, permitem novas e diferentes práticas de reconhecer uma forma coletiva, ou individual, de estar no mundo, perpetuando a existência do grupo, no caso dos acontecimentos, os quais possibilitaram a construção de uma cidade em âmbitos diversos, sendo “estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”, pensando nas representações do mundo social “sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”³⁶.

Portanto, corroborando com Chartier (1988), serão utilizados os conceitos apresentados por Certeau (1998) denominados de “táticas” e “estratégias”, em função de que a cidade é um espaço de práticas e ações do homem em diversos períodos, pode-se pensar as “estratégias” ligadas à organização do lugar, ou melhor, ao pensar e construir a cidade, enquanto instituição, principalmente a materialidade decantada a partir da emancipação política de Gurjão e as “táticas” com relação às práticas ou consumo dos usuários da cidade, seja a participação nas sociabilidades a partir dos espaços do “Salão do Mercado”, “Clube O Guarany” ou “Fundac” ou a não participação, podendo ser ainda a burla de uma regra ao entrar em um dos locais contrários ao lugar determinado pela sua cor ou opção política.

Compreendendo o lazer enquanto uma “necessidade humana e dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. Assim, o lazer é constituído na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social”, de forma que unidos “esses elementos configuram as condições materiais e simbólicas, subjetivas e objetivas que podem ou não fazer do lazer um potente aliado no processo de transformação de nossas sociedades, tornando-as mais humanas e inclusivas”³⁷ ou como neste caso, constituindo um lazer segregado. Uma

³⁶ (CHARTIER, 1988, p.19).

³⁷ (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 82).

separação que era espacial, étnica e social.

Um lazer em um entendimento de cidade que é também um “produto histórico e social tem relações com a sociedade em seu conjunto, com seus elementos constitutivos, e com sua história. Portanto, ela vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica”³⁸, envolvendo nesse sentido as diferenças e dificuldades sociais, como também os círculos de sociabilidades, fatores preponderantes de uma história “cultural” que não tem um “domínio inteiramente autônomo. Pois a história de grupos, de coletividades — quer sejam religiosas, étnicas, sociais, nacionais ou outras, pouco importa —, toda a história é social”³⁹.

Sendo assim, com vistas a “decifrar” um pouco de outros tempos da cidade de Gurjão, e ainda assim observar as diferenças e dificuldades sociais que envolviam principalmente o lazer na cidade, esse entendido como uma “parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal”⁴⁰ e também realizado em uma forma de divisão por cor da pele, mas também por questões políticas e de classe social, aponta o caminho para que o referencial teórico desse trabalho seja uma indissociável combinação da História Social com a História Cultural⁴¹.

Tendo em vista, que a História Cultural vem corroborando com diversas pesquisas historiográficas, principalmente a partir do ano de 1980 no Brasil. Essa que “é forçosamente uma história dos desvios, já que os modos de apropriação do sentido das coisas pelos grupos humanos são sempre diferenciais não pode ser dissociada do social”, sendo assim “longe de se encontrar evacuado no campo de análise do historiador, o social permanece muito presente aí, mas através dos modos de elaboração em que o cultural é às vezes central”, ou seja, “a cultura aparece, sob muitos aspectos, como uma das modalidades de estruturação do social”⁴².

Assim, entre outros aspectos pretendidos, é importante destacar a contribuição de Roche (2000), quando trata da “cultura material”, visto que “o sistema da convivência social é transformado quando o espaço habitado”, dado que “quando, por outros consumos ou pela utilização diferente das coisas, os indivíduos podem se construir de outra forma e reajustar sua relação com a coletividade”, logo, “o principal argumento da história da civilização material

³⁸ (CARLOS, 2021, p.68)

³⁹ (PROST, 1998, p.137).

⁴⁰ (MAGNANI, 2003, p.18).

⁴¹ Os estudos que se iniciaram na segunda metade do século XX, a partir de desdobramentos da História das Mentalidades e se constituiu enquanto campo investigativo conhecido como “Nova História Cultural”, a qual ampliou abordagens, sujeitos históricos, temas e problemáticas do campo histórico, sem “fugir” da história como ciência específica ou disciplina e possibilitou assim o contato interdisciplinar, como também o estudo das cidades a partir das problematizações.

⁴² (SIRINELLI, 2014, p.14-15).

é a relação dos homens com as coisas e os “objetos”⁴³.

Relação que ocorre por meio material, mas que também pode ter a ver com as sensibilidades, isto quando há a mudança para as culturas sensíveis, uma vez que “a apreciação sensorial da cidade não poderia, como se sabe, reduzir-se a uma arquitectura de pedra, isto é, a uma natureza morta. Ultrapassa em muita essa materialidade. Os seus ruídos, os seus odores e o seu movimento constituem a identidade da cidade, tanto quanto o seu destino e as suas perspectivas”. Tendo em vista que “cria-se na interação daqueles que habitam a cidade, a percorrem ou visitam e lhe conferem uma multiplicidade de sentidos”⁴⁴.

Importa destacar, que estes aspectos de apreciação da cidade, são aqui buscados visando um alinhamento com o entendimento de que compreender “as realidades do processo histórico local e regional é indispensável à construção da identidade do grupo humano. Além disso, satisfaz a necessidade de entender aquilo que está próximo de nós, diretamente relacionado à nossa vida social, econômica e cultural”⁴⁵. Sendo possível ainda, uma ligação com a “cultura política”, para pensar as tramas políticas “encenadas” nas mais diversas transformações, construções e eventos que perpassam o cenário da cidade de Gurjão entre as décadas de 1960 e 1990. Em razão de que,

O estudo da política, a partir da incorporação da noção de cultura política, deixa de se restringir às questões políticas formais, às práticas institucionais, às discussões centradas no aparelho de Estado e suas leis, considerando, conformadores da dinâmica interna das relações sociopolíticas entre os diferentes atores sociais (individuais e coletivos) e entre estes e o Estado, a exemplo de suas percepções, visões de mundo, valores e sentimentos⁴⁶.

É essencial salientar também que essa cultura, tem a ver com as questões apresentadas por Gurjão (2000), quando fala das “lutas” na feira de Campina Grande, tendo em vista que lá “as lutas entre duas facções políticas locais eram tão frequentes, que já faziam parte do cotidiano da cidade e suas manifestações desde a localização da feira a episódios marcados pela violência”⁴⁷, que pode se fazer presente em diversos ambientes, principalmente no ambiente de Gurjão.

Esse, a partir da possibilidade do estudo de uma cultura entrelaçada com o político e uma teorização das relações que permeavam as sociabilidades nos clubes sociais, já que havia uma “exclusão” do povo, principalmente dos negros no território do Salão do Mercado, não que fosse essencial um local para essas pessoas se divertirem, dado que essa representa o

⁴³ (ROCHE, 2000, p. 17-20).

⁴⁴ (CORBIN, 1998, p. 107).

⁴⁵ (CONSTANTINO, 2004, p. 176).

⁴⁶ (CITTADINO, 2007, p.53).

⁴⁷ (GURJÃO, 2000, p. 29).

espontâneo. Portanto, o ambiente construído para eles era o clube Guarany, mas para o lazer organizado, em virtude de que ele “se tornou o único espaço de lazer dos jovens menos favorecidos da cidade de Gurjão, logo, seria uma forma de escapar da dura realidade da vida sofrida desses personagens históricos, haja vista que, com o surgimento do espaço, haveria uma forma de utilizar o tempo livre nos festejos do clube”⁴⁸.

Salienta-se que “há um sentido social mais profundo para cada um dos espaços coletivamente construídos. E esses sentidos podem ser de lazer, prazer ou dor, dependendo de como cada um consome a cidade”⁴⁹. Considerando-se que, a memória “é sobre o espaço, sobre o nosso espaço, aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que, em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir — que devemos voltar nossa atenção”, em virtude de que “é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para reaparecer esta ou aquela categoria de lembranças”⁵⁰.

Por conseguinte, este texto visa apreender a cidade, considerando as sensibilidades, a partir dos habitantes que vivenciaram as histórias e os espaços apresentados, entendendo como se deram os momentos em um tempo específico, ou seja, as relações entre moradores, as emoções, a subjetividade de outro período, as modificações de sociabilidades com a chegada de novos elementos, em um lugar e em um espaço delimitado, a cidade de Gurjão das décadas 1960 a 1990, visto que é nesse período que ocorrem as modificações, que transformam um distrito em uma cidade, modificando os modos de sentir e de viver, sentidos inscritos nos modos de se entreter, sociabilizar e de “excluir” também nos clubes.

A metodologia desta pesquisa é a análise de conteúdo apontada por Bardin (1977), tendo em vista que essa representa “um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destas mensagens”⁵¹, portanto, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”⁵² utilizado para essa análise.

Possibilitando a análise das fontes, assim dispostas o livro de Atas da Câmara Municipal de 1962 a 1966 e de 1975 a 1983⁵³, imprescindíveis para analisar o que se desejava construir na cidade, ou seja, os desejos, os projetos, as discussões que fomentavam a

⁴⁸ (MACEDO, 2017, p. 43-44).

⁴⁹ (SOUZA, 2012, p.50).

⁵⁰ (HALBWACHS, 1990, p. 99-100).

⁵¹ (BARDIN, 1977, p. 42)

⁵² Ibidem, p. 31.

⁵³ Arquivo da câmara municipal de Gurjão, no qual existem 4 livros de atas com aproximadamente 100 páginas cada do período estudado.

necessidade de urbanizar de construir a partir de um projeto a cidade que se queria ter, assim como requerimentos pontuais diversas resoluções, como também duas edições da Revista *Avanti*: realidade dos municípios do nordeste, nos anos de 1973 e 1976, esta que trata sobre as gestões de prefeituras municipais, como também panfletos e projeto de prédio municipal.

O caderno de memórias de um morador da cidade⁵⁴, o qual fazia parte da elite local, era uma liderança política e educacional, cujo nome foi estampado em uma das primeiras escolas da cidade. Assim, escrito no ano de 1959, expõe acontecimentos do período, porém também anteriores e uma série de memórias que envolvem os diversos aspectos da vida de Gurjão, antes mesmo de sua emancipação, os quais podem ser valiosos “para a compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor, amizade, ressentimento, mas também marcadas pelos freios morais de determinadas épocas”⁵⁵.

Sendo “discursos de memórias que recompõem no tempo presente reminiscências e experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerram”⁵⁶. “Cabe, portanto, ao historiador problematizar o registro dessa memória individual, na qual o diário é ancorado, como alicerce para o estudo de experiências coletivas”, em virtude de que, a escrita pessoal se nutre do relato de acontecimentos coletivos que impactaram o diarista e fizeram parte da experiência vital de sua realidade”⁵⁷.

Em continuidade, serão utilizadas uma diversidade de fotografias, dentre as quais, as que apresentam cenários de sociabilizações, inaugurações e conquistas cidadinas⁵⁸, apreendidas com uma metodologia própria, uma vez que podem apresentar muitos aspectos captados em um dado momento e demonstrar diante de problematizações diversas, dados importantes de uma época, considerando quem e por qual motivo a fotografia foi feita, o que pretendia-se demonstrar e o que o historiador pode utilizar da mesma, pois sendo uma fonte histórica ela nunca será apenas uma foto e sim “um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”⁵⁹.

Dessa forma, “a análise das imagens fotográficas como documentos que permitem uma aproximação das práticas sociais com a sua dimensão simbólica, considerando as tensões e conflitos que, historicamente, permeiam as sociedades”⁶⁰, devendo ser percebidas como

⁵⁴ Arquivo pessoal da autora.

⁵⁵ (CUNHA, 2017, p. 253).

⁵⁶ (PESAVENTO, 2007, p. 19).

⁵⁷ (CUNHA, 2017, p. 259).

⁵⁸ Arquivos pessoais e do Museu fotográfico virtual de Gurjão.

⁵⁹ (KOSSOY, 2021, p. 45).

⁶⁰ (CABRAL FILHO, 2009, p. 33).

documentos, os quais atribuem significados ao imaginário social, informam sobre a cultura material de um período, qual seja, as transformações não só materiais, mas também simbólicas desse período, visto que “a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e por outro, atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar”⁶¹.

Proporcionando uma possibilidade de leitura e de visualidade dos acontecimentos, os quais em consonância com as outras fontes apresentadas, ampliam a possibilidade de representar o passado da cidade de Gurjão, visto que, era comum as fotografias dos considerados eventos importantes da cidade. Por isso, ser de extrema importância considerar na análise das imagens para que ela “[...] não seja descolada de seus contextos de produção, circulação, consumo, descarte e institucionalização”⁶².

Por último, tem-se a fonte oral, a qual necessita de uma metodologia específica, diferente das até aqui apontadas, visto que trabalha com a memória, “uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea”, a qual “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente”⁶³. Compreendendo que “como método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção especial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises”⁶⁴.

Diante de que “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental”, uma vez que “no próprio interior da esfera histórica o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição dos arquivos, ele ressurge no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagens”⁶⁵.

Por conseguinte, é importante salientar que os testemunhos se entrecruzam com a oralidade e que “a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro”⁶⁶. Foi necessária para esta pesquisa a presença de um conjunto de narradores que relataram acontecimentos passados,

⁶¹ (MAUAD, 1996, p. 11).

⁶² (LIMA, 2009, p.35).

⁶³ (ALBERTI, 2011, p. 155).

⁶⁴ (MEIHY, 2020, p. 72).

⁶⁵ (RICOUER, 2007, p.170).

⁶⁶ (PORTELLI, 2016, p. 16).

principalmente considerando as sociabilidades e uso dos espaços do “Salão do Mercado” do clube “O Guarany” e da “Fundac”, posto que vão apresentar a partir de suas vivências a questão que envolve a cultura política, mas também a de segregação dos populares urbanos e em sua maioria negras que só tinham direito a um dos dois territórios festivos da cidade. Sendo que,

[...] Uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas. Essa noção é particularmente desenvolvida em textos alemães, em que recebe o nome de "História de experiência" (*Erfahrungsgeschichte*) e aparece em combinação com a ideia de mudança de perspectiva (*Perspektivenwechsel*). Em linhas gerais, essa combinação significa o seguinte: entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas⁶⁷.

Assim, confrontando as informações entre os diversos documentos anteriores e a História Oral, é possível entender como as pessoas vivenciaram a experiência ou sentiram e representaram na sua memória, que pode diferir da ideia geral que se tem de algo. Configurando-se como a parte mais difícil da pesquisa, visto que para chegar ao final do trabalho, tem-se a preparação para a entrevista, a entrevista, o que o pesquisador encontra nela, que pode ser bem divergente de seus questionamentos, podendo acrescentar ou modificar o trabalho, em certos casos a definição da pesquisa.

É necessário entender que, “não se trata de sair com o gravador em punho e solicitar às pessoas que relatem suas vidas”, posto que “é preciso ter bem claro porque, como e para que se fará uma pesquisa utilizando história oral, e não adotar posturas ingênuas, como se imbuir da missão de "dar voz aos vencidos", ou esquecer que toda entrevista é "documento-monumento"⁶⁸. É essencial um trabalho cuidadoso e considerando uma série de fatores, já apontados, que farão diferença na construção da pesquisa. Pois, é um trabalho que também se atenta a memória e todas as discussões que ela suscita. Uma vez que, “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”⁶⁹. Sendo que, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. 'E porque, em realidade, nunca estamos sós’⁷⁰.

⁶⁷ (ALBERTI, 2011, p. 165).

⁶⁸ Ibidem, p. 189.

⁶⁹ (BOSI, 1994, 39).

⁷⁰ (HALBWACHS, 1990, p.16).

Portanto, com vistas a entrelaçar os arquivos com as narrativas orais, documentos que produzem uma sintonia quando costurados na pesquisa. As entrevistas foram realizadas com pessoas que, em geral, fizeram parte daquele momento em que as festas eram segregadas e ocorriam tanto no “Salão do Mercado” quanto no Guarany e na Fundac. As entrevistas iniciaram em um tom de conversa, para os entrevistados conseguirem narrar suas histórias da forma mais livre possível.

Ao todo foram ouvidas dez pessoas, dentre as quais quatro mulheres e seis homens. Tendo quatro diferenciais com relação à população em geral, o senhor José Vicente que é um dos nossos entrevistados foi e ainda é um locutor que fez parte de uma série de eventos da cidade, inclusive nesses clubes e é a pessoa que cuida da manutenção do clube da Fundac há mais de 40 anos. O senhor Jorge Luiz, foi um dos organizadores das festas na cidade de Gurjão a partir da década de 1980, este contando com o apoio de José Vicente e outros “sócios”, conseguiu em espaços como o Clube da Fundac e o Guarany, entre outros, realizar eventos atualmente ainda comentados com atrações musicais que faziam sucesso no período e com grande público.

Para além deles, houve contato com o senhor João Marques de Oliveira conhecido por Joca de Oliveira, que foi e ainda é um sanfoneiro da região, cantor e compositor, inclusive sendo esta uma entrevista bastante musical, deste que discorreu sobre sua experiência enquanto a pessoa que tinha a perspectiva de artista desses eventos. Assim, como Maria de Fátima, conhecida por ser organizadora dos mais diversos eventos no Clube Guarany, entre as décadas de 1980 e anos 2000, como também por ser participante ativa deste espaço e filha de Josefa que fez a alegria de muitas pessoas com seus “blocos”, “eventos” e “quadrilhas”.

Para além desses quatro, aconteceu a entrevista de mais seis pessoas, populares daquele momento, que foram participantes dos eventos e dos ambientes daquele período, são eles: Paulo Teixeira, Rita Emília de Lima, Alcina de Castro, Teodoro Borges Ramos, Maura (nome fictício) e Percilio Medeiros de Souza, os quais relataram suas experiências e as proibições ou o cenário de divisão que viviam para o seu divertimento na juventude. Narrativas de suma importância, as quais demonstraram toda a emoção e, ao mesmo tempo, a saudade de uma juventude que me possibilitou (re)viver as experiências e tudo que essas pessoas viveram naqueles espaços de lazer em sua juventude, lembranças e sentimentos, principalmente de momentos felizes e dançantes.

Portanto, com este conjunto de fontes a proposição desta pesquisa é delinear os capítulos, conforme os apontamentos abaixo:

No Capítulo I — A finalidade é apresentar a cidade de Gurjão, o município emancipado em 1962 e foi tomando forma, se construindo e modificando o sentir e o viver dos seus moradores, com os melhoramentos urbanos, mas também com as mudanças da sociabilidade. Para isso, serão analisadas como fontes, em especial as atas do poder legislativo e as fotografias.

No Capítulo II — A ideia é analisar as formas de lazer, diversão e sociabilidade na cidade de Gurjão, recém-emancipada. Falar do ritmo de forró caririzeiro como ritmo que atraia os corpos dos moradores “brancos” e “negros” aos clubes dançantes da cidade; com vistas a apreender essas atividades de forma “segregada”, não só pela cor da pele, mas também de forma política, haja vista existirem em Gurjão daqueles tempos, espaços de sociabilidade como o “salão do mercado”, ambiente de festa para os “brancos” e o clube o Guarany, construído por uma associação e um espaço construído e organizado pelos “negros”. Assim, como o clube posterior, ou seja, o centro cultural que se transformou em clube da Fundac e antes de unir “negros” e “brancos”, também dividiu, principalmente politicamente. Nesse momento, tendo como fontes indispensáveis e principais as fotografias e os relatos orais de memória.

No Capítulo III — O intento é focar exclusivamente na experiência de diversão dos moradores negros no Clube Guarany, de modo a dar visibilidade a esses corpos, suas sensibilidades, prazeres, subjetividades e práticas culturais dançadas ao som do forró no Cariri Paraibano, fundamentados em fotografias e narrativas dos moradores que foram frequentadores do referido Clube.

CAPÍTULO 1: ANTES DO SURGIMENTO DOS CLUBES SOCIAIS... NASCE UMA CIDADE

“Andar pela cidade é um prazer, e não uma tarefa perigosa. É um lugar onde as pessoas vivem empilhadas, em camadas, mas chamam seu apartamento de “lar”. Essa cidade possui suas próprias mitologias, que fazem das suas mais sinistras esquinas e mais vergonhosas atividades uma fonte inesgotável não de pânico moral ou medo, mas de emoção e suspense prazerosos”.

(JONATHAN CONLIN)

1.1 TRANSFORMANDO TIJOLO EM POVOADO

Há muito tempo Lavoisier (1743 a 1794), a partir de seus estudos, proferiu a famosa frase de sua teoria da conservação de massas que diz que na “natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Essas palavras impactaram a ciência demonstrando que a física não aceita criação espontânea de vida, em razão de que tudo está dado, só podendo ser transformado. Logo, considerando as teorias de criação do mundo, após o início, tudo é transformação, o tijolo foi construído do barro e ele é um dos materiais presentes na construção das cidades, gerando construções de moradia, mas também de espaços de devoção e sociabilidade, não sendo o tijolo ou o barro o material das primeiras cidades, todavia, da que hoje pretendo aqui falar sobre.

A cidade que estava se construindo especialmente pela unidade principal da moradia das pessoas, ou seja, a casa, esta que “estava no centro da vida comum, para todos. Ali podiam se encontrar, e às vezes se contradizer, a técnica, a economia, a cultura coletiva, a escolha pessoal, os deveres, os arranjos”⁷¹, sendo uma construção não só remetida ao tijolo pelo tijolo, porém das edificações construídas com tijolos, afetividades e sensibilidades, em razão de que as cidades também são edificadas pelas percepções de estar e de pertencer do homem.

Assim, tendo em vista que “a cidade não é apenas um objeto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades. Mas, um produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares” e “que apenas parcialmente é possível controlar o seu crescimento e a sua forma”⁷². É possível salientar que a cidade não começa do nada, uma vez que o local ao qual remetemos existia há milhares de anos, embora só tenha sido povoado, como

⁷¹ (ROCHE, 2000, p. 115)

⁷² (LYNCH, 1960, p.12)

relata Eliete Gurjão “no contexto da primeira metade do século XVIII, em 1733”, quando “ocorreu a doação da sesmária e instalação de fazenda de gado que constituiu o núcleo original de Timbaúba”⁷³, núcleo que ficava, por assim dizer, em um local de passagem, dado que “todos quantos, se dirigia a capital tinham que fazer o seu descanso ou dormida em Timbaúba do Gurjão”⁷⁴, muitos dos políticos se hospedavam na fazenda”⁷⁵.

A fazenda foi o local que deu início à povoação que dava seus indícios ainda no século XIX, tendo em vista que “antes do ano de 1890, mais ou menos, foi quando vim a conhecer Timbaúba”⁷⁶, já era povoação”, lugar onde “existia, naquela época, mais ou menos umas 10 a 12 casas. Sendo, uma dessas designada para o mercado público, sem ladrilho e sem rebôco” e “não existia casa comercial, apenas uma pequena bodega muito mal sortida aparecia naquela povoação”. Com relação ao local de devoção “a capela era grande, porém muito mal construída”⁷⁷, local construído após a segunda epidemia de cólera⁷⁸ que ocorreu no século XIX pelo Brasil, momento em que as pessoas de Timbaúba, de certa forma isoladas do resto do país e das notícias daquela epidemia, recorreram a promessas a São Sebastião, visto que esse é o santo defensor contra “a peste, fome e guerra”.

Período em que foi doado um patrimônio para construção da capela, conforme documento transcrito:

Escritura de doação para patrimônio da Capela do Senhor São Sebastião que se tem de erigir em Timbaúba deste Termo que fazem o Major Domingos da Costa Ramos e sua mulher Dona Emerenciana Maria de Paiva, por seu procurador Doutor Elias Elíaco Eliseu da Costa Ramos, o Coronel Antonio José Gurjão e sua mulher Dona Umbelina de Farias Gurjão, Galdino de Farias Souto e sua mulher Dona Inácia

⁷³ (GURJÃO, 2016).

⁷⁴ Antes de se chamar Gurjão, houve duas denominações uma era Timbaúba e a outra Timbaúba do Gurjão, a Timbaúba era uma árvore que existia em grande quantidade no local, já o Gurjão fazia referência ao Coronel da fazenda originária.

⁷⁵ (MARACAJÁ, 1959, p. 43)

⁷⁶ Denominação que se remete a uma planta que era encontrada em abundância na região, inclusive uma das árvores de maior porte da Caatinga.

⁷⁷ (MARACAJÁ, 1959, p.44)

⁷⁸ O Cólera-Morbus, foi uma doença epidêmica que espalhou-se pela Europa, mas também no Brasil, onde teve seu primeiro surto em 1856, o qual levou à morte mais de 140 mil pessoas, das quais 25 mil aproximadamente viviam na província paraibana. Uma doença que atingiu o povoado de Timbaúba e levando à morte um número significativo de pessoas, o que assustou uma população de certa forma isolada das notícias de outros locais distantes, pensando na doença como um “castigo” e na eclosão da segunda epidemia em 1862, os habitantes da povoação fizeram uma promessa a “São Sebastião”, a qual consistia na construção de uma capela, caso a epidemia acabasse e como foi o que ocorreu, foram doadas as terras e a construção da capela ocorreu antes do século XX. Para mais informações sobre as epidemias de cólera em âmbito geral. Cf. DINIZ, Ariosvaldo da Silva. Cólera: representações de uma angústia coletiva (A doença e o imaginário social no século XIX no Brasil). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1997, 518 fls. Para mais informações em nível estadual. Cf. MARIANO, Serioja R.C; MARIANO, Nayana R.C. O medo anunciado: A febre amarela e o cólera na província da paraíba (1850-1860). Revista de História e Estudos Culturais Fênix, v. 9, p. 1-20, 2012.

Francisca de Oliveira, José Carlos de Farias Gouveia e sua mulher Dona Antonia Caetana de Sant' Ana.

Saibam quantos este público instrumento de escritura de doação de patrimônio, ou como em direito melhor nome haja e dizer se possa, virem, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesús Cristo de mil oitocentos e setenta e um, quadragésimo da Independência do Império, aos vinte e cinco dias do mês de junho do dito ano, neste lugar Timbaúba, Termo e Comarca de São João, Provincia da Parahyba do Norte. “(folha 1 da escritura de doação, 1871)⁷⁹”.

Patrimônio erguido com o auxílio da população e das autoridades. Inicialmente construída a parte central e posteriormente as laterais de um dos locais que representava as primeiras relações de sociabilidade do povoado, tendo por festividades presentes nesse período, a saber: “a primeira, a de N. S. do Rozario em outubro, a outra a do Padroeiro S. Sebastião em 20 de janeiro”⁸⁰. Duas festas católicas, representando a maioria da população daquele período, herdeira das tradições e crenças dos colonizadores portugueses, mas que existiam com uma separação por cor, já que a do Rozário era a “festa dos negros” e a de São Sebastião dos “brancos”.

Naquele tempo as festividades já demonstravam um tipo de separação, tendo em vista que influenciadas pelas tradições católicas, mas também africanas, demonstravam a herança da escravidão na divisão dos festejos, em virtude de que “a do Rosário era de facto animadíssima, patrocinada pelos pretos que procuravam dar maior brilhantismo aos festejos”⁸¹, enquanto a do Padroeiro São Sebastião era programada pelos brancos, constituindo dois momentos representantes da essencialidade das sociabilidades do povoado.

Celebrações que também foram adotadas pelo distrito de Timbaúba elevado a essa categoria em 1921, tendo em vista que “em última análise, a sociabilidade é oposta e antídoto ao isolamento, à solidão existencial”, é uma interação em que “há o reconhecimento de uma alteridade e uma legitimação recíproca: de pertencimento a algum grupo social, sim, mas, em última instância, de uma suposta essência humana”⁸², conforme observada na fotografia a seguir.

⁷⁹ Escritura de doação para patrimônio da Capela de São Sebastião, 1871.

⁸⁰ (MARACAJÁ, 1959, P.44)

⁸¹ Ibidem, p.44.

⁸² (GUIMARÃES, 2008, p. 12)

Figura 1: Celebração de Missa na Igreja de São Sebastião



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Inês Coutinho

A fotografia acima retrata um momento celebrativo na Igreja de São Sebastião no distrito de Timbaúba. A imagem foi capturada provavelmente na década de 1930, segundo relato da atual dona da fotografia e retrata uma missa campal, observando que em sua maior parte as pessoas estão ajoelhadas, sendo este um rito anterior à comunhão na celebração que era realizada pelo padre naquele momento, o qual está postado na porta central da Igreja.

O clique foi capturado em um ângulo que a Igreja fosse o elemento central, assim como a fé católica, tendo em vista que é possível observar muitas pessoas ajoelhadas ou em pé participando da celebração. Para tanto, os fiéis estão segurando chapéus, o que indica que esses foram tirados de suas cabeças como uma questão de respeito. Ressaltando também a vestimenta utilizada que era em sua totalidade vestidos ou saias e blusas para as mulheres e paletó para os homens, roupa muito utilizada naquele período, principalmente em missas ou eventos religiosos que eram essenciais nas sociabilidades da época.

A partir da fotografia ainda estão presentes com fácil identificação os traços rurais que perpassavam a espacialidade do distrito, posto que, ao mesmo tempo que tem a Igreja, uma construção imponente para agradecer as “bênçãos” alcançadas, não se apresenta nenhum tipo de calçada ou calçamento, os quais são elementos importantes na delimitação da urbanidade. Outro aspecto interessante que marca a percepção dos traços rurais, era a falta de construções ao redor da Igreja, sendo que só existia um cemitério anexo de um lado e por trás uma pequena construção aparentando uma casa modesta, enquanto do lado esquerdo da construção só uma extensão de terreno sem construções e o detalhe de uma árvore grande no canto da imagem.

O evento religioso e tradicional, retratado na fotografia não era um evento dos que ocorriam no cotidiano. Uma vez que o ritual não estava acontecendo dentro da construção, assim como contava com um número significativo de pessoas. Estas, faziam parte das mais diversas faixas etárias, inclusive uma série de meninas com um véu na cabeça que possivelmente estavam lá com alguma finalidade especial. Como também havia a presença dos fiéis que para além do momento de sociabilidade e fé, celebravam com suas melhores vestimentas, algo importante para a “vida” do distrito.

Logo, considerando que “toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade”⁸³ e que ela “é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente”⁸⁴, a fotografia da celebração retrata com a intencionalidade de demonstrar a “grandeza” do momento, assim como a quantidade significativa de pessoas que saíram de suas residências, em sua maioria rurais, ou seja, se deslocaram a pé ou em lombos de animais, mas não faltaram ao momento de sociabilidade e de fé locais.

Um momento que reunia a grande maioria dos moradores, dentre os quais os que faziam parte da política, com mais precisão podemos citar um morador do distrito daquele período dos anos 1930 e que retratou não só questões presentes na análise da imagem, como também sobre o ambiente do distrito desde antes de possuir essa denominação. Os anos 1890 que representaram o momento que Raulino conheceu o lugar, conforme descrito no seu caderno de memórias, texto não publicado, apenas encontrado em um manuscrito, foi escrito entre os anos de 1959 a 1961, sendo um relato sobre pessoas, pensamentos e fatos daquele período por ele presenciados ou as memórias que ele teve da vila até distrito e suas modificações.

Escritos importantes a partir das perspectivas de “narrativas de fronteira entre o documental e a ficção, a qual são as crônicas de jornal que falam do urbano, ou os discursos de memórias que recompõem no tempo presente reminiscências e experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerram”⁸⁵. Nesse sentido, é possível não só narrar o momento religioso presente na imagem, como também entender um pouco que já existiam festividades antes do século XX, com divisões como a festa do “Rozario” que era uma festa patrocinada pela população negra, assim como organizada por eles, principalmente em sua parte social, com os batuques e outros instrumentos, enquanto os brancos organizavam as festividades do padroeiro São Sebastião.

⁸³ (KOSSOY, 2021, p. 51)

⁸⁴ Ibidem, p. 172

⁸⁵ (PESAVENTO, 2007, p. 19)

Essas festividades, já existentes há muito tempo e aqui narradas brevemente, por Raulino Maracajá⁸⁶, um membro da elite, líder político, uma vez que foi vereador da cidade de São João Cariri no ano de 1909⁸⁷, certamente defendendo os interesses do povoado em que nasceu e para onde retornou, após seus estudos, acumulando para além desse cargo a função de fazendeiro, como também por vezes de juiz de paz e um incentivador da educação, sendo que por esse motivo teve o nome estampado na primeira escola construída no município.

Narrador que fez parte dos primeiros passos da formação urbana e que tinha crenças, assim como as católicas que não “abandonaram” nenhuma fase das transformações do local, esse que não seria um “eterno povoado”, já que nos idos do ano de 1921 do século XX, pertencendo ao município de São João do Cariri foi criado o distrito com a denominação de Timbaúba pela Lei estadual nº 540, de 18 de novembro de 1921. O distrito teve uma “vida longa”, crescia e tinha um desenvolvimento peculiar considerando a teoria dos estratos do tempo apontada por Kosseleck que demonstra a “sua capacidade de medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando visíveis os diferentes modos de mudança, que exibem grande complexidade temporal”⁸⁸.

Mudanças apontadas por diferentes situações, dentre as quais as transformações que constituem um distrito, assim como as que apontam os vestígios da construção ou da constituição de uma cidade, que é formada a partir de um caminho não só estrutural, mas também burocrático, sonhado e político. Construir uma cidade é uma intenção social e, ao mesmo tempo, política de preparação, planejamento e busca incessante, por melhores condições, status e palco.

1.2 ASPIRANDO À EMANCIPAÇÃO

⁸⁶ Nasceu na Fazenda Arara, Município de São João do Cariri, no dia 15 de setembro de 1879, numa segunda-feira, às seis horas da tarde e desencarnou no dia 21 de novembro de 1961 na Fazenda São Domingos, de sua propriedade, no então distrito de Gurjão. Estudou em São João do Cariri, Batalhão (atual Taperoá), e Recife, lá desistindo dos estudos e retornando ao Cariri, casando-se, morando inicialmente em Taperoá, mas depois retornando a Gurjão, onde herdara a fazenda Nova Vista de seu sogro, lá desenvolvendo atividades agropecuárias, comerciais e industriais. Participava ativamente da vida na comunidade, exercendo até a função de Juiz de Paz. “Deixou centenas de trabalhos literários, escritos à mão, “com caneta tinteiro e mata borrão”, em cadernos grossos (tipo Livro Razão), que geralmente dedicava às pessoas de quem gostava e admirava”.

⁸⁷ Informação encontrada no LAEMMERT, Almanak. Administrativo. Mercantil e Industrial (RJ)-1891 a, 1940. Ano 1909\Edição B00066, p. 722. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=39821&url=http://memoria.bn.br/docreader>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

⁸⁸ (KOSSELECK, 2014, p. 22).

Trinta anos após a elevação a distrito, foi possível perceber as primeiras aspirações emancipatórias. Isto posto, nos anos 1950, no qual o distrito foi elevado a essa categoria em 1921 e naquele período já denominado de Gurjão, contando com uma população total de 2.965 habitantes em sua maioria da zona rural, formava com mais 10 distritos, dentre os quais o de Santo André que havia sido criado pela lei n° 533, de janeiro de 1921 e possuía uma população de 2.814 habitantes, majoritariamente rural, o maior município do Estado da Paraíba localizando-se na “Zona Fisiográfica do Cariri Velho”, com uma superfície que representava 6,58% do território paraibano” e tendo por nome São João do Cariri. Esse, que possuía uma população naquele contexto de “31.778 habitantes”, dos quais 88,7% eram moradores da zona rural⁸⁹.

Conforme as informações apresentadas, há a possibilidade de observar não só no distrito de Gurjão, mas também no município de São João do Cariri de forma geral a quantidade de habitantes na zona rural, caracterizando nesse período o modo de vida desse local como um modo de vida lento, que se liga expressamente ao universo rural, visto que são intrínsecos os aspectos de ruralidade no início de formação das cidades, principalmente das pequenas.

Considerando a interlocução entre campo e cidade, essas que “são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”, dado que há “uma experiência social concreta não apenas no campo e na cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas”⁹⁰. Estas que corroboram para uma cidade que também é bucólica⁹¹.

Um espaço com ares calmos, uma certa tranquilidade, mesmo que exista algo como “o contraste entre campo e cidade, é, claramente, uma das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade”⁹², as crises que também são o motivo de construção dos lugares que ficam no intermédio entre o campo e a cidade.

Naquele contexto, era possível fazer a ligação dos traços de ruralidade do local “Timbaúba, hoje Gurjão, já sendo vila, foi construído um grande açude no governo do senhor José Américo de Almeida (1887 – 1980), vindo dar grande progresso a essa vila com muitos

⁸⁹ Os dados foram obtidos na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1960, p.372-373).

⁹⁰ (WILLIAMS, 1989, p. 387)

⁹¹ Expressão presente na literatura desde a Antiguidade Clássica e analisada em suas mais diversas formas e modificações, principalmente na literatura inglesa, por Raymond Williams, quando este estuda o conceito e a forma como o campo e a cidade são retratados, perpassando o campo literário e adentrando em questões históricas e políticas dos momentos estudados.

⁹² (WILLIAMS, 1989, p. 387)

prédios já concluídos e outros em construção”, açude que foi posteriormente à sua construção moeda política, conforme Raulino expõe sua construção em um panfleto político na disputa de senadores do ano de 1958, enfatizando a necessidade do voto da população de Timbaúba em José Américo de Almeida. Tendo em vista que “a barragem por êle construída, em que dispendeu mais de três milhões de cruzeiros, no subúrbio desta localidade, evitando que a população viesse em verdadeira romaria à procura de cacimbas infectas de águas poluídas” é um bem maravilhoso, sendo “o bastante para que o povo desta terra, em homenagem ao seu grande benfeitor, sagre o seu nome nas urnas só assim se torna digno de si e de sua gratidão”⁹³.

É possível perceber que o então distrito já vinha tomando forma e para além de um açude construído no ano de 1951, como parte do projeto de José Américo de Almeida, o qual procurou “legitimar o discurso de que a problemática do desemprego no estado paraibano, durante esse novo período de seca, estaria ligada à falta de açudes nas propriedades particulares, deixando claro que os fazendeiros receberiam do Estado todo o apoio necessário para essas construções”⁹⁴. Também era possível observar a existência de “um mercado particular bem regular, uma agência de correio, está criada por “Dr. José Gaudêncio,⁹⁵ uma escola pública criada por intermédio do Dr. Arquimedes Souto Maior⁹⁶, um grupo escolar e uma boa luz pelo saudoso Joaquim Gaudêncio, durante o seu governo na prefeitura”⁹⁷, benesses todas conquistadas na época de distrito, principalmente a partir dos anos 1940.

Década singular para a história do lugar, em virtude de que é nos idos de 1947 que pela lei estadual nº520, que surge a denominação para o município de Gurjão. Foi também um período em que as “forças” políticas, em sua maioria os “Maracajás e os Queiroz” que eram as famílias influentes do período no distrito, começaram a buscar uma emancipação e, conseqüentemente, a construção de uma nova cidade. Esse que possivelmente era um sonho alimentado pelas classes que compunham a elite do lugar, as quais teriam o maior beneficiamento.

Conforme a afirmação de Raulino Maracajá, um membro da elite política, que diz que “Agora, acha-se Gurjão, à frente de um grupo de homens moços, inteligentes e nobres que

⁹³ Panfleto político ao povo de Gurjão de 23 de setembro de 1958.

⁹⁴ (BARBOSA, 2012, p. 184 e 205).

⁹⁵ Era Advogado, Juiz, Promotor de Justiça, como também político, senador da Paraíba no ano de 1930 e deputado por diversas legislaturas. Tinha ligação com a política do distrito de Gurjão, uma vez que Gaudências e Britos protagonizavam as famílias oligárquicas que brigavam pelo poder de São João do Cariri e seus distritos, conforme exposto na pesquisa: MOREIRA, Márcio Macêdo. Entre Britos e Gaudências: cultura política e poder familiar nos cariris velhos da Paraíba (1930-1960). 2012. 223 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

⁹⁶ Secretário de Segurança do Estado da Paraíba, no ano de 1930.

⁹⁷ Joaquim Gaudêncio foi eleito prefeito em 1947 da cidade de São João do Cariri e foi por esse período que inaugurou o motor de energia no distrito de Timbaúba. Citação retirada de (MARACAJÁ, 1958, p.46).

poderão compreender a sua necessidade, para dar-lhe, de dia a dia o seu desenvolvimento de prosperidade, do que é muito merecedor”, uma vez que, segundo o escritor “há um século que acha-se escravizado, é chegada a hora de libertá-lo do jugo que o domina”, concluindo que “portanto, os que se acham na sua frente, não deverão cruzar os braços para vir logo a sua emancipação, tão almejada pelos seus filhos, e tão prometida pelos políticos, dominantes”.⁹⁸

Depreendendo-se, o sentimento pelo menos de um dos membros da elite de vontade de “libertação”, do distrito que segundo ele já tinha um século de “escravização” e necessitava de uma separação, notadamente para que as famílias que antes eram coadjuvantes da política em São João do Cariri em termos gerais, pudessem conquistar o protagonismo que gerou um “poder” sempre almejado entre os políticos, em virtude de que “o poder utiliza, aliás, meios espetaculares para marcar sua entrada na história (comemorações), expor os valores que exalta (manifestações) e afirmar sua força (execuções)”⁹⁹.

Dessa maneira, compreendendo o escritor também como um político, seu entendimento com relação ao poder e seus desdobramentos era também uma necessidade de visualizar as “execuções” que afirmariam as forças políticas do local em que “famílias do poder buscaram a conciliação para satisfazer a população de “suas” devidas cidades e legitimar seus domínios” como foi o caso da busca de emancipação de Serra Branca que também era distrito de São João do Cariri, e fez parte das “corridas” que existiram “a partir de 1956” quando “vários deputados estaduais buscaram emancipar distritos. Álvaro Gaudêncio buscou uma conciliação com Tertuliano para emancipar Serra Branca e devolver a sede da comarca para São João do Cariri”¹⁰⁰.

Assim como, outros lugares que seguiam a necessidade de também se construir enquanto cidade, isto é, os até então distritos do “Congo, Gurjão e São José dos Cordeiros” que “também se viam na necessidade de emanciparem-se”. Estes que almejavam “além de fortalecer a identidade cultural de cada município, a autonomia política e judicial era a garantia da vinda de recursos próprios para as regiões”¹⁰¹, fortalecendo inclusive “o poderio político” que “não aparece unicamente em situações excepcionais” já que “ele se quer inscrito duravelmente, imortalizado em uma matéria imperecível, expresso em criação que manifestam sua “personalidade” e seu brilho”¹⁰².

⁹⁸ (MARACAJÁ, 1958, p. 46)

⁹⁹ (BALANDIER, 1982, p.10)

¹⁰⁰ (MOREIRA, 2012, p. 169)

¹⁰¹ Ibidem, p. 169.

¹⁰² (BALANDIER, 1982, p. 10)

Sendo, este efeito de brilho relegado aos que faziam parte da luta pela emancipação, os quais possivelmente consideravam marcar a história almejando a emancipação que para além do que já foi apresentado, era também um “merecimento” que segundo Raulino ficaria a cargo dos homens moços e deveria sair apenas do campo das promessas e seguir a linha de outros tantos lugares. Isto, gerando “autonomia” e fortalecimento da identidade cultural do lugar que seria então uma nova cidade a se construir. Cidade que “nasceu”, a partir de muitos esforços que não foram vistos pelo escritor, visto que este faleceu antes do ocorrido, isto é, a emancipação política de Gurjão, um episódio que ocorreu alguns anos após suas palavras. Momento que marcou o início da concretização do tão almejado e batalhado sonho.

1.3 REALIZANDO O SONHO

Era 1962, constava no poder o presidente que instituiu o 13º salário, João Goulart, o último presidente eleito antes de instaurada a ditadura militar no ano de 1964 e que inclusive foi deposto naquele período. Era período do Acre ser transformado em Estado brasileiro, como também do “nascimento” de uma cidade no Estado da Paraíba, uma nova cidade “feita de sonhos e desejos. Sonhos e desejos que um dia se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre”, porém “sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens”¹⁰³ e a nova moradia das pessoas de Gurjão.

O projeto de lei de número 388 de 1959, ou seja, o ano em que foi recebido na Assembleia Legislativa da Paraíba, sendo levado e assinado pelo deputado estadual Nivaldo de Farias Brito¹⁰⁴. Constava naquele projeto, uma documentação, dentre as quais o parecer da comissão de negócios municipais “concluindo pela aprovação do projeto nos termos que está redigido”. No período da proposição emancipatória, “o distrito de Gurjão, tem cento e oitenta e cinco propriedades (185) com onze mil duzentos e doze hectares (11.212 hec)”, isto sem computar “as situadas no perímetro urbano”. Com relação ao “perímetro urbano” existiam “169 casas” e “15 casas comerciais”, dentre as quais “2 de tecido, 3 de miudezas, 1 com secção de

¹⁰³ (REZENDE, 2019, p.27)

¹⁰⁴ Foi Deputado Estadual e era filho de Tertuliano Brito, político que “viveu e participou da atividade política, como se exercesse um sacerdócio. Ninguém mais fiel, ninguém mais leal. Política para o Deputado Tertuliano Brito era uma religião. Foi um Liberal e Pessedista a vida inteira. Quer chovesse, quer fizesse sol. Manteve uma liderança pessoal e partidário que desafiou o tempo e as circunstâncias, nem sempre favoráveis” (QUEIROZ, 2002, p.456)

drogas e 9 mercearias com estivas, cereaes, ferragens etc”¹⁰⁵, perfazendo para além das construções tanto urbanas quanto rurais, uma população “total de 4. 857 habitantes”¹⁰⁶.

Relatório constituído pelos órgãos do município de São João Cariri, os quais ainda acrescentaram que as construções públicas existentes no distrito eram “uma escola primária estadual, um posto fiscal estadual, uma agencia postal, um sub-comissariado de polícia, um cartório distrital e um núcleo rural”, lugares que faziam parte do distrito e tornaram-se os prédios do município de Gurjão. Posto que, o sonho da emancipação foi realizado, diante de que um novo município foi criado pela lei estadual de nº 2747, de 02 de janeiro de 1962, publicada no Diário da União na quarta-feira, 03 de janeiro de 1962 e assinada pelo governador do período, Pedro Gondim¹⁰⁷.

A publicação da lei integralmente diz no seu artigo 1º que “é criado o município de Gurjão, com sede na vila do mesmo nome, elevada à categoria de cidade”. Município delimitado no mesmo artigo em parágrafo que diz “o município de Gurjão que ora é criado, fica constituído dos distritos de Gurjão e Santo André, com as alterações sôbre limites constantes da presente Lei, desmembrados do atual município de São João do Cariri”, tendo a liberação de um crédito no valor de “300.000,00 (trezentos mil cruzeiros)”¹⁰⁸. Crédito enviado para a nova cidade que teve significativa modificação experimentada de diferentes formas pela população, a de elite conseguiu o “poder” tão pretendido para si, enquanto o restante da população sentiu as modificações em diferentes contornos.

Havia um sentimento diferente com a nova situação política que se instalou na cidade. Esse era considerado o primeiro passo para a edificação de um lugar que já existia, um lugar que como apontado no relatório de emancipação já tinha população, residências e comércio, assim como locais para o lazer e sociabilidades, naquele momento, em especial as festas religiosas, as quais indicavam uma separação de santos por cor, uma vez que a festa do Rosário era o lugar dos “pretos” e a festa do padroeiro era dos “brancos.

Logo, era esse o pano de fundo da nova cidade que se construía. Era um lugar com traços marcantes de ruralidade, mas a emancipação foi o pontapé inicial de uma série de elementos tidos como “modernidades”, as quais faziam parte de outros espaços e iriam chegar na vida dos residentes, da forma singular ou em um ritmo de instalação de equipamentos modernos como a luz elétrica, o cinema, etc., os quais mudaram o cotidiano e a sociabilidade, proporcionando a

¹⁰⁵ (PARAÍBA (PB), 1962)

¹⁰⁶ Ibidem, 1962.

¹⁰⁷ Foi professor, advogado, agricultor e político. Foi Deputado Estadual, Vice-Governador e Governador do Estado da Paraíba na legislatura de 1961 a 1966.

¹⁰⁸ (PARAÍBA (PB), 1962)

“modernização”, das pequenas cidades, que não deixaram de almejar o “progresso”, conforme a perspectiva de Aranha (2005). Uma cidade rural, mas que, ao mesmo tempo, estabeleceu conexões com a vida adiantada, com o processo de modernização.

1.4 VIVENDO O SONHO EMANCIPATÓRIO

Eis que o sonho começa a se materializar, em termos da elite política, já que “quando foi em 1962 teve a candidatura de Seu Binha¹⁰⁹ e Ademar Moraes. E, João Medeiros era o braço forte de Ademar Moraes e o vice de seu Binha era Felon Medeiros. Aí teve a campanha e era muito arrojada”, mas, “seu Binha ganhou em 62 a primeira vez que ela passou à cidade”¹¹⁰. Logo, são com essas palavras de um agricultor que vivenciou o momento e se refere a Gurjão como a “ela que passou à cidade”, assim como também com vistas a alcançar um tipo de “progresso” que só começou a se concretizar após oito meses de espera para o resultado da primeira eleição, em virtude de que foi esse o período de intervalo da tão sonhada publicação da emancipação política no diário oficial do dia 03 de janeiro de 1962 para a eleição municipal ocorrida no dia 07 de outubro de 1962, a primeira ocorrida no município de Gurjão e que elegeu prefeito, vice-prefeito e sete vereadores para a legislatura.

Uma eleição inaugural, ocorrida em uma disputa que os “qualificados”¹¹¹ votaram, e que ainda aguardou mais dois meses para a posse dos eleitos, instaurada a partir de quando “Has vinte e cinco (25) dias do mês de novembro de mil novecentos e sessenta e dois, às 12 (doze horas), no edifício da câmara de vereadores na cidade de Gurjão” estiveram reunidos “os vereadores para tomarem posse em seus respectivos cargos”¹¹². Como também, os “Srs Sebastião Borges Coutinho e Felon Medeiros, prefeito e vice-prefeito eleitos no pleito de 07 de outubro”.¹¹³

Naquele dia foram empossados os primeiros governantes do município de Gurjão. Assumiu o cargo de prefeito pelo partido PDC, Sebastião Borges Coutinho. Esse político, já havia sido candidato nas eleições de 1951, na cidade de São João do Cariri, município do qual Gurjão era distrito. Uma candidatura em que não logrou êxito como na de 1962, embora que “os Britos apoiaram a candidatura de Sebastião Borges Coutinho, político de Gurjão que

¹⁰⁹ Sebastião Borges Coutinho

¹¹⁰ Entrevista concedida por Paulo Teixeira dia 20 de maio de 2022.

¹¹¹ Até a constituição de 1988, analfabetos eram proibidos de votar. Em 1960, Jânio Quadros, só conseguiu mobilizar 10 % da população. Logo, qualificados eram as pessoas aptas a votar que pensando na nova cidade de Gurjão, deveria ser um pequeno número de pessoas letradas.

¹¹² (ATA, 1962, p. 1)

¹¹³ Ibidem, p. 4.

perdera as eleições para vereador em 1947. Filiado ao PSD, ele tinha a missão de conquistar os votos nos distritos que tinham fortes cabos eleitorais da família Gaudêncio como os Macacajás”¹¹⁴, ou seja, seu objetivo em 1951, era conseguir os votos dos distritos, tendo em vista que naquele período Gurjão ainda pertencia a São João do Cariri, uma demonstração de que ele já possuía um histórico político e um apoio de certas lideranças.

Em 1962, para trabalhar com Sebastião Borges Coutinho, também tomou posse eleito em eleição paralela o seu vice Felton Medeiros. E, para compor o poder legislativo assumiram os cargos, José Martinho Cândido de Castro, José Anchieta Maracajá Coutinho, José Matias de Oliveira, José de Medeiros Ramos, Francisco de Araújo Souza, Luiz Gonzaga Nóbrega de Freitas e Nemésio Farias de Souza.¹¹⁵Esses compuseram a primeira formação da representação política local. Os primeiros políticos do município e do seu distrito, os quais, assim como a cidade que iniciava, também usufruíam de sua primeira experiência como legisladores.

Tendo em vista que nenhum dos homens citados havia exercido qualquer cargo político na cidade de São João Cariri ou em qualquer outra cidade. No evento, tanto tomando posse como assistindo, foi possível listar figuras que ocupavam a representação ou liderança local “extraoficial” e que no momento passaram a “comandar” oficialmente. Também pela ata de posse, foi possível notar a presença de representantes da política estadual e dos partidos PTB¹¹⁶, UDN¹¹⁷ e PDC¹¹⁸, os quais deveriam representar os partidos de ligação dos políticos locais com a política ao nível mais amplo.

E, foi assim que a “largada” foi dada e se iniciou o processo dos sonhos, das possibilidades e da construção da cidade. As sessões que visavam discutir sobre esses e outros assuntos de interesse da população começaram a acontecer em uma “sede provisória, a rua principal da cidade em prédio de propriedade do Sr. Antônio de Farias Gurjão”¹¹⁹, este que não era político, contudo era parte integrante da pequena parcela da população letrada da cidade e tendo conhecimento das necessidades do funcionamento da câmara municipal de Gurjão, cedeu o prédio no primeiro ano, uma vez que em 1963, “a sua sede provisória” ficava localizada “à rua principal de Antônio Gomes”¹²⁰, esse outro senhor que era um fazendeiro local e percebia

¹¹⁴ (MOREIRA, 2012, p. 152)

¹¹⁵ Composição Executiva e Legislativa do município de Gurjão no período de 1962 a 1966. Empossada no dia 25 de novembro de 1962. (ATA, 1962, p. 1-4)

¹¹⁶ Partido Trabalhista Brasileiro

¹¹⁷ União Democrática Nacional, partido fortemente conservador e opositor de Getúlio Vargas.

¹¹⁸ Partido Democrata Cristão.

¹¹⁹ (ATA, 1963, p.5)

¹²⁰ Ibidem, p.9.

a necessidade do funcionamento da câmara, a qual traria para a pauta projetos que contribuiriam para o melhoramento, o crescimento e a modernização da cidade que se queria construir.

Sendo esse espaço um dos primeiros ambientes da nova cidade que visava as modificações, tais quais sentidas não só por essa classe política, mas também de uma forma geral pela população, como Dona Alcina que contou que “após a emancipação, graças a Deus, apareceu muitas coisas, o prefeito arranjou a luz elétrica e calçamento”¹²¹. Fato também experimentado por Seu Paulo que relata que a vida naquele momento “Melhorou, tudo foi melhorando... nesse tempo começou... foi crescendo, foi calçando-o quem começou a calçar Gurjão, foi ele”¹²², uma vivência do primeiro governo e de um processo que foi experimentado por todos os que viveram aquele momento, que se perfazia em um “mundo” que “era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo”¹²³.

1.5 DENOMINANDO LUGARES

Logo, surgia a necessidade de um novo ar de urbanidade, tendo em vista que “a cidade está sempre em movimento” e compreendendo que “a dialética entre o novo e o velho ganha dimensões incríveis”, em razão de que “ela não cessa, então, de ser reconstruída”¹²⁴ ou nesse caso de ser construída no movimento constante de obras erguidas com o tijolo e o cimento que faziam uma “separação” tênue entre o rural e o urbano, conforme o projeto de lei nº 5/63 exposto na 1ª sessão de 1963 de autoria do então Prefeito do município Sebastião Borges Coutinho.

Projeto que buscava os primeiros “nomes” da cidade, já que tratava de solicitação que “denomina ruas, avenidas e praças nas principais artérias da cidade e autoriza a colocação de placas de denominação e numeração e dá outras providências”. Este projeto de lei nº 5/63, que foi aprovado por unanimidade na sessão de 03 de outubro de 1963¹²⁵, foi um indício, por ser um dos primeiros colocados para a votação na nova casa legislativa, mas também por remeter à denominação de ruas nas principais artérias da cidade. Considerando que o “o nome é sempre mais que um signo. Ele está de tal forma amalgamado com aquilo que representa, que nas mais

¹²¹ Entrevista concedida a autora por Dona Alcina de Castro no dia 12 de maio de 2022.

¹²² Entrevista concedida a autora por Paulo Teixeira no dia 20 de maio de 2022.

¹²³ (MARQUEZ, 1985, p.7)

¹²⁴ (REZENDE, 2016, p. 31).

¹²⁵ 1ª sessão extraordinária no dia 3 de outubro de 1963. (ATA, 1963, p.5)

diversas culturas sua escolha nunca é deixada à obra do acaso, pois o nome traduz [...] a essência de quem ou daquilo que nomeia”.¹²⁶

Pensando na identidade do lugar, a partir das “artérias principais”, as quais se encontravam no centro da cidade, o qual “foi, por muito tempo, o cartão de visitas”, deixando as marcas que “funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade”. Considerando que, “os nomes dos logradouros públicos não são somente um meio de referência local, mas têm a ver com um contexto específico cultural e também de relações de poder, simbolizados a partir das vontades e anseios”, principalmente dos habitantes que estão no poder, mas também “entre os habitantes que vivem e respiram o lugar”¹²⁷, os quais escolhem nomes que marcam a cidade, sendo uma dentre essas marcas no caso da cidade de Gurjão, a nova nomenclatura das ruas que compunham “o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem”¹²⁸.

Lugar não só de passagem das pessoas, no entanto, remetia também aos mais diversos meios de locomoção, dentre os quais as carroças, os animais e os carros que frequentaram o lugar em algum momento do distrito ou da cidade. Inicialmente, é possível relatar a nova nomenclatura dos ambientes da cidade, em especial do local, que era conhecido como “rua principal”, por ter essa função desde antes da emancipação. Mas, que quando o local se transformou em cidade teve por bem propor-lhe para o ambiente uma nova, já que o nome conhecido, qual seja, “rua principal” era “incapaz” de formar a identidade e se encaixar nos sonhos de urbanidade almejados.

Urbanidade que necessitava de nomenclaturas, conforme vai se desenhando abaixo as denominações de Avenida Antônio Coutinho, Praça Professor Luiz Correia de Queirós, Rua: Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Rua: Major Domingos da Costa Ramos, Praça Coronel Gurjão, Rua: Cônego João Marques Pereira e tantas outras que formavam a identidade do lugar, a partir dos critérios elencados a seguir.

Iniciando com a “rua principal” que não evidenciava ou “exaltava” ninguém, mas apenas informava o local principal da cidade, sendo então modificada a nomenclatura para Avenida Antônio Coutinho. Esse, um habitante originário de Pernambuco que “contraiu núpcias com uma filha do Sr. Vicente Borges”, acontecimento anterior ao ano de 1901, em virtude de que aquele foi o ano em que passou a residir na “fazenda Água Fria”, local em que viveu até o resto de seus dias e marcou a vida de diversas pessoas.

¹²⁶ (MATA, 2005, p. 119)

¹²⁷ (SANTOS, 2016, p.193)

¹²⁸ (PESAVENTO, 2008, p.4).

Rendendo para ele a homenagem e o reconhecimento que fez seu nome vigorar na rua principal da cidade de Gurjão, possivelmente por sua contribuição na área da saúde, visto que, havia pouquíssima assistência, devido à falta de médicos e a localização da cidade, enquanto ele, para além de exercer sua função de fazendeiro e dedicar-se à “plantação de algodão” e “criação de gado”. “Dedicou-se também e com uma felicidade admirável nos tratamentos de muitos males pela homeopatia, de que era um grande conhecedor, obtendo curas admiráveis, contando com uma enorme clientela, não só neste município como em outros”, possuindo uma fama que perpassava distâncias de quilômetros de sua casa, dado que “era chamado para tratar de doentes ocasionalmente, afastando-se dos seus afazeres meses inteiros, ficando a sua esposa e filhos na administração dos serviços que com perícia resolviam”¹²⁹.

Uma rua que apesar da denominação só veio obter seu calçamento bastante tempo depois, na gestão do prefeito José Anchieta Maracajá Coutinho entre os anos de 1970 até janeiro de 1973. Essa, que fora mencionada na *Revista Avante*, a qual assim descrevia seus objetivos: “através de fatos e fotos, documentamos o processo de difusão dos seus administradores municipais, mostrando em cada página, a consciência dos prefeitos perante o povo”.

Assim, podemos entrever que a visão apresentada partia dos prefeitos e de suas visões das obras realizadas, assim como mediante um pagamento pela reportagem visando os próprios interesses. A revista fazia parte da “empresa jornalística dos municípios Ltda.” e “circulava gratuitamente entre todos os municípios do Nordeste, além de repartições públicas”, possuindo uma “tiragem de 15.000 exemplares”¹³⁰, com uma relativa circulação, mas não tão abrangente para a população, considerando o tanto de prefeituras apresentadas e o número de impressões.

Nesse exemplar impresso, com o propósito de envolver os leitores, a cidade de Gurjão foi descrita como uma cidade em desenvolvimento, posto que “a atual administração não tem desanimado e vai marcando sua trajetória com alguns melhoramentos que representam o resultado do espírito de trabalho, numa prova autêntica do seu valor”, a qual seria “voltada para o soerguimento municipal e o bem-estar de todos”.

É importante ressaltar que se vivia o período da ditadura militar no Brasil¹³¹ e isso também perpassa a retórica do redator e as ações da Prefeitura naquele momento, como, por exemplo, “a criação da Bandeira do Município, numa primeira etapa do movimento de civismo

¹²⁹ (MARACAJÁ, 1959, p. 48).

¹³⁰ Apresentação do diretor da Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1972. Ano 8. N° 8. P. 4

¹³¹ A ditadura militar foi um período em que os militares estiveram governando o Brasil, entre 1964 e 1985. Foi um dos momentos mais tensos da história brasileira, período marcado por falta de liberdade, uso da tortura contra opositores políticos e prática de terrorismo de Estado. Era sustentado por atos institucionais e teve um saldo de muitos mortos e desaparecidos.

entre os alunos, sendo comemoradas todas as datas cívicas”¹³², as quais eram preponderantes no nacionalismo pregado pelo governo ditatorial e deveriam chegar a toda extensão brasileira, principalmente nas novas gerações, embebidas de palavras de civilidade e ordem.

Com relação à cidade que se desenvolvia, segundo o redator, “apesar da Prefeitura contar quase que somente com os recursos provenientes do fundo de participação, como acontece em muitos municípios de idênticas condições ao de Gurjão”¹³³ se destacou por algumas obras públicas, dentre as quais a pavimentação de algumas ruas da cidade, em especial, a avenida principal, denominada de Avenida Antônio Coutinho, como identificada na imagem que segue.

Figura 2: Pavimentação da Avenida Antônio Coutinho



Fonte: (Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1972. Ano 8. n° 8. p. 94).

A pavimentação da cidade, segundo o editor da revista, representava “também o termômetro da administração municipal, determinando as obras de real necessidade para que a comunidade pudesse almejar um desenvolvimento mais acelerado”¹³⁴, uma vez que elas possibilitavam o melhor tráfego de automóveis — certamente os poucos que existiam ou que visitavam a cidade — e de pessoas, as quais contribuiriam para a modernização, assim como traria mais comodidade e conforto para os moradores, principalmente em tempos chuvosos que não acarretariam mais lama para os pés. Sendo essa uma das primeiras denominações de ruas,

¹³² Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1972. Ano 8. N° 8. P. 93.

¹³³ Ibidem, p. 93.

¹³⁴ Ibidem, p. 93.

porém não tão logo calçada, visto isso só ocorrer depois de 1970, mas com a denominação que não era única, principalmente que remetesse a um homem ou a um político “venerado” por outros políticos, já que esses eram os responsáveis pela denominação das ruas.

Denominação referente a uma das ruas principais da cidade, em obra que perpassou mais de uma gestão da prefeitura municipal, dado que, foi uma obra também importante na gestão que se seguiu, tendo em vista que a edição de 1976 do prefeito seguinte continuou a “exaltar” a obra de calçamento das ruas, conforme o texto que diz que “o atual prefeito é responsável pela implantação de aproximadamente 8.000 metros quadrados de calçamentos beneficiando o Largo da Matriz. Largo da Praça Luiz Queirós e adjacências”¹³⁵, Praça calçada conforme fotografia a seguir.

Figura 3: Pavimentação da Praça Professor Luiz Correia de Queirós



Fonte: (Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1976.).

A imagem acima, é uma fotografia clicada com uma visão de “entrega” de obra para a população, ou seja, a demonstração do calçamento realizado na gestão do prefeito Inácio Alves Caluête, em uma das principais ruas da cidade, tendo em vista que essa encontra-se localizada em frente da Igreja Católica, espaço que em seu lado direito apresenta as primeiras residências construídas no local, anteriormente à emancipação política e que também recebeu nesse período a benesse do calçamento, uma das principais ações para a construção da cidade.

¹³⁵ Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1976.

O ambiente apresentado neste clique possui o nome de Praça Professor Luiz Correia de Queirós, este homem, que como a denominação já retrata, foi um professor muito conhecido na região, tendo em vista que seu nome figura em uma escola na cidade vizinha de Parari, para além de se fazer presente em um dos principais espaços da cidade de Gurjão, haja vista ser o espaço não só das primeiras casas, mas também próximo à Igreja Católica, ou seja, o centro do distrito e da cidade.

Com relação às denominações de outras ruas consoante a questão política, é possível citar uma denominação de rua, ou seja, o caso da “Rua: Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz”, essa paralela a Antônio Coutinho, foi nomeada em homenagem ao advogado e político que “foi um viciado no cariri paraibano, região onde nasceu, e a que serviu com todas as veras do seu espírito”¹³⁶, condição de caririzeiro que “o clima que lhe fascinava era o do Cariri”¹³⁷ e com relação à advocacia “abraçou com idealidades... sempre, obtendo nas causas confidenciais brilhantes vitórias em favor dos desprotegidos”¹³⁸. Portanto, uma nomeação que partiu de uma “admiração” cultivada pelas duas faces de Álvaro Gaudêncio, principalmente pela família Maracajá em Gurjão, que sempre apoiou a família Gaudêncio em contraposição aos Britos nas mais diversas eleições quando era Vila ou mesmo distrito de São João do Cariri.

E, não só essas duas ruas tiveram novas nomeações para formar a identidade do lugar, também outras foram nomeadas, como a Rua: Major Domingos da Costa Ramos, nomeada considerando que “a família Costa Ramos, durante todo o Império, representou na Assembleia Legislativa, e até na Câmara Federal, o Município de São João do Cariri”, sendo “Domingos da Costa Ramos nascido em 1899 e falecido em 1903”, um dos que “ocupavam chefias políticas”¹³⁹ e figuravam na política do Cariri paraibano e até hoje como uma das principais ruas de Gurjão.

Da mesma forma que essas denominações, seguiram outras, essas conhecidas como Praças, uma delas com a denominação de Praça Coronel Gurjão. Essa, marca um local de residência bastante antiga, em uma das vias na lateral de um prédio construído há bastante tempo, ou seja, a Igreja Católica. A denominação remete-se a “o Sr. José Antonio de Farias Gurjão, grande fazendeiro e dono de muitas terras naquele lugar, ficando chamada “Timbauba

¹³⁶ (QUEIROZ, 2002, p.464)

¹³⁷ Ibidem, p. 465.

¹³⁸ (MARACAJÁ, 1959, p. 10)

¹³⁹ (QUEIROZ, 2002, p. 439)

Gurjão”. Era o Coronel Gurjão muito conhecido em todo Estado e mesmo na Capital do Estado, a Paraíba antiga”, podendo “gozar de grande prestígio, durante o governo da Monarquia”¹⁴⁰.

Prestígio, sendo possível de observar, considerando o título de “Coronel” que o fazendeiro possuía. Patente, que fora bastante comercializada no período da Monarquia, principalmente para proprietários rurais de grande escala que acumularam para si além de “prestígio” uma autoridade militar e um mandonismo político, provavelmente o que aconteceu com o Coronel Gurjão, figura emblemática que “despunha de grande fortuna, uma enorme escravatura que fazia parte de sua riqueza”¹⁴¹. Diante do cenário, percebeu-se que naquele período era uma riqueza ser dono de escravos, possuir “uma enorme escravatura”, composta por homens e mulheres que com sua força de trabalho aumentavam ainda mais os bens materiais do Coronel.

Tendo em vista que, não só na localidade, mas no Brasil como um todo “até então, como “propriedade”, o escravo era por definição o “não cidadão”, uma propriedade que, ao mesmo tempo, segundo as teorias raciais do século XIX, eram um grupo biologicamente inferior às pessoas de cor “branca”, visto que, “as desigualdades sociais se transformam em matéria da natureza”¹⁴². Corroborando, com a ideia de que “desde que Brazil é Brasil, ou melhor, quando era ainda uma América portuguesa, o tema da cor nos distinguiu”¹⁴³.

Distinção que sempre existiu e que ao contrário do pensamento de que não existia preconceito ou o racismo, “o racismo foi gradualmente repostado por aqui, primeiro de forma “científica”, com base no beneplácito da biologia, e depois pela própria ordem do costume”¹⁴⁴. Costume que edificou um preconceito racial definido como “o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”¹⁴⁵.

Práticas que foram comuns devido às teorias raciais, mas também a necessidade de demonstrar o “poder” sobre os escravos, libertos ou descendentes de escravos que eram vistos como propriedade. Logo, pensar em um coronel proprietário de escravos como o nome de uma praça ou rua corrobora com a “memória oficial” que exaltava não só essas pessoas, mas também seu comportamento, o qual era traduzido nas ruas da cidade.

¹⁴⁰ (MARACAJÁ, 1959, p. 43)

¹⁴¹ Ibidem, p. 43

¹⁴² (SCHWARCZ, 2012, p. 38)

¹⁴³ Ibidem, p. 11.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 79.

¹⁴⁵ (ALMEIDA, 2021, p. 32)

Ruas, espaços de passagem de todas as pessoas e que para além dessa ainda contou com diversas outras nomenclaturas, em que é possível citar aqui mais uma delas que faz o enlace entre política e religiosidade, já que essa foi a rua denominada Rua: Cônego João Marques Pereira, localizada perpendicularmente à Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz e homenageando um homem que “nasceu no dia 15 de novembro de 1904. Ordenou-se no seminário de João Pessoa no dia 3 de novembro de 1940... sendo nomeado vigário de Serra Branca, tomou posse no dia 12 de setembro de 1942”. Ele “tem sido até agora um sacerdote trabalhador de grande valor e muito dedicado para os seus paroquianos, amigos e colegas”, e “Gurjão, se sente feliz em tê-lo sempre ao seu lado, trabalhando mesmo com sacrifício, remodelando a nossa Capela que se tornará, em poucos tempos, uma das belas do Município”¹⁴⁶

Referência à Igreja de São Sebastião, local em que o Cônego realizou muitas celebrações, assim como com a ajuda da população uma “remodelação” como citado por Raulino, vigário de grande “prestígio” anteriormente e, posteriormente, à emancipação política e que teve seu nome marcado nas ruas de Gurjão, por suas “obras”. Sendo, possível recordar a partir desses tantos nomes que passaram a “nomear” as ruas de Gurjão, outro personagem que com sua morte figurou nas mais diversas ruas do Estado da Paraíba e até em outros Estados, monumentos e afins. É o caso de João Pessoa, que após sua morte em 1930, “seu nome passou a denominar ruas, praças e avenidas espalhadas pelas capitais do Brasil, transcendendo os limites geopolíticos da Paraíba”.¹⁴⁷

Logo, um acontecimento fez João Pessoa figurar na história e historiografia e legitimar a memória oficial construída a seu respeito, oficialidade também construída pelos personagens que figuram com seus nomes nas ruas da cidade de Gurjão, considerados “heróis” que “são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva”¹⁴⁸, porém, em grande medida uma identificação de políticos, em virtude de que são seus projetos e justificativas para a câmara municipal que nomeiam ou renomeiam os espaços, ou lugares de memória¹⁴⁹ da cidade.

Lugares que vão sendo nomeados, construídos e ampliados, conforme também outro projeto de lei colocado em pauta naquele período, que chamou a atenção para o desejo de

¹⁴⁶ (MARACAJÁ, 1959, p.27-28)

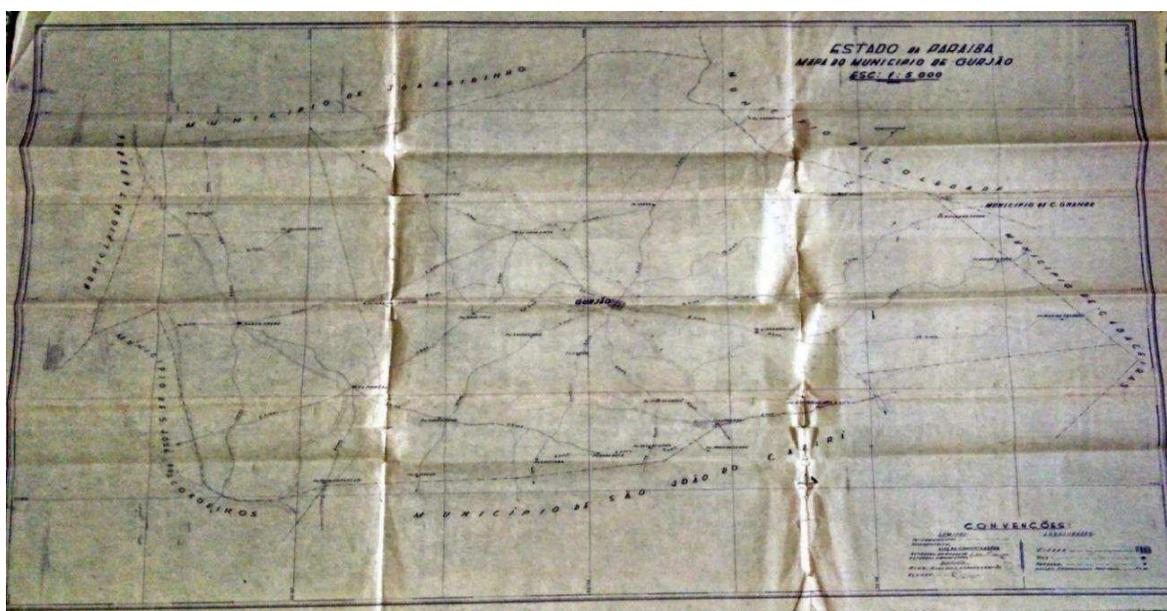
¹⁴⁷ (AIRES, 2013, p. 43-44)

¹⁴⁸ (CARVALHO, 1990, p.55)

¹⁴⁹ Os lugares de memória são lugares que nascem a partir do processo de aceleração da história, situando-se entre a memória e a história, sem neutralidade e sem naturalidade, pois são pensados a partir dos grupos que os constroem com a intenção de ressaltar o aspecto relevante para eles. Constituindo-se em [...] “momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas do mar que o mar se retira da memória viva” (NORA, 1993, P. 13).

ampliação do espaço urbano. O projeto de lei é o de nº 5/63, que “autoriza o poder municipal mandar fazer o levantamento topográfico da planta, inclusive plano de expansão e dá outras providências”. Esse, teve sua aprovação por unanimidade na sessão de 03 de outubro de 1963¹⁵⁰ e é indiciário das projeções de expansão para que a cidade de Gurjão pudesse crescer, como também tivesse sua demarcação a partir da topografia, isto, um primoroso sinal da primeira medida realizada com relação a projetos de desenvolvimento e cujo objetivo era situar e determinar a extensão, assim como as fronteiras da nova cidade que para além do seu núcleo urbano, possuía um distrito e várias áreas de zona rural.

Figura 4: Mapa do município de Gurjão, após a Emancipação



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O mapa acima, confeccionado a partir do projeto de lei aprovado em 1963, em escala de 1:5.000, retratou os limites intermunicipais e interdistritais de Gurjão, como também as vilas de comunicação, com a demarcação das estradas de rodagem estaduais e municipais, os aspectos fluviais, demarcando rios, riachos, córregos, grotas e os açudes, além de demarcar a cidade, a vila e os núcleos, propriedades ou fazendas.

Em uma primeira observação, é possível notar a demarcação dos limites do município de Gurjão, em que suas divisas estavam demarcadas pelos municípios de Joazeirinho, Taperoá e São José dos Cordeiros do lado esquerdo, abaixo São João do Cariri e do lado direito Soledade, Cabaceiras e Campina Grande, nas linhas do mapa estão delimitados os quilômetros que separavam a cidade de suas vizinhas, assim como da vila, que também está demarcada e

¹⁵⁰ 1º sessão extraordinária no dia 3 de outubro de 1963. (ATA, 1963, p.5)

representa o distrito de Santo André, esse que tem sua área dividida por uma “linha” interdistrital mais à esquerda do mapa.

Aprofundando um pouco o olhar, depreende-se que há em maior quantidade, em função de que compreende a maioria dos pequenos nomes sinalizados no mapa a delimitação dos núcleos, propriedades ou fazendas, as quais, em sua maioria, pertenciam aos fazendeiros que não apenas exerciam essa função na sociedade, uma vez que também eram lideranças políticas e formavam a elite local. As áreas rurais, representadas em grande escala, também demonstravam serem esses os locais de moradia da grande maioria da população, apresentando, um “universo” ainda muito rural, considerando a quantidade de fazendas mapeadas.

Além disso, estão demarcados os retratos fluviais, ao lado esquerdo a representação do Rio Taperoá, no limite do distrito com os municípios de São José dos Cordeiros e Taperoá. Ao centro, “cortando” a região da cidade o Riacho da Timbaúba e um pouco mais ao lado direito o Riacho do Padre. Com relação aos açudes são demarcados dois, um na Fazenda Capoeiras, localizada na divisa com o município de São João do Cariri e o açude da cidade, o qual, foi construído no governo de José Américo de Almeida, e utilizado pelos representantes políticos locais na eleição de 1958, conforme já relatado anteriormente.

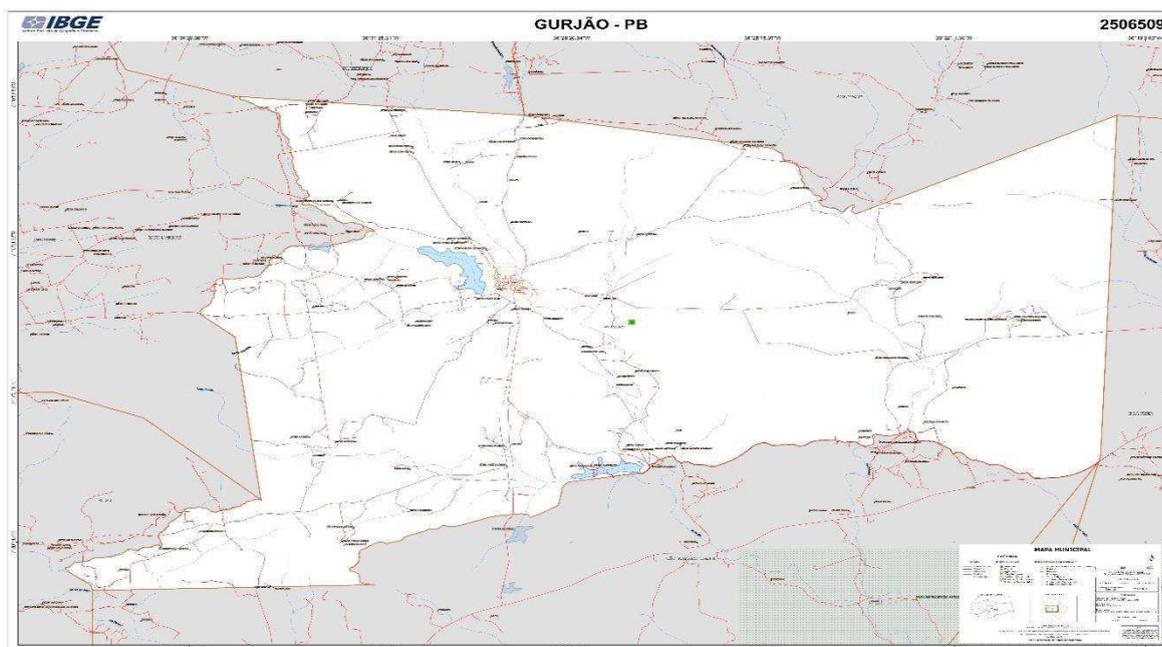
O mapa em questão, ainda conta dentro da reflexão em torno do açude que foi uma obra que o distrito já trouxe quando se transformou em cidade, a preocupação da demarcação dos retratos fluviais, possivelmente pela escassez de água que sempre assolou a região e era necessário saber quais os locais, onde era possível encontrá-la. Tendo, como sua principal pretensão, demarcar a nova cidade, cartografando a partir do mapeamento do município os limites e possibilidades que os administradores teriam para instalação dos melhoramentos, expansão da cidade e ligação com municípios vizinhos.

Aspiração que também foi demonstrada em outro projeto de lei, o qual, de autoria do prefeito Sebastião Borges Coutinho, tratava da “confecção da planta do município”, que pedia um afinilamento do “desenho do lugar”, para um olhar mais próximo dos limites urbanos. Naquele dia, foram apresentados outros projetos, entre eles um que corroborou com a configuração do espaço e que dispôs sobre a “construção do meio-fio na cidade e no distrito de Santo André”¹⁵¹, que nos dá indício da pretensão de demarcar as ruas para a posterior instalação de calçamento, configurando uma intenção de modificar os traços rurais para a urbanização do lugar.

¹⁵¹ Os dois projetos de lei foram apresentados por Sebastião Borges Coutinho e aprovados por unanimidade em 28 de dezembro de 1963. (ATA, 1963, p.15)

Traços que foram se modificando com o tempo, as administrações e discussões sobre os limites da cidade, sua edificação e os contornos cartografados. Isto, possível de ser observado pelo mapa abaixo que apresenta a cidade ou os limites de sua zona urbana e rural no ano de 2020.

Figura 5: Mapa Estatístico do município de Gurjão em 2020



Fonte: IBGE¹⁵²

O mapa acima, confeccionado no ano de 2020 pelo IBGE para a realização do censo, possibilita observar o desenho mais atual confeccionado do município de Gurjão, isto, após quase 60 anos de sua emancipação política. Nesse espaço cartografado, é possível notar a modificação da demarcação dos limites do município de Gurjão, sendo suas divisas demarcadas pelo município de Santo André e Juazeirinho do lado esquerdo, abaixo São João do Cariri, acima Soledade e do lado direito Soledade e Boa Vista.

Pela demarcação, é visível a diferença da área demarcada como pertencente ao lugar, há um significativo aumento no desenho do mapa, principalmente com relação à parte rural, embora tenha visto o distrito de Santo André emancipar-se e separar-se de seu território. Essa cartografia, representa um aumento e uma diferença no formato da área territorial se comparado

¹⁵² Mapa Estatístico do Município de Gurjão 2020. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/PB/gurjao/2506509_MM.pdf. Acesso em: 27 de dezembro de 2022.

a imagem de 1963, posto que a confeccionada no ano de 2020 a representação da área territorial que em números ocupava no ano de 2020 uma área de 344,502 km²,¹⁵³ isto, contabilizando toda a parte, que está representada pela coloração branca do mapa e que em sua maior parte é área rural.

Mas, que também engloba nessa contabilização a parte urbana que se encontra delimitada na circunferência desenhada na parte do meio do mapa, a qual possui desenhos de coloração laranja que representam na ilustração os prédios que compreendem a parte urbana do município. O desenho apresenta ainda a delimitação do açude de forma nítida nos limites da zona urbana e as estradas que perpassam o local.

Logo, é possível entender que ocorreram modificações nos anos posteriores a emancipação, não só na área territorial, mas na “perda de distrito”, assim como nos limitantes da cidade, houve também uma ampliação no açude municipal, assim como na área urbana daquela época e, principalmente, na zona rural que passou por novas delimitações e uma ampliação, conforme a ilustração no mapa.

1.6 DESENHANDO OS COSTUMES MORTUÁRIOS

A partir do século XIX, as preocupações com a morte foram intensas, ou melhor, a necessidade de uma “boa morte”, “as concepções sobre o mundo dos mortos e dos espíritos, a maneira como se esperava a morte, o momento ideal de sua chegada, os ritos que a precediam e sucediam, o local da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos”¹⁵⁴. Tudo isso eram questões que ficavam cada vez mais no debate popular, já que a morte fazia parte dos ritos de uma comunidade, era um tipo de sociabilidade e ato de fé, uma forma de cuidar dos que já foram para uma boa próxima vida. conforme a imagem a seguir.

¹⁵³ «Gurjão (PB) | Cidades e Estados | IBGE». www.ibge.gov.br. Acesso em: em 27 de dezembro de 2022.

¹⁵⁴ (REIS, 1997, p. 96)

Figura 6: Velório em frente da Igreja de São Sebastião



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Inês Coutinho

A imagem acima, faz parte de um costume popularizado no Brasil da captura de fotografias mortuárias que se deu “entre os anos de 1920 e 1950, quando é utilizada por várias camadas da população”, tendo em vista que “a fotografia mortuária... representa a pessoa no ato da morte. É a morte registrada, a ação do morrer que é buscada fixar como uma forma de rememoração de um acontecimento singular no interior de uma família específica”¹⁵⁵. Neste caso, sendo a representação em um lugar de trânsito da morte, ou seja, a Igreja de São Sebastião.

O fotógrafo se preocupou em capturar em uma só cena o caixão, assim como também as pessoas que participavam do velório, mas não de qualquer maneira. É possível observar uma organização, a fotografia não foi capturada sem aviso ou de forma espontânea, tendo em vista que o caixão de cor branca, que remete conforme os costumes da época que a pessoa que morreu era uma criança ou uma moça solteira, se encontra ao centro da cena, já que era o elemento protagonista carregada apenas por homens. Esses que estão em maioria e ocupam todo o fundo da imagem, em posição de braços cruzados, mãos ao peito ou segurando o chapéu que está nas mãos para indicar todo o respeito ao morto.

Mulheres e crianças estão enfileiradas nas laterais da fotografia, em posição de respeito. A morte possivelmente foi de alguém de uma classe mais abastada da sociedade, em virtude de que para além da fotografia que era algo dispendioso no período, havia na cena uma quantidade significativa de pessoas, essas que usavam vestimentas formais, paletós completos para os homens em grande medida, vestidos até o joelho para as mulheres, sendo permitido uma roupa

¹⁵⁵ (KOURY, 2006, p.107)

mais curta e mais confortável apenas para as crianças, em um cenário diurno e com certo grau alto de temperatura, em razão de que uma das últimas moças enfileiradas na parte esquerda da imagem está com a mão no rosto em um gesto de proteção contra os raios solares que a incomodavam.

Entretanto, que não a fez deixar de comparecer ao ato de fé, considerando que pelas crenças “a morte ideal, acima de tudo, não devia ser uma morte solitária. Durante a sua agonia, o moribundo carecia de gente a sua volta, animando-o a partir com segurança e protegido por rezas e outros meios de bem morrer”, sendo que “o ideal era que muita gente cercasse o morto de cuidados, que o velasse e acompanhasse até a sepultura...Era uma morte solidária e espetacular”, conforme ressaltado pela imagem, em que “as pessoas acompanhavam a pé o amigo, parente, conterrâneo, o irmão espiritual ou apenas se juntavam de bom grado ao cortejo de um morto desconhecido, pelo dever de solidariedade e investimento na própria salvação. Os funerais antigos eram manifestações emocionantes da vida social”¹⁵⁶

Uma vida social que se modificava, conforme a cidade crescia. Dado que naquele século XX da imagem ou em localidades distantes que recebiam a “modernização” em pequenas doses, como na cidade de Gurjão, as discussões em torno da morte ou do afastamento dos mortos das Igrejas ou de dentro do ambiente citadino que já vinha acontecendo no Brasil, inclusive na Corte do Rio de Janeiro desde o século XIX, só veio ser intensificada a partir de meados da Emancipação política em 1962, momento que também a frequência foi alta.

Em primeiro lugar, há um projeto de lei que tem por texto a “autorização para mandar confeccionar (2) dois portões para os cemitérios da cidade e de Santo André” e um requerimento para a “ampliação do cemitério da cidade”¹⁵⁷. Isto, demonstrando o desejo e a necessidade de organizar e expandir aquele local. Naquele período o cemitério já havia funcionado ao lado da Igreja, como foi comum no Brasil até o século XIX, assim como também existira um ambiente para sepultamento de mortos em um local que foi posteriormente construído o hospital, ou seja, ao final da “rua principal” da cidade, porém sendo perceptível que esse ambiente não mais comportava o crescimento da cidade, uma vez que havia pedidos de ampliação dele.

O “adensamento populacional na cidade em constante expansão representou um elemento importante nessa transformação. Para os vivos, os mortos e suas sepulturas competiam com eles pelos mesmos espaços, devendo, por isso, ser remanejados para locais mais distantes”, mas não era só isso, como também observando que em uma “as atitudes de

¹⁵⁶ (RODRIGUES, 1997, p.12)

¹⁵⁷ Projeto de Lei e requerimento aprovados em 28 de dezembro de 1963. (ATA, 1963, p. 14)

intolerância olfativa por parte de alguns moradores da cidade, com relação aos mortos, apresentar-se-iam como necessárias, afinal, seus antigos "companheiros" constituíam, nesse momento, ameaça a sua saúde — bem cada vez mais considerado”¹⁵⁸.

“Os mortos, que antes compartilhavam do espaço dos vivos, da cidade dos vivos, deveriam ser deslocados para locais mais distantes do centro urbano”, principalmente para os cemitérios localizados fora da urbe e do convívio dos que ainda residiam na cidade, isto “evidencia os traços do desenvolvimento de uma concepção individualista — sinais dos tempos modernos — que conferia à vida e aos vivos um sentido prioritário, restando aos mortos "manterem-se" no seu novo "lugar", sem incomodar os vivos”¹⁵⁹,

Foi construído a partir dessa perspectiva o “novo” cemitério na cidade de Gurjão no ano de 1967. Construído com participação ativa da população que carregava inclusive as pedras para a conclusão da obra e que teve enquanto um espetáculo sua inauguração, evento que ficou registrado em ato fotográfico e possível de ser analisado, considerando que “a riqueza de uma imagem não consiste apenas em reproduzir fatos, mas também em colocar em sincronia o olhar do receptor com um mundo que — mesmo não mais existindo — passa a fazer parte do seu universo por meio do que a imagem eternizou”.¹⁶⁰

Figura 7: Benção do cemitério Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹⁵⁸ (RODRIGUES, 1997, p. 256)

¹⁵⁹ Ibidem, p. 256.

¹⁶⁰ (CABRAL FILHO, 2009, p. 29).

A fotografia de número 7 foi clicada quando o “novo cemitério” foi inaugurado, ou seja, recebeu a benção. Na imagem capturada no ano de 1967, nota-se um dos homens que conforme visto vai “nomear” uma rua da nova cidade e que faz parte da construção dela, ou seja, o Cônego João Marques, vigário da paróquia, da qual Gurjão fazia parte no período. Ele foi capturado na imagem “abençoando” o novo ambiente de “repouso eterno”, tão desejado. Sua figura está vestida a rigor, conforme também as pessoas que o acompanham na cerimônia ao seu lado notam-se o Senhor Inácio Alves Caluête, líder político que seria prefeito, um auxiliar do Cônego e por trás desse o então Prefeito Juarez Maracajá, sua esposa Nice e os demais moradores da comunidade ou visitantes que participavam do evento.

População em caráter geral que estava curiosa com a nova construção, estava em um momento de fé e de sociabilidade ao mesmo tempo, observando “sua futura morada”, todos na imagem estavam com rostos curiosos, as mais diversas vestimentas e idades, já que estão presentes desde idosos até crianças pequenas, essas que não eram preservadas da morte, em virtude de que participavam dos velórios e frequentavam o cemitério.

Com relação à criança é essencial pontuar que na história do ocidente ela foi por muito tempo vista como um adulto em miniatura, uma vez que não existia um olhar sensível para a infância. Essa concepção envolvendo a criança em cuidado, orientação, carinho e direitos está relacionada ao um processo gradativo de mudanças comportamentais nos seios familiares e sociais, já que no século XIX, por exemplo, “à infância e a sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. A criança não era nem divertida, nem agradável”¹⁶¹, mas era essencial e deveria ser preservada e disciplinada.

Mas, isso não quer dizer que a educação delas deveria ser cheia de limitações, pois era importante que fossem fortes. Logo, elas não eram preservadas de trabalhar, de não frequentar certos lugares ou simplesmente de ver cenas consideradas adultas. No caso de Gurjão, observa-se que a criança não era preservada do pesar e de todo âmbito mortífero do cemitério, elas estavam nos velórios e iam aos sepultamentos. Possivelmente, essas cenas eram frequentes e demonstram a concepção de que a criança era criada sem grande sensibilidade, em função de que a sociedade não tinha esse olhar sensível voltado para a preservação social e emocional da infância. Uma questão que só foi pensada recentemente.

Há uma presença acintosa de crianças tanto na fotografia de número 6 como na fotografia de número 7. Ressalta-se também que são eventos religiosos acima de tudo,

¹⁶¹ (ÁRIES, 1986, p. 162)

principalmente no segundo caso, sendo assim, momento especial para educar as crianças na fé. Pela imagem, para além da quantidade de crianças, percebe-se também que não há um ordenamento estabelecido para as pessoas, contando que as pessoas estão “misturadas” e em uma quantidade significativa.

Para além dessa observação, diante da fotografia, capturada a partir da porta do cemitério “Nossa Senhora do Carmo”, a visão é para o seu exterior. O fotógrafo da imagem, como em exposição nela, foi o “Foto Oliveira de Campina Grande”, esse que fez parte de diversos momentos em questões políticas ou pessoais na cidade de Gurjão, entre os anos de 1960 e 1970. É perceptível um grande espaço descampado atrás dos participantes do evento, demonstrando o afastamento da área central, isto apontava não só a necessidade de crescimento da cidade, que na visão dos governantes expandir-se-ia para além dos limites centrais. Como também o individualismo dos tempos modernos que buscava afastar da cidade os mortos que deviam ficar em seu “novo lugar”, em grande medida corroborando com o “movimento higienista”¹⁶², o qual mostrava seus resquícios pelo interior do Brasil e era uma construção que visava a expansão da cidade.

É importante ressaltar que a preocupação com a higiene, já havia sido debatida na câmara de vereadores, visto que, um projeto de lei que havia sido apresentado e aprovado por unanimidade em uma sessão de 1964, que teve por autoria o vereador José de Medeiros Ramos “autoriza a aquisição de uma carroça de tração animal, para limpeza da cidade”, que ratifica a preocupação de limpar o ambiente urbano e a necessidade de um instrumento para esse fim, com uma pretensa urgência, visto que na mesma sessão foi apresentado um requerimento de dispensa das comissões competentes para o projeto ser colocado para a aprovação ainda no mesmo dia, o que ocorreu de fato.¹⁶³

Portanto, compreendendo que não era importante só afastar o “odor” dos mortos da cidade, mas também era importante em uma versão de cidade “moderna”, a limpeza do ambiente, manter as novas ruas que estavam sendo denominadas e calçadas em um nível de organização e higiene que satisfizesse a população que residia ou residia nas casas da urbanidade.

¹⁶² Movimento ocorrido no Brasil, a partir do século XIX e principalmente no início do século XX, que tratava sobre o atraso do Brasil, ser o não cuidado com a saúde, no caso do cemitério o não afastamento dele da população, visto a proliferação de micróbios ocorrida nesse local que acarretava as mais diversas doenças.

¹⁶³ Projeto aprovado em sessão de 04 de junho de 1964. (ATA, 1964, p. 25)

1.7 ILUMINANDO A CIDADE

A eletrificação da cidade sempre foi um assunto discutido pelos representantes políticos de Gurjão, esta que quando se transformou em cidade já contava com um motor de energia, posto que um dos primeiros projetos da Câmara “determina a abertura de crédito para reparo no atual motor que fornece energia para iluminação pública e dá outras providências”¹⁶⁴. Esse que permanecia ligado durante o dia e era desligado na parte da noite, dificultando bastante as sociabilidades nesse horário, o que suscitou, principalmente observando as cidades “espelho” as discussões em torno da inserção do município no plano estadual de eletrificação.

Com esta finalidade, é possível citar o projeto apresentado pelo prefeito Sebastião Borges Coutinho, o qual “autoriza o Chefe do Executivo Municipal a integrar o município no programa estadual de eletrificação e dá outras providências”, que teve aprovação em última discussão no dia 31 de outubro de 1964, no qual o vereador Luiz Gonzaga Nóbrega de Freitas solicitou brevidade para essa integração, possivelmente pela necessidade e euforia de contar com um serviço de energia elétrica e dispensar o uso do motor instalado no centro, desde os anos 1950.¹⁶⁵

Assim, era dado o primeiro passo para a instalação da energia proveniente da hidroelétrica de Paulo Afonso que estava sendo espalhada por toda a Paraíba. Isto, demorando algum tempo para acontecer, já que em tudo existe um percurso até acontecer, naquele caso concretizado, dado que houve a inauguração desta benesse para a sociedade no ano de 1968, na data de 17 de janeiro daquele ano, quatro anos após a solicitação.

Isto, modificou na vida da população de Gurjão, uma diferença na “relação material e intelectual com o espaço, o meio, os recursos estão se modificando e com ela os níveis de vida e os modos de viver”¹⁶⁶, algo possível de ser observado nas outras cidades próximas, como também posteriormente na cidade de Gurjão que iniciava o ano de 1968 em festa, com a nova iluminação, conforme possível de visualizar nas fotografias a seguir.

¹⁶⁴ Projeto aprovado em sessão extraordinária no dia 3 de outubro de 1963. (ATA, 1963, p.5)

¹⁶⁵ (ATA, 1964, p. 43)

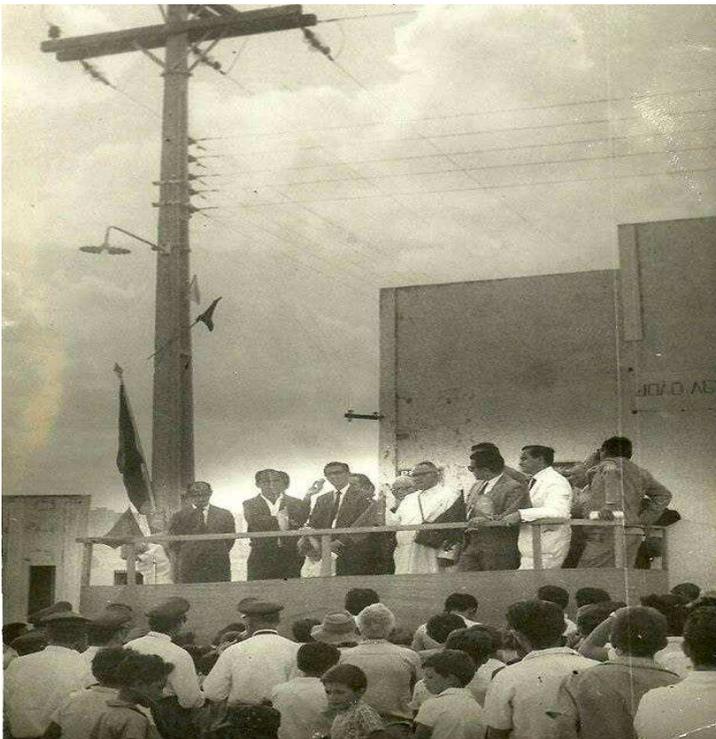
¹⁶⁶ (ROCHE, 2000, P. 20).

Figura 8: Inauguração da energia elétrica (ângulo lateral)



Fonte: Acervo pessoal de Kalina Gurjão

Figura 9: Inauguração da energia elétrica (ângulo frontal)



Fonte: Acervo pessoal de Vandique Henriques Coutinho

As figuras 8 e 9, são fotografias representativas da inauguração da energia elétrica na cidade de Gurjão. São fotografias no mesmo dia, no mesmo local, mas em ângulos diferentes. A imagem 8, teve por intenção do fotógrafo, a captura da placa representativa da benesse que estava sendo inaugurada. É possível depreender dessa imagem que o projeto fazia parte da sociedade anônima de eletrificação da Paraíba e estava inserida no Projeto de eletrificação da Paraíba do Governo de João Agripino Filho¹⁶⁷.

¹⁶⁷ João Agripino Filho nasceu em Brejo da Cruz (PB) no dia 1º de março de 1914. Trabalhou como professor, agropecuarista, procurador da prefeitura de sua cidade e adjunto de promotor, também foi um líder político, constituinte, deputado federal, foi o primeiro titular da recém-criada pasta das Minas e Energia, foi o relator do projeto de criação da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (Eletrobrás). Durante a vigência do bipartidarismo (1965-1979), integrou os quadros da Aliança Renovadora Nacional (Arena), elegendo-se governador da Paraíba por essa legenda em 1965. Concluiu em sua gestão (1966-1971) um amplo projeto de eletrificação urbana no estado, entre outras iniciativas.

Uma obra que custou NCR\$ 48.000.00 mil cruzeiros provenientes dos recursos da prefeitura e da Eletrobras e estava concluída no dia 17 de janeiro de 1968, conforme exposto na placa da imagem. Por este ângulo, ainda é possível observar vários populares aguardando os discursos, homens jovens e idosos, mulheres com crianças no colo e crianças, também o palanque dos políticos, no qual para além deles que estavam em uma quantidade considerável, alguns até segurando os papéis com seus discursos, como o senhor “escorado” próximo à placa de apresentação do projeto, também existiam algumas bandeiras em exposição.

Com relação à figura 9, há uma mudança significativa de ângulo do ato fotográfico¹⁶⁸, a imagem desse evento está com o foco para as autoridades, sem esquecer de também captar os “protagonistas” do evento, ou seja, os postes e fios, o qual são o símbolo de todo o evento. No palanque, vê-se o cônego João Marques ao centro, representante da Igreja Católica que estava presente em vários eventos do período, assim como um grupo de políticos vestidos com um traje ao rigor, entre eles, destaca-se o prefeito Juarez Maracajá e autoridades possivelmente de nível estadual, os quais estão discursando acerca da “benfeitoria”.

Um momento imprescindível para captar que “as manifestações do poder não se acomodam bem com a simplicidade. A grandeza ou a ostentação, a decoração ou o fausto, o cerimonial ou o protocolo geralmente as caracterizam”¹⁶⁹ e é o que está representado pela imagem, na qual, tem-se “um palco, um cenário e vários personagens”, o que caracteriza a “espetacularização política”, que se utiliza do teatro para “encenar”, demonstrando a importância não só da obra em si, mas dos políticos que proporcionaram a sua instalação e a quem a população deve se sentir “agradecida” e “colaborar”, citando seus nomes, apoiando-os em novas eleições ou aos seus aliados.

Tendo em mente que “qualquer universo político é um cenário ou mais genericamente um lugar dramático em que são produzidos efeitos”¹⁷⁰ é preparado um texto, conforme segurado pelo político capturado na imagem 8, no qual as palavras são calculadas para nada sair dos “trilhos” e assim “maquiados, trajados, mascarados, lá vão os atores políticos ao palco. Iluminados pelos holofotes da oficialidade, misturam-se aos adereços do cenário em busca do encontro com a multidão”. Desejando, assim como os atores teatrais, os aplausos e reconhecimento da plateia que os ouve.¹⁷¹

¹⁶⁸ O ato fotográfico aqui pensado a partir de Dubois (1994) em que a fotografia, já não pode pensar a imagem fora do ato que a torna possível. Posto que, é impossível separar o conteúdo da imagem, neste caso a inauguração da energia elétrica de sua contextualização histórica, quando trata do documento fotográfico. O ato fotográfico não é só o momento da tomada, mas a produção da imagem, a recepção e/ou a contemplação da mesma.

¹⁶⁹ (BALANDIER, 1982, p. 10).

¹⁷⁰ Ibidem, p. 53.

¹⁷¹ (AIRES, 2015, p. 24).

Plateia que estava presente em quantidade considerável e que comemorou como uma festa, aquele acontecimento, estando abaixo do palco, além dos populares, alguns integrantes da Sociedade Musical São Sebastião, reconhecidos a partir de seu fardamento, ou seja, as camisas brancas e boinas. Sociedade Musical, que já havia sido reconhecida no início dos anos 60, como de “utilidade pública”¹⁷² e que se fazia presente nos mais diversos eventos da cidade e se beneficiaria da energia, uma vez que esta seria muito importante para as sociabilidades em que eles se inseriam, principalmente na parte da noite, em virtude de que “iluminar a noite, mesmo com luar, se torna indispensável”¹⁷³. Sendo, essa energia que passou a melhorar a iluminação nas casas, ruas, praças, um aspecto que contribuiu ainda para o aumento significativo da população citadina.

A energia elétrica veio corroborar com projetos de lei anteriores da Câmara Municipal de Gurjão, ou seja, o de número 47 do ano de 1966, ainda da primeira legislatura e “que autoriza o Executivo Municipal adquirir uma Estação de Rádio Transmissão e dá outras providências”¹⁷⁴, discutido e aprovado em duas sessões ordinárias, uma no dia 03 de novembro de 1966 e a outra no dia 24 de novembro de mesmo ano. Perfazendo, um dos últimos projetos da primeira gestão e uma necessidade, tendo em vista a dificuldade da existência de outros tipos de aparelhos na comunidade. O rádio que “teve um desenvolvimento defasado e mais tardio no Brasil que nos países industrializados”, em que sua instalação com qualidade “só a partir dos anos 30 é que ele teria um impacto decisivo para a transformação da cultura brasileira”.¹⁷⁵

Isto, sendo justificável o pedido da transmissão do rádio apenas em 1966 que deve ter sido o período em que a qualidade do rádio chegava na localidade de Gurjão e em 1968 com a energia elétrica, era uma possibilidade para a melhor escuta deste aparelho com mais qualidade, tendo em vista os rádios com tomadas que reproduziam diversas programações para os ouvidos das pessoas portadoras do objeto, inclusive as radionovelas tão comentadas no período. É imprescindível relatar que a energia que já estimulava ainda mais os usos de aparelhos como o rádio estimularam quase dez anos depois uma nova necessidade solicitada pelos vereadores do período do final dos anos 1970.

Conforme projeto de lei elaborado conforme requerimentos apresentados na sessão extraordinária do dia 15 de abril de 1977, que “elaborado por José Maria Pereira solicitando

¹⁷² (ATA, 1963, p.5)

¹⁷³ (ROCHE, 2000, p. 153)

¹⁷⁴ (ATA, 1966, p.79)

¹⁷⁵ (SEVCENKO, 1998, p.588-589)

instalação de repetidora de TV nesta cidade”¹⁷⁶, indiciário de já existir aparelhos na cidade, embora em não muita quantidade, sendo assim que “a tela da TV invade o interior das casas”, posto que, insere na vida das pessoas “todo o fluxo de informações, imagens, ícones, sons, ruídos, condicionamentos, publicidade, discursos, notícias, filmes novelas, comédias, debates, programas de auditório... que entram nos lares sem parar, pelos olhos, ouvidos, boca, tato, olfato todo dia e o dia todo”¹⁷⁷. Situação que levava as pessoas para longe de outros espaços, talvez um pouco como disse o dramaturgo Nelson Rodrigues quando afirmou que “a televisão matou a janela”. Uma janela que proporcionava nesse mesmo período uma visão “nova”, assim como a televisão que era a tão sonhada e desejada instalação do abastecimento de água...

1.8 ABRINDO AS TORNEIRAS

Não só de ruas, cemitérios e energia se constrói uma cidade, mas também do líquido precioso, esse que já fazia parte da vida na cidade, dado que não existe vida sem água, mas a qual era sonhada para fazer parte da rotina de toda residência com mais facilidade, sem ter que ser “carregada” na cabeça ou de outras formas, ou seja, havia a necessidade de um abastecimento de água para a cidade. Essa que já era captada por uma obra construída em 1951, o açude público José Américo de Almeida, que distava dois quilômetros do centro do distrito de Gurjão e edificado para o beneficiamento da população.

Assim, já com esse importante obra, na década da construção da lavanderia, ou seja, a década de 1970. Período em que os representantes do local que já era cidade no seu 4º mandato, ou seja, entre o período de 1973 a 1977, foram Inácio Alves Caluete e João Pimentel de Almeida o prefeito e o vice, respectivamente. E, para compor o poder legislativo, assumiram os cargos, João Correia de Araújo, Paulo Freire de Farias, Fernando Henriques Coutinho, José Felizardo de Araújo, Sebastião Ivo de Moraes, Dário Nunes Pereira e Miltom Henriques Gonçalves.

Políticos atuantes no cenário em que foi votado um sonho antigo, isto é, o projeto de lei de 19 de março de 1976. Esse, “projeto de lei nº 1/76 que autoriza o prefeito a conceder um contrato, a execução e a exploração dos serviços públicos de água e esgotos sanitários do município e dá outras providências”¹⁷⁸. Um registro crucial para apreender o objetivo de proporcionar para os habitantes da cidade a água nas torneiras, um elemento indispensável na cidade moderna, que chega um pouco tarde se comparado a outras localidades, mas que chega,

¹⁷⁶ (ATA, 1977, p. 002)

¹⁷⁷ (SEVCENKO, 1998, p. 615-616)

¹⁷⁸ Registro apenas dos Projetos de Lei, não apresentando discussões ou votação (ATA, 1976, p. 02).

tendo em vista que o panfleto que dispomos, recorre aos habitantes como “Prezados consumidores”, os quais ganharam “uma nova habitante que chegou para ser uma grande amiga: A ÁGUA”¹⁷⁹.

Esta, que era apresentada como “uma água limpa e bem tratada, uma água praticamente sem impurezas, uma água que você pode beber tranquilo, na certeza de que todas as impurezas e sujeiras ficaram para traz”. Isto, em acordo com o sistema que também era para além de abastecimento de tratamento, evitando as impurezas. Assim, os documentos oficiais, recomendavam que os habitantes deveriam tratar a água “com carinho, **não a desperdice**, pois foi muito trabalho para trazê-la até aqui. E quanto aquele problema das impurezas, esqueça: aquilo faz parte do passado. Recente, sem dúvidas, mas de qualquer maneira passado”¹⁸⁰

Reiterando, a dificuldade para concluir o sistema de abastecimento e a necessidade do não desperdício de um líquido tão difícil de ser “transportado” e que chegaria nas residências de forma límpida e tratada. Nesse sentido, é importante destacar que “Toda a vida urbana, toda cidade, depende de um sistema de abastecimento de água e a tarefa de abastecer de água uma cidade é gigantesca”. Em virtude de que “a água tem de ser captada dos mananciais (lagos, rios ou água do subsolo), em seguida tem de sofrer todo um processo de tratamento pelo qual é purificada e tornada apropriada ao consumo” e por fim “passa por um sistema de distribuição e finalmente um sistema de esgoto conduz as águas servidas para estações de tratamento que as devolvem para os rios ou para o mar”.¹⁸¹

A instalação dessa nova benesse confirmava que “uma vez a cidade dotada por um sistema de abastecimento de água modernamente tratada, outros aspectos simbólicos se abrem para o contentamento daqueles que tinham uma visão ampliada acerca de temas como liberdade, desenvolvimento e progresso”¹⁸². Esse, um elemento simbólico ou uma contribuição inestimável de desenvolvimento, o qual chegou em Gurjão, a partir de um sistema complexo de captação, mas também de distribuição de água nas casas. Sistema que se iniciava no açude José Américo de Almeida, construído em 1951.

A imagem número 9, proporciona a visualização do projeto do abastecimento de forma geral e completo. Demonstra os aspectos financeiros, mas também técnicos de uma obra “revolucionária” para a cidade de Gurjão, apresentando a complexidade de um projeto que faria

¹⁷⁹ Título do panfleto do Governo do Estado da Paraíba e da Secretaria dos Transportes e Obras em parceria com a CAGEPA (1978).

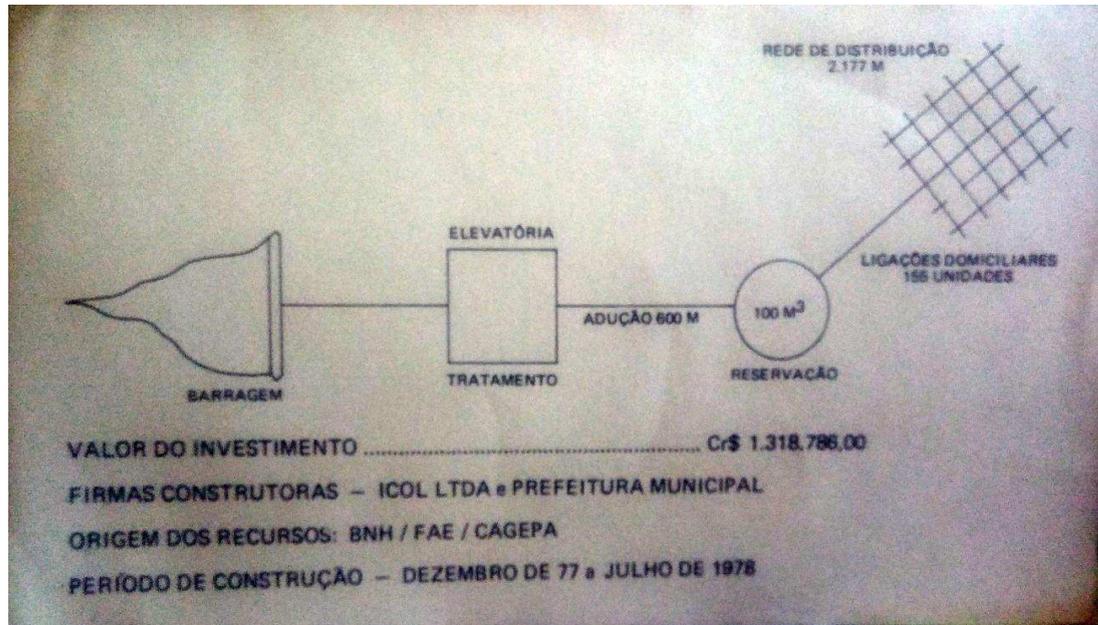
¹⁸⁰ Panfleto do Governo do Estado da Paraíba e da Secretaria dos Transportes e Obras em parceria com a CAGEPA (1978).

¹⁸¹ (BRUNI, 1993, p. 56).

¹⁸² (CABRAL FILHO, 2007, pg. 57).

a água, este líquido precioso e indispensável, jorrar nas torneiras, considerando que “o domínio da água acompanharia uma mudança de atitude”, visto que “a água intervinha em primeiro lugar na formação das cidades e na construção dos seus espaços”¹⁸³.

Figura 10: Sistema de abastecimento de água em Gurjão



Fonte: (Panfleto do Governo do Estado da Paraíba e da Secretaria dos Transportes e Obras em parceria com a CAGEPA, 1978)

A imagem acima, representa o projeto para abastecimento de água em Gurjão. É preciso ressaltar que a água, que era captada no açude José Américo de Almeida, era o local inicial do sistema de abastecimento, que continua com as partes demonstradas na figura 10, onde é possível ver as partes que integram o sistema, dentre os quais a estação elevatória, a caixa de água e as ligações domiciliares. Estas, que formavam a primeira rede de distribuição, que tinha um investimento de 1.318.786,00 Cr\$, para contemplar um total de 155 residências. Em que, sua execução foi uma parceria firmada entre a ICOL LTDA¹⁸⁴ e a Prefeitura Municipal de Gurjão, com recursos do BNH¹⁸⁵, FAE¹⁸⁶ e CAGEPA, no período de dezembro de 1977 a julho de 1978.

O projeto, que somava mais uma construção ou bem-estar para a população que vivia na cidade, também apontava como seria o caminho da água até as casas. Isto, logrando que a água

¹⁸³ (ROCHE, 2000, p. 186-187).

¹⁸⁴ ICOL- Indústria de Construções.

¹⁸⁵ BNH- Banco Nacional de Habitação extinto em 1986, incorporado a Caixa Econômica Federal.

¹⁸⁶ FAE- Fundo Estadual de Água e Esgoto.

partiria do lugar denominado barragem como visível na imagem. Esse, era o reservatório que faria a captação de água no momento anterior ao de sua distribuição, sendo também o açude construído na gestão de José Américo de Almeida em 1951, configurando-se a grande obra hídrica anterior a cidade, mas a que possibilitou não só a edificação do município, mas também a inserção do elemento de conforto, tal qual a água na torneira, hoje um ato banal, mas um feito e tanto naquele momento para os lares da cidade de Gurjão.

É importante mencionar que o chegar da água nas residências não, foi algo que aconteceu diretamente, é o que a imagem deixa transparecer, tendo em vista haver um caminho percorrido pela água, após a saída do açude, o qual contava primeiro com a estação elevatória, lugar em que a limpeza da água era feita a partir de uma série de processos químicos. Estes, visavam proporcionar uma qualidade essencial para o líquido precioso tratado neste ambiente, após este processo, a água seguia para o local de acúmulo de água, ou seja, a caixa elevatória que após cheia fazia a distribuição do líquido pelas tubulações da cidade até as ligações domiciliares que se dividiam em redes de distribuição, essas que eram delimitadas conforme os bairros da cidade.

Foi construída uma obra que gerou significativa modificação na vida das pessoas, “o acesso direto à água era uma maneira de mostrar a produção social de um bem por meio dos usos e conflitos, necessidades e consumo”¹⁸⁷, os quais empregaram na população de Gurjão, para além de necessidades e consumos diferenciados, sociabilidades modificadas, em vista que “nesses diferentes acessos à água estão demonstrados tanto maneiras de viver quanto tipos de sociabilidade”¹⁸⁸, que mesmo em vista de não chegar para todos, modificou a vida, dando a comodidade de se ter água a jorrar de uma torneira, nesse momento uma conquista fantástica e muito aguardada.

Portanto, a cidade, apesar de tudo, constatava as lideranças políticas e também os de boa situação econômica experimentarem a novidade, confortavelmente em sua residência, neste caso as torneiras e assim após os tantos percalços desde a construção do açude de Gurjão no governo de José Américo de Almeida em 1951, até o momento de desfrutar do equipamento de modernização, ou seja, o abastecimento de água que prometia água límpida e vida nova, em virtude de que “impurezas fazem parte do passado”, assim como o tempo na fila de espera por água, para alguns.

¹⁸⁷ (ROCHE, 2000, p. 196).

¹⁸⁸ Ibidem, p. 201.

Dessa forma, considerando todas as modificações e “modernizações” da nova cidade, as novas denominações, os novos espaços, a água como também a luz, que foram totalmente intensificados a partir do processo de emancipação política, as quais modificaram não só a cidade “fisicamente”, mas também as formas de “sociabilidade” e as “sensibilidades”, em seus mais diversos aspectos, assim como eram “páginas” de uma cidade paralela a outros acontecimentos.

Acontecimentos relacionados aos momentos da sociabilidade a partir de “novas” construções da cidade, os espaços que compunham as sociabilidades, os locais de namoro e de dançar que foram se transformando e sugerindo novos questionamentos, dentre os quais: como se davam as diversões neste novo ambiente criado em Gurjão? Quais os espaços de sociabilidades? Quais os conflitos reais e simbólicos que ocorriam ali? É o que pretendemos apresentar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: A “NOVA CIDADE” E O SURGIMENTO DOS ESPAÇOS DE LAZER E DIVERSÃO

“Era um radicalismo muito forte, preto era preto e branco era branco, clube dos negros e clube dos brancos”
(José Vicente Teixeira)¹⁸⁹

Dividir, separar, afastar, são palavras sinônimas, mas também correspondem ao que aconteceu no Brasil de uma forma geral, mas também e especialmente na cidade de Gurjão, local que acabava de se “transformar” em cidade e presenciou a construção dos lugares de sociabilidades, tão essenciais na vida coletiva. Porém, conforme a epígrafe acima, ambientes separados, negros afastados do centro e com seu espaço e brancos na área central com o seu. Afinal, “preto era preto e branco era branco”.

As cores naquela época não deveriam se misturar e se hoje “ninguém nega que exista racismo no Brasil sua prática é sempre atribuída a “outro”. Seja na parte de quem age de maneira preconceituosa, seja daquela de quem sofre com o preconceito, o difícil é admitir a discriminação e não o ato de discriminar”¹⁹⁰. Naquele período, a separação ocorria de forma “velada”, não necessariamente existia o “preconceito” como conceituado atualmente, mas uma diferenciação entre a cor da pele ou a condição socioeconômica das pessoas que viveram naquele período e que tiveram a necessidade de viver a sociabilidade na cidade, resta saber de que forma.

2.1 A NECESSIDADE DE SOCIABILIDADE NA CIDADE

A cidade foi desde sempre o ambiente do desejo da vida coletiva, o local em que homens e mulheres desejam conviver das mais diversas formas possíveis, coletivamente. Esse desejo por si só compreende um tipo de sociabilidade que também se estende para o lazer, uma convivência que é em grande medida, festiva, envolve o dançar, o beber, a paquera e uma série de ações que só acontecem por meio da sociabilidade.

Tendo isso em vista, o “nascimento” da cidade de Gurjão com sua emancipação política em 1962, as novas construções, como também mais habitantes implicou uma necessidade do conglomerado de pessoas que agrupava, uma vida em comunidade em seus mais diversos

¹⁸⁹ Entrevista realizada com José Vicente Teixeira em 30 de maio de 2022.

¹⁹⁰ (SCHWARCZ, 2012, p.31)

aspectos, dentre um dos mais importantes, o lazer, já que “o uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa”¹⁹¹.

A festa movimenta, faz “brilhar” uma cidade e em Gurjão não poderia ser diferente, sendo que essa prática já existia no local antes do processo emancipatório que proporcionou ao distrito se tornar cidade. As festas, principalmente religiosas que envolviam o sagrado e o profano corroboravam para aquela dicotomia existir, assim como o movimento de sociabilidade urbana acontecer em seus mais diversos níveis sociais. Níveis que eram perpassados desde tempos remotos pelos entraves políticos, tendo em vista que o poder sempre esteve presente nestes eventos em que os pavilhões geralmente também misturavam as “batalhas” políticas.

A política que não estava sozinha, mas visualizava também, o envolvimento musical do evento, visto que a parte central de uma festa geralmente é a música, etapa essencial e que dá ritmo, assim como a partir de “suas múltiplas funções, influencia o comportamento humano, intervém na formação de caráter, desperta a sensibilidade, altera o *modus vivendi* do indivíduo, de um grupo ou de um povo”, mas não apenas isso, a música faz “viver”, ela tem a “capacidade de comunicar, de promover a compreensão, o entendimento e a interação, por ser uma linguagem universal. Inúmeros são os benefícios causados por ela e amplamente utilizados nas diversas áreas do comportamento humano”¹⁹².

Uma composição de ritmos e sons que acompanham a vida humana há muitos séculos e que corroboraram com as movimentações que fizeram suscitar a necessidade de novas formas de lazer alinhadas com a nova cidade. Um lazer, mas não um lazer sem organização ou conforme a forma que já existia, porém algo diferenciado e que pudesse suprir a necessidade de “eventos” para a população, estes que envolviam sempre as festas que geralmente em uma sociedade “pontuam e regulam o curso de nossas vidas [...]. Marcam os tempos fortes, os momentos culminantes das coletividades, expressando suas alternâncias de ritmo e intensidade”¹⁹³. Nesse sentido, a busca seria por “espaços” de lazer na cidade, diferentes dos locais em que os eventos já eram realizados.

Esses novos locais, deveriam alinhar-se com as novas demandas e para começar é importante destacar os três locais de lazer, que foram certamente improvisados devido às novas demandas festivas. Um, conhecido pelo salão do mercado e os outros dois foram o clube Guarany e o clube da Fundac, as quais “eram instituições informais espalhadas pelas inúmeras cidades do país congregando pessoas de diferentes status sociais e étnicos, desde o final do

¹⁹¹ (LEFEBVRE, 2008, p.12)

¹⁹² (MAGALHÃES, 2006, p. 13)

¹⁹³ (PEREZ, 2011, p. 101)

século XIX”¹⁹⁴, no caso de Gurjão eram locais que promoviam uma separação, baseada em um racismo¹⁹⁵ que “aos poucos se estabeleceu cientificamente e posteriormente transformou-se em “costume”.

Isto, apresentando locais de lazeres que eram segregados e nos quais será possível observar os comportamentos nos ambientes da cidade de Gurjão de outros tempos, principalmente a partir das entrevistas. Tendo em vista que, há a possibilidade de “acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar”¹⁹⁶, tudo isso com base nas lembranças das pessoas que vivenciaram os momentos, não da forma realista que viveram, mas a imagem guardada na memória dessas pessoas, dado que “as experiências sociais, políticas, culturais do presente produzem deslocamentos nas pessoas, nos grupos e nas classes sociais e, por extensão, outras formas de significar e compreender a história”¹⁹⁷.

2.2 O AMANHECER É PERMEADO DE ALIMENTOS E O ANOITECER PERMEADO POR FESTAS... O “SALÃO DO MERCADO”

Gurjão “nasceu” em 1962, a cidade se estruturava, as ruas passavam a ter calçamento, era um momento de muitas mudanças, uma dessas em especial faria imensa diferença na vida social dos munícipes. Era um dos primeiros projetos de lei da câmara de vereadores de Gurjão, como também era uma construção comum a diversas cidades naquele período, projeto que foi aprovado e que solicitava e apresentava para votação a “construção de um prédio para o mercado público”, o qual foi aprovado por unanimidade na sessão de 28 de dezembro de 1963 e possuía autoria do então prefeito do município Sebastião Borges Coutinho, projeto que esteve presente em diversas discussões e só obteve aprovação em sessão de 20 de maio de 1965, com um texto que

Autoriza o prefeito municipal contrair empréstimo no valor de até 20.000.000 vinte milhões de cruzeiros e dá outras providências; o Sr. Severino Rodrigues Neves¹⁹⁸ fez uma ligeira exposição sobre as necessidades de aprovação, que se destinava a

¹⁹⁴ (TANNO, 2011, p.2)

¹⁹⁵ Conceito que naquele momento da cidade de Gurjão, não era entendido como atualmente, tendo em vista que havia uma naturalização da separação entre negros e brancos, já que era um costume visualizar os negros em posições subalternas e de inferioridade. Havia uma naturalização que fazia com que as pessoas, principalmente as mais privilegiadas não entendessem nem falas, nem a separação ou atos cotidianos como racismo, uma vez que ele não existia enquanto conceito, porém, como prática já acontecia.

¹⁹⁶ (BOSI, 2003, p. 73).

¹⁹⁷ (PEREIRA NETO, 2006, p.118).

¹⁹⁸ Foi vereador de Patos, após mudou-se para Gurjão e era funcionário ativo da Prefeitura Municipal de Gurjão, neste período.

construção do Mercado Público, financiamento este pagável em 10 anos e a juros de 7% ao ano.¹⁹⁹

Nesse projeto, existia possivelmente uma preocupação sanitária, visto que, o mercado funcionava em um prédio na rua central. Um prédio improvisado, uma vez que não havia sido construído com essa função e por mais que contasse com locais de abrigo e preparação de comida, também era o lugar de comercialização dos mais diversos alimentos e exposição de carnes, funcionava de forma improvisada, dado que o ambiente era pequeno e tudo se encontrava de forma misturada. Sendo assim, a construção do mercado, alinhado com as diversas cidades circunvizinhas era uma necessidade higiênica, como também de crescimento e de melhor acomodação para os comerciantes que seriam divididos por boxes e tipos de mercadoria. Isto, que era essencial para melhorar não só o local de estoque dos alimentos, mas também a saúde da população.

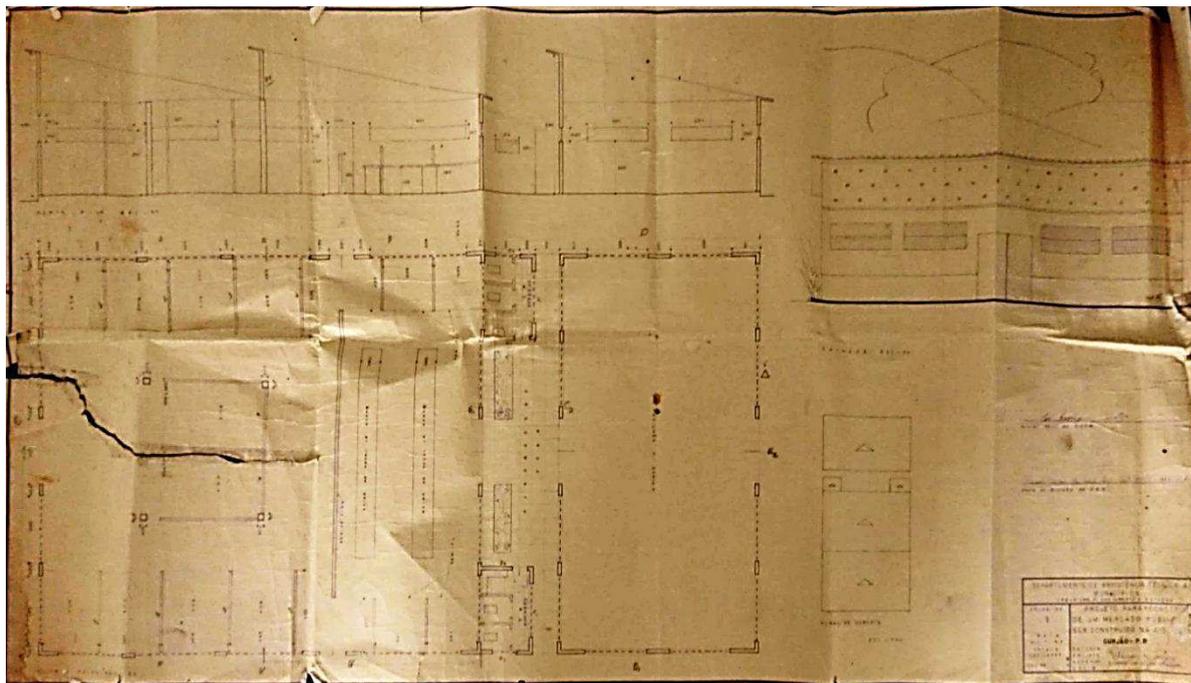
Diante do projeto aprovado na câmara, foi perceptível visualizar a dificuldade financeira do novo município que perpassava as primeiras legislaturas e acarretava uma construção da cidade mais devagar, visto que como está presente acima, para erguer um prédio público necessitava-se de um financiamento de 10 anos. Possivelmente este um dos motivos da não construção de um prédio que estava presente nos “sonhos”, mas não chegou a ganhar concretude, o qual foi relatado no projeto de lei encaminhado pelo Prefeito que “autoriza o poder executivo construir um prédio para os três poderes do município”²⁰⁰, o qual foi aprovado por unanimidade na sessão de 28 de dezembro de 1963.

Uma aprovação de um lugar que só ficou nos desejos de governantes e da população, uma vez que nunca saiu do papel o que difere totalmente do mercado público, tendo em vista que há um projeto arquitetônico do ano de 1964 com a denominação de “projeto para a construção de um mercado público em Gurjão-PB”. Esse projeto, retrata não só a fachada do local a ser construído, mas também o desenho geral da parte interna, conforme é possível observar na imagem a seguir.

¹⁹⁹ (ATA, 1965, p. 62)

²⁰⁰ (ATA, 1963, p. 15)

Figura 11: Projeto para a construção de um Mercado Público em Gurjão



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Gurjão

A imagem do Projeto, é um desenho geral de como a construção deveria seguir, na parte de cima da figura se vê a lateral e a fachada do prédio e na outra parte da imagem há o desenho geral, inicialmente a entrada, onde ficavam os boxes nas laterais e na parte central, posteriormente a bancada de comercialização de peixes, uma área aberta, ou seja, sem o teto e os banheiros e por fim, mas não menos importante, o pavilhão para os cereais. É importante destacar que um projeto não necessariamente é seguido à risca, mas no caso deste mercado, embora não totalmente com a mesma utilização dos espaços, a construção continha todos os itens que foram enumerados.

O mercado foi inaugurado na época da primeira legislatura pelo prefeito Sebastião Borges Coutinho, o qual também foi autor do projeto. Assim, é essencial destacar nesse sentido que esse ambiente que foi construído para comercialização e estoque de mercadorias das mais diversas e teve como diria Certeau (1998) em seus conceitos de “táticas” e “estratégias”²⁰¹, uma burlagem ou utilização de um espaço de forma diferente. Tendo em vista que o pavilhão de cereais se transformou principalmente no período noturno no famoso “salão do mercado”, local

²⁰¹ Os conceitos de táticas e estratégias, apontados por Certeau (1998, p. 97-102), compreendem a estratégia enquanto ligada a institucionalidade que pensa, planeja e produz cientificamente, tem a ver com a sua administração e organização do lugar. Ela é a quantificação que torna a cidade possível. Em sentido oposto, a tática está ligada ao consumo dos usuários, ela é astúcia e consegue estar onde ninguém espera. Ela está presente na ação de forma ocasional, ocupa o lugar do outro. Já, as estratégias a parte “institucional” por assim dizer e as táticas a “burlagem”.

dos mais diferentes tipos de festas e eventos, paqueras e afins, porém com um detalhe as festas e eventos lá promovidos eram dos “brancos”, assim se o mercado era um local para todos, as festas lá promovidas não tinham o mesmo perfil.

Levando em consideração que, ainda por herança do naturalismo muito forte do século XIX, “O Brasil era desenhado por meio da imagem fluvial, três grandes rios compunham a mesma nação: um grande e caudaloso formado pelas populações brancas; outro um pouco menor nutrido pelos indígenas, e ainda outro, mais diminuto, composto pelos negros”²⁰², rios que interferiram na forma e na visão dos indígenas e nesse caso principalmente dos negros. Assim, esse “salão do mercado” não foi o primeiro ambiente festivo da cidade, uma vez que havia festividades ou “forrós” que ocorriam na Escola Raulino Maracajá. Espaço que foi o primeiro ambiente escolar também e abrigava em época de política e até em outros momentos festividades, como relatado por Ramos (2022) que diz que “aquela escola perto da Cagepa²⁰³ (centro da cidade) tinha uns forrós bons danados, nas políticas e em outros tempos, no pátio, era muito bom”²⁰⁴.

Vale ressaltar que quando se fala de forró “independente da origem, a palavra designa tanto um baile como um ritmo musical. O baile em questão é popular e nordestino, [...] animado por diferentes ritmos, como o xaxado, o xamego, o xote, a marcha junina, o xenhenhém e o baião, que é o ritmo precursor do forró” e que

Foi a partir dos anos 50 que o vocábulo Forró começou a ser amplamente utilizado no Brasil, em especial por causa da grande migração de nordestinos para o Sudeste e para construção de Brasília. No forró, o sertanejo matava a saudade de sua terra natal e se identificava com suas raízes. Naquela década o ritmo foi um estrondoso sucesso nacional, tendo influenciado a música brasileira, como faz até os dias atuais²⁰⁵.

Logo, o cariri paraibano foi palco deste forró, conforme o entrevistado que não nos conta se havia divisão por cor naquele ambiente, mas com relação às festas que ocorriam em Gurjão nos anos 1960, no “salão do mercado”, a partir da fala do senhor José Vicente Teixeira é possível afirmar que “nessa construção por trás do mercado tinha um salão muito grande ai os brancos não tinham onde fazer a festa, passaram a fazer a festa no salão do mercado, então fazia o São João, era mais São João na roça, aqui e acolá uma festa, não era muita festa não”²⁰⁶,

²⁰² (SCHWARCZ, 2012, p.27)

²⁰³ Abreviatura de Companhia de água e esgoto da Paraíba.

²⁰⁴ Entrevista com o senhor Teodoro Borges Ramos no dia 22 de julho de 2022.

²⁰⁵ REBELO. Samantha C. Forró. Mais definições em trânsito. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/FORRO.pdf> Acesso em: 27 de agosto de 2022.

²⁰⁶ Entrevista com o senhor José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.

mas eram eventos e festas promovidas pelos brancos e por uma parte da classe política que se ajustava a esse perfil de dicotomia não só por conta da cor da pele, mas por “arengas” políticas.

Essas “arengas” políticas sempre fizeram parte da vida do distrito, assim como também foi uma herança para a cidade que se construía, um dos principais palcos desses acontecimentos eram as festas religiosas ou melhor os pavilhões dessas festas, em virtude de que era um espaço que tinha cordões de cor e cada cordão representava um lado político, seja o da situação ou o da oposição e a arrecadação de dinheiro demonstrava qual era o lado que tinha mais força política. O novo ambiente construído com a função de mercado, mas que se tornou o local de eventos dos brancos, não só representava um dos lados políticos, mas também uma cor de pele “única” para um ambiente particular, já que “os morenos não iam pra festa do mercado”²⁰⁷. Situação também confirmada nas palavras de Ramos (2022), quando diz que “o local dos brancos era lá no mercado, era dividido, hoje em dia não é mais, é tudo junto, uma coisa só”²⁰⁸.

Assim, nota-se que “tanto o “ser branco” quanto o “ser negro” são construções sociais” e que “assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro”, tendo em vista que “características físicas ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas”²⁰⁹. A divisão de locais para o divertimento, é uma prática cultural preconceituosa e que segregava as pessoas de uma pequena cidade, conforme relatado.

Os “brancos” tinham naquele local o espaço do seu lazer, esse que contava com mais de um tipo de evento por ano e onde acontecia “a festa dos brancos aqui era feita ali em um salão grande que tinha ali no Vidal Center (prédio construído no lugar do mercado), por trás, era a festa dos brancos, do povo branco”²¹⁰. Naquele ambiente, como disse Ramos (2022) na entrevista, “faziam o carnaval, dois ou três dias”, evento que contava com “banda de música, nesse tempo chamava orquestra que vinha de fora tocar, tocava as vezes três dias, as vezes dois dias, sempre era assim, no mercado mesmo”. Ele ainda relata que,

Fui pra o carnaval no mercado, o pessoal tinha umas fantasias, se enfeitava, não era enfeitado o jeito que eu ia, mas inventavam de botar um chapéu de palha as vezes, fazia uma presepada e emburacava, dançava fazia uns barbantes de gente as vezes ao

²⁰⁷ Entrevista com o senhor José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.

²⁰⁸ Entrevista com o senhor Teodoro Borges Ramos no dia 22 de julho de 2022.

²⁰⁹ (ALMEIDA, 2021, p.77).

²¹⁰ Entrevista com o senhor José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.

som da orquestra que vinha de outro lugar, sempre tinha a festa naquele tempo, o carnaval era 2 ou 3 dias²¹¹.

É imprescindível notar que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações”²¹², assim como uma necessidade para recontar o que já passou, por meio de quem presenciou os acontecimentos, nesse caso, a dança no mercado ao som da orquestra que certamente tocava frevo e o chapéu de palha que tornava-se naquele momento festivo um item essencial da fantasia da felicidade.

Uma lembrança que nos apresenta um ambiente de sociabilidades restrito a poucos, certamente a elite “branca” da cidade e a que se alinhava politicamente aos organizadores do evento que contava com muita animação e ocorria até altas horas da madrugada, festa que indiretamente fazia frente a outros carnavais ou blocos que saiam nas ruas da “nova cidade”, conforme as palavras de Oliveira (2022)²¹³ quando diz que “toquei a concertina em um carnaval em Gurjão, um bloco que saia lá do prédio da delegacia (rua principal da cidade), era um carnaval de rua”²¹⁴, evento que já agregava os mais diversos moradores da urbes.

Oliveira (2022), enquanto um dos principais artistas dos eventos de Gurjão nas décadas de 1960 a 1990, relata que iniciou tocando no grupo escolar, essa foi a primeira escola construída ainda no distrito e palco de festas religiosas em dias chuvosos, festas políticas e certamente muito forró, assim como o famoso “poeirão”, um local próximo ao mercado e de propriedade do próprio artista, o qual foi palco de muita dança e, provavelmente, de alguma história de amor. Mas, em termos de apresentação, um dos principais palcos da vida desse cantor, foi o “salão do mercado”, uma vez que “eu cheguei a fazer uns 12 São João da roça lá no mercado”²¹⁵.

São João na roça no Nordeste é provavelmente o principal evento festivo da maioria das cidades, é uma data de um feriado do catolicismo, porém altamente incorporada pela região e a cidade de Gurjão não era indiferente a essas festividades, tendo em vista que “era São João 5 noites, dançava a véspera e o São João, a véspera e o São Pedro e depois tinha a recordação,

²¹¹ Entrevista com o senhor Teodoro Borges Ramos no dia 22 de julho de 2022.

²¹² (NORA, 1993, p. 9)

²¹³ Joca de Oliveira é cantor, tocador de sanfona e compositor, reside atualmente no município de Santo André na Paraíba e era nesse período um dos únicos artistas que animavam as festas e eventos da cidade de Gurjão e do distrito de Santo André-PB, além de várias outras cidades do cariri. Ele, aprendeu a tocar primeiro a concertina e a partir dos 14 anos de idade já animava diversas festividades, atualmente é orgulhoso em dizer que tudo que conquistou em sua vida foi por meio da música.

²¹⁴ Entrevista com João Marques de Oliveira no dia 14 de agosto de 2022.

²¹⁵ Ibidem.

tudo no mercado, tudo animado, o cordão de quadrilha era grande”, ela que também amanhecia o dia, em função de que,

Eu passei a ser um apresentador de quadrilha, então nessa festa lá do salão do mercado, uma véspera de São João, o marcador que era zé chicó em saudosa memória ele não pode vir ai eu assumi, eu muito novinho, um rapaizinho bem novinho eu assumi essa quadrilha, nesse tempo era quadrilha a noite todinha²¹⁶

As festas no “salão do mercado”, eram “regadas” a forró e quadrilhas, assim como, contavam com uma iluminação por meio do motor de energia, como relatado “quando eu comecei a tocar, estava com uns 18 anos, começou com luz de motor, Pedro Civil é quem trabalhava, nesse motor é quem virava, organizava, era lei parece que até 9 horas”, mas “ai quando era no forró ai ia até terminar, aqui acolá tinha uma lâmpada na rua, mas era lá direto porque o motor não aguentava já parava direto”, isto porque a localização do motor era “longe, não podia ligar muita coisa não, o forró ficava claro, às vezes quando faltava energia, usava aquelas lâmpada que tinha gás, botava umas camisa queimava aquela camisa ai eles já tinha 4 ou 5 lâmpadas, porque as vezes o motor pifava ai acendia e tome pé no forró”²¹⁷.

Era, uma sociabilidade muito animada, levando em consideração que “nos forrós de Joca, Joca era novo, tocava a concertina, era cheinho de gente, perto da bodega de Robério, era ali em um salão só, dançava que só. Joca de Oliveira tocava uns forró bom, dançava com a molesta, quando um soltava o outro pegava, chegava em casa quase de manhã”²¹⁸, isto relatado por uma mulher que viveu intensamente aquele período, assim como Teixeira (2022) que diz “eu dancei muito são João da roça, sem saber ler, sem saber dançar, eu vinha da roça pra festa e depois ia trabalhar”, uma vez que a cor da sua pele apesar da pouca condição sócio econômica o possibilitava festejar no “salão do mercado”.

Um lugar que, “era cheinho aquele salão vei, tinha uns enfeites de palha de côco na entrada, era bom, dava pra dançar muito dentro”, isso, principalmente “no são João, passava 8 ou 15 dias fazia a recordação do São João, tocava Joca que era o principal, mas tocava Antônio de Mimi também, era sem som, depois Joca comprou um som, foi que fazia o forró, ele carregava na caminhoneta”²¹⁹.E, isso, apreende a veracidade dos eventos com o forró até amanhecer o dia. Esse que contava com muita dança e sociabilidade, entre os habitantes da cidade, mas também os da zona rural e das cidades circunvizinhas que deixavam seu corpo no ritmo da dança, compreendendo o ato de dançar, não apenas como uma ação de sociabilidade

²¹⁶ Entrevista com José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.

²¹⁷ Entrevista com João Marques de Oliveira no dia 14 de agosto de 2022.

²¹⁸ Entrevista com Rita Emília de Lima no dia 10 de junho de 2022.

²¹⁹ Entrevista com Teodoro Borges Ramos no dia 22 de julho de 2022.

dos seres humanos, porém, também como um ato de encontro de corpos. Corpos que se conectam, entram em sintonia e dependendo do ritmo, a pele entra em contato com a pele, o cheiro, o tato.

Assim, se tratando mais especificamente de forró, temos uma dança mais contagiante e que exige mais contato corporal. Homens e mulheres sentem o calor corporal um do outro, cheiros, toques mais provocantes podem acontecer. Sendo, essas danças que ocorriam não só uma socialização, mas também um encontro de corpos que eram tão distanciados devido às regras sociais, mas que durante a dança se encontram e trocam o calor corporal.

Calor corporal que tinha um ritmo próprio e músicas que aconteciam sem aparelhos sonoros, já que “era sem som, do jeito que estou tocando aqui, mas dava pra todo mundo ouvir e cantar, hoje em dia se não for com tonelada de som não dá”. Assim era dessa maneira que o evento acontecia com algumas músicas principais, as quais ele usava para iniciar seu show que foi o início das suas conquistas em função de que para ele “tudo foi arranjado com a sanfona, eu só tinha a vida e fazia sempre a abertura era com a música vai boiadeiro de Luiz Gonzaga”²²⁰.

Isto, se deu por uma inspiração a partir do rei do baião, em virtude de que Luiz Gonzaga utilizava a canção Boiadeiro, “a partir de 1950, iniciava e encerrava todas as suas apresentações em público, ou seja, música que adotou como uma espécie de cartão de identificação artística, que ele chamava de prefixo”²²¹. Logo, no momento isso era uma “sensação”, algo que devia repercutir nos meios de comunicação daquele momento e que chegava até o interior da Paraíba, em uma festa que era realizada com energia que era produzida a partir do motor²²² e que não possuía som, mas tocava a música de sucesso naquela época, conforme a seguinte letra:

BOIADEIRO

Vai, boiadeiro, que a noite já vem
Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem

De manhazinha quando eu sigo pela estrada
Minha boiada, pra internada, eu vou levar
São dez cabeça, é muito pouco, é quase nada
Mas não tem outras mais bonitas no lugar

²²⁰ Entrevista com João Marques de Oliveira no dia 14 de agosto de 2022.

²²¹ (VIEIRA, 2012, p.125)

²²² Um motor que ficava por trás de uma padaria de seu Zé, um equipamento grande que contava inclusive com um tanque de água próximo para que funcionasse segundo Percilio Medeiros de Souza que concedeu a entrevista no dia 09 de dezembro de 2022.

Vai, boiadeiro, que o dia já vem
 Leva o teu gado e vai pensando no teu bem

De tardezinha quando eu venho pela estrada
 A fiarada tá todinha a me esperar
 São dez fiin, é muito pouco, é quase nada
 Mas não tem outros mais bonitos no lugar

Vai, boiadeiro, que a tarde já vem
 Leva o teu gado e vai pensando no teu bem

E quando eu chego na cancela da morada
 Minha Rosinha vem correndo me abraçar
 É pequenina, é miudinha, é quase nada
 Mas não tem outra mais bonita no lugar

Vai, boiadeiro, que a noite já vem
 Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem²²³

A música escolhida para abrilhantar as festividades no “salão do mercado”, fazia parte dos repertórios do período, dado que havia sido lançada em 1950 e naquele período as canções não eram ouvidas imediatamente como na atualidade, então havia uma diferença temporal para a música chegar nas mais diversas e distantes localidades. Cidades como Gurjão, em que após a música chegar foi um sucesso garantido, tendo em vista que sua letra contava a história do nordestino trabalhador e de grande realidade das pessoas no município de Gurjão, conta a história de um boiadeiro que leva seu gado, tem sua esposa e cuida dos seus filhos, que são “São dez fiin”, o que era comum principalmente nas famílias “construídas” na zona rural da cidade.

A música tocava a vida das pessoas, sua letra era um pedacinho da história de quem a ouvia, ir para os eventos curtir e dançar ao som de Joca de Oliveira, era também pensar na sua própria história que saía melodicamente da voz do artista. O sítio, os animais, a família, o trabalho dia a dia, tudo isso estava na canção e despertava um pertencer também ao lazer, o sentimento de fazer parte de um todo alegre, musical. Logo, já que naquele período a cidade de Gurjão contava com uma extensa área rural, a maior parte da população vivia da agricultura e da criação de gado, então é notável o quanto a letra se misturava a vida das pessoas.

²²³ Boiadeiro é uma música/toada composta no ano de 1950, por: Klécio Caldas / Armando Cavalcanti e interpretada na voz de Luiz Gonzaga, inclusive se transformando em um clássico atemporal.

Portanto, é imprescindível notar, que essa era uma das principais músicas do repertório de Joca de Oliveira em seus eventos, era um sucesso nacional na belíssima interpretação de Luiz Gonzaga. Essa era apenas uma das músicas de um repertório recheado de outras composições que faziam sucesso e que se estendiam pela noite, levando em consideração que a festa ia até de madrugada. O forró era garantido, assim como a dança, essencial naqueles eventos. Muito “forró” rolava, como também uma série de outras músicas, em que uma das principais, tocadas por Joca de Oliveira nos eventos que ocorriam nos anos 1970, principalmente os eventos do “salão do mercado” a composição a seguir.

VOU PRA TAMARINEIRA

Só podia amar dessa maneira
 Na tamarineira sei que vou parar
 Nunca vi no mundo gente igual a mim
 Dentro de um segundo eu fiquei assim
 Desde que perdi o meu bem-querer
 Vivo a padecer e a me lastimar

Triste de quem ama a quem não merece
 Meu coração chama, aí se eu pudesse
 Vem o teu carinho, quero te abraçar
 Venha meu benzinho, quero te amar

Tá fazendo um ano que eu vivo assim
 Nesse desengano que será de mim
 Vivo na carreira pra lá e pra cá
 Na tamarineira eu vou sossegar
 Só podia amar dessa maneira
 Na tamarineira sei que vou parar²²⁴

A composição que animava a festa no mercado, chama a atenção, pela temática do coração partido, a necessidade de carinho exposta na letra, assim como o desengano amoroso que abre o questionamento sobre o que será da vida sem a pessoa amada. Essa é uma música que demonstra o repertório variado do artista, em virtude de que se na canção de abertura, a vida do homem do campo com sua família era a temática principal. Nessa segunda canção, o

²²⁴ Essa música que embalava muitos amores ou dessabores amorosos nos anos 1970. É uma composição de Elinó Julião e João Machado, tendo por título vou pra tamarineira e interpretada na voz marcante de Elinó Julião.

principal é o sofrimento de quem perde a pessoa amada e vai sossegar na tamarineira, isto não abarcando o ritmo da música que não é de forma alguma triste ou lenta, mas, sim dançante.

Repertório que embalava uma diversidade de pessoas, essas que dançavam ao som das melodias e pensando sobre a letra da canção, certamente quando estava a pessoa com algum tipo de sentimento que se encaixasse no que a canção trazia. Havia não só o sentimento da música como também o prazer das pessoas que a escutavam, os que “viviam na carreira pra lá e pra cá”, mas que sonhavam com a “tamarineira para sossegar”, ou seja, a ideia era ter a sombra de uma árvore como a tamarineira que pode chegar aos 30 metros de altura e descansar ao lado da pessoa amada.

Destaca-se ainda uma outra música que era tocada, principalmente para “puxar” a quadrilha, “era o Camaleão”, naquele período também se “dançava muito forró, baião e xote”²²⁵, os ritmos preferidos no São João da roça dos “brancos”. Contudo, nem só esses eram os eventos que ocorriam nesse espaço que ficava dentro do mercado, como relata seu Paulo “era dentro, mas sendo na parte de lá, pra cá onde tinha esse negócio de tarimba e açougue esses negócios não”, ou seja, era exatamente no pavilhão das rações, uma vez que este era “um salão bem grande, no fim do lado de cima, não sei como é que tá hoje porque modificaram tudo, mas tinha um salão bem grande e era nesse salão”²²⁶.

Salão de inúmeras histórias e também um espaço que abrigava outra tipologia de eventos, dado que “em 1970 já é antigo, já tem 52 anos já que tinha festa de concluinte, ai tinha as festas de concluinte, eles faziam no mercado, que era dos brancos, mas quem tivesse concluindo que fosse negro participava e recebia o diploma lá também”, momento de inserção de negros no ambiente, porém é importante questionar, será que nesse período havia mesmo esses negros na escola? Enfim, o que podemos afirmar com certeza é que o evento englobava todos os concluintes, assim como os seus familiares e também se tornou palco de um encontro amoroso que durou uma vida inteira, dado que, “foi nessa festa de concluintes que conheci minha esposa, em fevereiro de 1971, hoje só resta saudades”²²⁷.

Saudades vista nos olhos de seu Paulo, não só das festividades e do tempo dessas festas e comemorações ou de sua juventude, mas também da esposa que já faleceu, mas não foi e, provavelmente não será esquecida por ele, em razão de que a sua maior lembrança de festividades e sociabilidade no salão do mercado, foi o dia que a conheceu, em fevereiro de 1971, ao som segundo ele da “primeira banda que eu vim ver aqui que era o tal dos Sicilianos,

²²⁵ Entrevista com João Marques de Oliveira em 14 de agosto de 2022.

²²⁶ Entrevista concedida por Paulo Teixeira no dia 20 de maio de 2022.

²²⁷ Ibidem.

mas eu nunca mais ouvi falar neles”. Banda que não só tocou, mas embalou a primeira dança e os primeiros momentos de uma história de amor que durou até a morte. Logo, uma atração que embalou um amor em um ambiente que foi palco da formatura indicada por Teixeira (2022), como fica perceptível nas fotografias a seguir.

Figura 12: Baile de Formatura da turma de 1971



Fonte: Acervo Pessoal da Autora

A Primeira imagem da festa é uma fotografia que retrata um dos eventos que ocorreram no “Salão do Mercado”, precisamente o baile de formatura da primeira turma concluinte do ginásio municipal Juarez Maracajá, no ano de 1971. A imagem capturou o espaço em que ocorreram diversos eventos nas décadas de 1960 a 1990, pela fotografia vê-se que o local era bastante espaçoso, a ventilação era feita por meio de combogos, o piso era de cimento queimado e o local em que a banda se apresentava era improvisado.

A banda que tocava aparentemente não contava com cantor, mas com instrumentos, uma atração instrumental que embalava a dança dos formandos e participantes do evento. Esses se encontravam trajados em suas melhores vestimentas para a participação do momento, a mulher na imagem está com um vestido longo e penteado elaborado, enquanto os homens vestiram seus paletós para celebrar a formatura.

Ainda é possível observar a juventude apresentada pelos rapazes que com sua música animavam o lugar, assim como a cor negra deles, posto que como relata seu Paulo “quando tinha as festas de concluintes todo mundo se juntava no mesmo espaço, os negros e os brancos

também”²²⁸. Já que era uma festa das famílias e não só famílias brancas que compunham a população de Gurjão naquele período, mas também os negros e suas famílias. A imagem originalmente estava em um monóculo²²⁹ e apresenta coloração, dado que é possível observar a partir dela a cor das roupas e do tecido vermelho que “enfeita” o palco do evento. Isto que não é possível observar na fotografia a seguir, está impressa e capturada também no mesmo evento, tendo em vista que ela se apresenta em preto e branco.

Figura 13: Parte da Turma de formandos de 1971



Fonte: Acervo Pessoal da Autora

A fotografia acima, em preto e branco, apresenta parte da turma de concluintes de 1971, no baile de formatura, que ocorreu no “salão do mercado”. Na imagem, é possível observar a diferenciação entre os formandos e os participantes do evento, especialmente por causa da vestimenta. Há uma contraposição significativa, em virtude de que os formandos estavam os homens com paletó e as mulheres com vestidos longos e sapatos, enquanto o resto do pessoal usava camisa e calça ou no caso das mulheres vestidos curtos e outros tipos de calçado.

Conforme visível desde a outra imagem, o evento de formatura congregava desde negros até os brancos, assim como tinha um espaço considerável para reunir as pessoas em um lazer cidadão. Nota-se também que seguindo o modelo de formatura de colégio, não havia uma padronização de trajés para os concluintes, uma vez que tanto os homens quanto as mulheres estão vestidos e paletós com cores diferentes.

²²⁸ Entrevista concedida por com Paulo Teixeira em 20 de maio de 2022.

²²⁹ Um monóculo é uma peça fabricada em Poliestireno injetado, um tipo de plástico. Com o formato cônico, uma extremidade contém uma imagem e a outra extremidade uma lente de aumento para visualização.

Uma outra observação é a captura na foto das outras pessoas que estavam participando do evento e apareceram despreziosamente na imagem, como é o caso do rapaz que veste uma camisa estampada e sequer vira o rosto para a fotografia, o que não é o caso da moça que está “escorada” na parede atrás dos formandos e olha de lado para o fotógrafo. Todos aparentam um semblante tímido e não se sabe se estavam a se divertir ou esperavam a valsa dos concluintes vestidos no melhor dos trajes para o evento no local das festividades das pessoas mais ricas da cidade, embora não tenha sido inicialmente construído para esta finalidade, já que o espaço era o de mercado público, porém este ambiente de uma forma ou de outra foi palco de uma série de histórias.

2.3 NÃO É NO CENTRO DA URBS, MAS É O CENTRO DA ANIMAÇÃO...O CLUBE GUARANY

A cidade de Gurjão quando de sua emancipação em 1962, já contava com duas festas religiosas, uma do seu Padroeiro São Sebastião e a outra de Nossa Senhora do Rosário, essa segunda festa que acontecia em outubro, era uma festa muito antiga e remetia não só à influência da tradição católica, mas também às tradições africanas, principalmente com relação à separação de “negros” e “brancos” como é o caso dessa festa que era essencialmente negra, como sugere o senhor Raulino Maracajá, ao escrever em seu caderno de memórias, quando se remete a lembrança de que “a do Rosário era de facto animadíssima, patrocinada pelos pretos que procuravam dar maior brilhantismo aos festejos”²³⁰.

Essa festa, “existia para dar mais nobreza aqueles festejos, uma charanga composta de cinco músicos, com os seguintes instrumentos: bombo, rufo, pratos e dois pífanos ou pífaros”, para além desses instrumentos, existiam também o “reinado, composto de um rei e uma rainha”, “um jogador de espontão ou meia lança com grande habilidade, dançava ao som do batuque, atirando a sua lança cheia de fitas nos ombros do povo” e “atrás do jogador da meia lança, vinha o rei com a rainha em seguida a charanga, acompanhada por uma grande massa popular, percorrendo as artérias principais da povoação”²³¹.

A duração da festa era de dez dias, e segundo Raulino “não se observava uma pequena discussão” e “logo que, era anunciada a chamada para a missa com o toque do bronze, o reinado acompanhado pela charanga e uma enorme massa popular, entrava na Igreja, subindo aos ares

²³⁰ (MARACAJÁ, 1959, p. 44)

²³¹ Ibidem, p. 45.

uma grande girandola, não existindo naqueles tempos foguetões, balões e fogos de artifício”. A sociabilidade naquele período tinha a ver com as festividades, as músicas, danças e também a fé religiosa.

“A procissão tinha início às quatro horas da tarde, quando todos se achavam na Igreja, saindo as 5 horas da tarde um grande préstito, conduzindo os andores bem ornamentados, ao glorioso S. Sebastião e da Virgem do Rosário”, isto tudo acompanhado pelo “reinado, a charanga e uma enorme multidão de pessoas, que vinham de todos os quadrantes vizinhos, render suas homenagens a esta festividade em honra da nossa mãe do Rosário.”²³²

Com relação à festa social “a noite começavam as danças que se prolongavam até a manhã seguinte, “a única bebida que existia, era o vinho branco de Lisboa e a cana brejeira que se tomava um grog, em pequena escala para não prejudicar os festejos e o padre não ficar aborrecido”²³³, pois isso era algo que poderia vir acontecer. É importante notar que essas disputas ocorriam desde o começo do século XX, logo não era uma prática nova ter uma divisão de eventos por cor de pele e isso foi se acentuando ao longo do tempo. Um dos motivos da construção do clube Guarany ou “clube dos negros”.

“O radicalismo era muito grande, dado aquele tempo, tempo ...era uma grosseria, o povo de Gurjão a gente sabe que é um povo muito bom, um povo ordeiro, manso, mas esse radicalismo era de muito tempo atrás que não era do meu tempo, eu já recebi essa posição muito ruim”²³⁴. O radicalismo a que o entrevistado se refere é a divisão entre “brancos” e “negros”, ou entre pobres e ricos, na verdade naquela época não era algo visto como atualmente, dessa forma quando da fala do narrador, ele já tem olhos mais atuais para tal evento, portanto em sua compreensão atual sabe que eram atos de discriminação, mas é importante reiterar que naquele tempo aquela separação era algo mais naturalizado, conforme colocado por Ramos (2021) que diz que “não sei porque era separado, mas tinha essa divisão, os negros iam para o Guarany”²³⁵.

Uma divisão que foi um dos principais fatores que impulsionaram um grupo de pessoas na década de 1960 construir o Guarany, ambiente edificado em um local afastado do centro e com a ajuda não só dos associados, mas também dos políticos da época. Era um espaço, construído por pessoas que “se sentiam excluídos das práticas de lazer dentro da cidade de Gurjão, uma vez que os menos favorecidos da cidade não tinha um espaço de recreação”²³⁶, assim como os negros, mas era por esse motivo que a associação que se formou para conseguir

²³² (MARACAJÁ, 1959, p. 45).

²³³ Ibidem, p. 45.

²³⁴ Entrevista com José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.

²³⁵ Entrevista com Teodoro Borges Ramos no dia 22 de julho de 2022.

²³⁶ (MACEDO, 2017, p.39)

construir o ambiente de festividades, iniciou suas atividades em 1962, momento em “que foi criada uma associação civil sem fins lucrativos, com duração por tempo indeterminado, e sede no município de Gurjão-PB Estado da Paraíba, na Rua Professora Genuína Pessoa, 199, centro”²³⁷.

A finalidade da Associação era “a utilização do espaço físico do clube pelos associados para realizar atividades recreativas e culturais, bem como para as reuniões dos sócios e empréstimo do espaço para a sociedade de Gurjão-PB e outras associações”, ela “se manteria através de contribuições dos associados e de outras atividades, sendo que essa renda, recursos e eventual resultado operacional serão aplicados integralmente na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais, no território nacional”²³⁸. Era um espaço especialmente para a população negra vivenciar momentos de festividades, criado para diversão, dança e forró, mas também que interseccionava questões étnicas e políticas da época.

Uma associação que envolvia uma diversidade de associados que se envolviam naquele ambiente, tendo em vista que,

Para ingressar no clube, bastava apenas querer fazer parte deste, não havendo cobrança de taxas relativas à entrada de membros, porém existia uma associação, e essa, por sua vez, pagava uma mensalidade fixa, e por essa razão, possuía uma carteirinha de sócio do local. Com o dinheiro, era possível manter o funcionamento do mesmo²³⁹

A carteirinha era um documento, um instrumento comprobatório da ligação das pessoas com o ambiente, comprovava também a sua categoria e contribuição a partir do trabalho ou da mensalidade para o funcionamento do local. Ela, contava com a assinatura do presidente e do tesoureiro e possuía as informações sobre o sócio digitadas na máquina de datilografar. Possuía um papel essencial em apoiar o sentimento de pertencimento de quem fazia parte da sociedade, em virtude de que possivelmente era um orgulho não só fazer parte do espaço ou frequentá-lo, mas ser dele um sócio. Conforme, a carteira que segue abaixo.

²³⁷ Estatuto da Associação do Clube Recreativo Guarany

²³⁸ Ibidem.

²³⁹ (MACEDO, 2017, p. 42)

Figura 12:Carteira Social Guarany²⁴⁰ Clube de Gurjão (Ladisláu Pereira)



Fonte: Acervo pessoal de Ailton Ramos Pereira

A imagem número 12, é de uma carteirinha de associado do Clube Guarany como já citado anteriormente, por ela destaca-se que existiam categorias diferentes de associados, em função de que o senhor Ladisláu era um sócio mensalista, pela foto 3x4 na carteira ele é negro e apreende-se também que essa associação foi provavelmente criada no ano de 1964 que foi o período de construção do clube de “negros”, em meio a um período de uma ditadura militar no Brasil. Outro elemento na imagem que é imprescindível notar, é o número de inscrição de tal associado que contava com a numeração 17, o que demonstra que para além dele já havia a existência de diversos outros sócios.

Dentre esses associados, percebe-se que havia pelo menos de certeza um tesoureiro e um presidente, conforme as assinaturas presentes na imagem, informação também apresentada por seu Paulo, quando diz que em sua época, por volta dos anos 1960 havia as festas que eram em grande medida realizadas pelos “negros aqui no Guarany, ai tinha os presidentes do clube que era no meu tempo que eu me lembro era Heleno Borges”²⁴¹, uma das pessoas mais lembradas em termos de organização deste clube e dos eventos patrocinado por negros e que era sócio número 4 do clube, conforme imagem a seguir.

²⁴⁰ Durante a pesquisa foi possível encontrar o nome Guarany com duas grafias diferentes, Guarani e Guarany. Neste trabalho o uso da grafia será utilizado de acordo com as fontes, sendo a grafia **GUARANY** utilizada com mais frequência.

²⁴¹ Entrevista com Paulo Teixeira em 20 de maio de 2022.

Figura 13: Carteira Social Guarany Clube de Gurjão-PB (Heleno Borges)



Fonte: Acervo pessoal de Andrea Silva²⁴²

Heleno Borges, foi inscrito no mesmo dia que Ladislau, ou seja, no dia 23 de agosto de 1964. Esse, foi um dos primeiros associados, dado que o número de sua carteirinha é o 4, ele era sócio mensalista. Ele era também uma das principais figuras das atividades no clube, mas principalmente da criação da associação, da qual fazia parte uma série de pessoas, conforme nossas fontes que contabilizavam mais de 20 pessoas e que utilizaram o auxílio do prefeito da época Sebastião Borges Coutinho, para conseguir a construção do clube. “O Guarany foi exatamente os pretos que tomaram a posição de fazer o clube então algum branco ajudou, teve uns brancos que ajudou que não tinha muito problema, mas ajudou financeiramente”²⁴³.

Logo, também fica perceptível uma necessidade desses “brancos” na ajuda financeira para a construção do clube, em razão de que um de seus objetivos nessa colaboração era a “separação” das pessoas nos eventos. Um lado, o deles era o clube dos “brancos” e mais afastado seria o divertimento negro, um dos motivos da ajuda que também acontecia por ser um beneficiamento para a população. Mas, não só isso, era também uma forma de angariar eleitores, tendo em vista que essa construção gerava pessoas “agradecidas”, quase sempre o que se transformava em votos para os políticos que financiaram a edificação do lugar.

Movimentação em que se deu a construção e o funcionamento do clube que apesar de funcionar desde os anos 1960 e colaborar com a separação racial e também da divisão política, só teve sua escritura de doação lavrada nos anos 1978, conforme o documento de “Escritura Particular de Doação, que fazem Manoel Teófilo de Oliveira e sua esposa Dona Luiza Teixeira

²⁴² Fotografia publicada em 14 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=851252981637847&set=a.851252924971186> Acesso em: 10 de novembro de 2022.

²⁴³ Entrevista com José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.

de Castro, ao clube recreativo Guarany, da cidade de Gurjão”, estes fizeram a doação do lugar “aonde atualmente funciona o aludido Clube Recreativo Guarany desta cidade”²⁴⁴.

Fica perceptível que em 1978, o clube já era um lugar construído e que funcionava com suas instalações e os mais diversos tipos de eventos. O prédio construído inicialmente possuía uma porta estreita e duas janelas na parte da frente, um local pequeno, mas “era uma forma de lazer para os menos favorecidos da sociedade de Gurjão”. Como também, era um ambiente muito frequentado pelos “trabalhadores que participavam desse lugar como forma de lazer em seu tempo livre, desenvolveram dentro desse espaço suas próprias atividades como as famosas quadrilhas, danças populares (forró pé de serra, arrasta pé entre outros ritmos)”, assim como “apresentações de bandas de pífano, dentre outras”²⁴⁵.

Os pobres ou trabalhadores, geralmente eram também “negros”, em função de que com a abolição da escravidão a maior parte dos novos libertos ficaram em situação difícil, sem estudo e só com a força de trabalho para oferecer²⁴⁶. Logo, isso ainda era algo remanescente naquele período da Paraíba, os negros eram em sua maioria pobres, embora também existissem “brancos”, estes estavam em menor número, mas isso não quer dizer que eles não tinham tempo para atividades de lazer.

Considerando que “o tempo de lazer, entretanto, é chamado de tempo livre justamente porque nessas horas- apesar das limitações impostas pela pobreza – o trabalhador escolhe”, e, “como em todas as escolhas, a qual também opera com alternativas limitadas”²⁴⁷, ou seja, havia apenas o clube Guarany para esses frequentadores, os quais relataram que nesse ambiente havia diversos tipos de eventos, dentre eles “o carnaval tinha, agora nesse tempo do carnaval eles faziam, eles faziam do mesmo jeito, só que era outra coisa né, tinha que o pessoal era Heleno²⁴⁸, Zé Maria, ai ele gostava muito e brincava muito o carnaval nesse Guarany”²⁴⁹.

Um espaço construído, organizado e frequentado pelos pretos, isso em grande medida, em virtude de que a animação naquele espaço era tamanha que vários “brancos” também tinham interesse em frequentar, isto ocorrendo basicamente nos anos 1980, mas não de forma desorganizada ou de acolhimento de todos. Havia regras. Se um branco adentrasse ao espaço e

²⁴⁴ Escritura de Doação do local do Clube Recreativo Guarany

²⁴⁵ (MACEDO, 2017, p.40).

²⁴⁶ E, para além desse trabalho, essas pessoas formaram ambientes que corroborassem com sua luta, sen a "experiência dos clubes negros confere inteligibilidade às lutas políticas travadas por grupos negros e densidade histórica ao processo de racialização vivenciado ao sul das Américas, nas emancipações e no pós-abolição" (SILVA, 2017, p.256)

²⁴⁷ (CARDOSO, 2003, p. 15)

²⁴⁸ Heleno Borges, foi um dos fundadores do clube Guarany e era um dos principais organizadores dos eventos que lá aconteciam.

²⁴⁹ Entrevista com Paulo Teixeira no dia 20 de maio de 2022.

uma das mulheres não quisesse dançar com ele, este era retirado do espaço. Esse que contratava artistas para fazer a festa que contava com a participação de artistas como os “gêmeos de Santa Luzia que vinham, faziam um sucesso danado, faz muito tempo, mais de 40 ou 50 anos”²⁵⁰, assim, como também se apresentava por lá o sanfoneiro Joca de Oliveira, como relata em sua entrevista que para além do espaço dos brancos, ou seja, o “salão do mercado” ele diz que “no Guarany toquei também”²⁵¹.

Naquele ambiente, onde também era realizado o São João na roça, que era “o clube Guarany dos negros”, acontecia para além desse. Era possível a observação da existência de outros eventos, dentre os quais “tinha a festa dos tamburim, se juntavam Heleno, Cosme tudo era do clube dos negros, ai eles que tocavam, cada um com seu instrumento”²⁵², festividades que corroboravam com outras como a festa religiosa de Nossa Senhora do Rosário com seus toques, batuques e afins. Assim, é imprescindível notar o protagonismo negro deste espaço.

Por conseguinte, os eventos, assim como o local, passavam por inúmeras situações de preconceito por parte das mais diversas pessoas, inclusive dos fazendeiros do município que não conheciam, mas julgavam e proibiam seus filhos de frequentar esse ambiente, justificando essa proibição afirmando que o espaço era frequentado por “negros”, “mulheres da vida”²⁵³ e de muitos eventos dançantes, ato muito “indecoroso” para as moças recatadas²⁵⁴, essas que não deveriam nem frequentar um ambiente que eles consideravam tão “inóspito”, como também não deveriam dançar, posto que isto levaria a situações de paqueras ou até namoros indesejados e sem decoro.

Porém, não era todo mundo que seguiam essas regras, tendo em vista que há muitos relatos de “quebra das regras”, em que mais uma vez existiu a presença das “táticas” apresentadas por Certeau (1998), já que várias moças de família ou frequentadores do salão do mercado, fugiam desse local e enveredavam “clandestinamente” para o clube Guarany, pois achavam esse ambiente muito mais festivo, animado e cheio de danças sem a “vigilância” das

²⁵⁰ Entrevista com Paulo Teixeira no dia 20 de maio de 2022.

²⁵¹ Entrevista com João Marques de Oliveira no dia 14 de agosto de 2022.

²⁵² Entrevista com Rita Emília de Lima no dia 10 de junho de 2022.

²⁵³ Margareth Rago (2008) sublinha que as prostitutas de classes pobres, em especial as negras, não eram bem-vistas pelos grupos dominantes e eram constantemente acusadas de comportamentos inadequados e desonrados.

²⁵⁴ Naquela época as moças recatadas eram educadas para serem esposas e mães pilares do recato e da submissão. Esperava-se que as esposas fossem condescendentes, pacientes e amorosas, só assim o casamento seria harmonioso, e assim compreendemos que o lugar social da mulher repousava no recato, na afetuosidade e na submissão. Tendo em vista que estes eram os predicados de uma “boa esposa” no início do século XX. Isto, também serviu como uma separação das fronteiras sociais entre as mulheres “respeitáveis” e as “libertinas/prostitutas”, ou seja, “a prostituta foi percebida como uma figura voltada para o exterior, mulher do mundo sem vínculos nem freios, ao contrário da mãe, toda interioridade, confinada no aconchego do espaço privado” (RAGO, 2008, p. 174)

senhoras da sociedade, lá tinha os associados “tinha um tratamento excelente e as festas era boa, era animada, festa muito boa, eles tiveram esse trabalho maravilhoso aqui na cidade porque antes não tinha animação era fraca, era na casa de amigos, na sala de um amigo, depois que jogou pra lá ficou um cantinho pra muita gente se divertir”²⁵⁵.

Dessa forma, “tinha gente que respeitava para não entrar não”, porém havia os “burladores”, esses que conseguiam, por meio de amizades entrar no clube Guarany e festejar, aproveitar e principalmente dançar. Como o senhor Ramos (2022) que relata que participou lá de “um são João, era muito animado, a gente dançava muito lá, eu, um amigo com muitas mulheres, dançava a noite toda”²⁵⁶, ação que anteriormente à construção dos clubes ou até do mercado, quando não era as festas religiosas praticadas na rua, era recorrente ocorrer na casa de amigos ou de pessoas que tinham intenção de se divertir e um local de tamanho considerável, conforme a imagem a seguir.

Figura 14: Festa em casa de amigos



Fonte: Acervo Pessoal de Andréa Silva²⁵⁷

Na fotografia acima, capturada em um momento de descontração, é possível perceber o que o senhor José Vicente afirma, ou seja, as festividades que anteriormente à construção do

²⁵⁵ Entrevista com José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.

²⁵⁶ Entrevista com Teodoro Borges Ramos no dia 22 de julho de 2022.

²⁵⁷ Fotografia publicada em 01 de março de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/museufotograficovirtualdegurjao/photos/815886541841158>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

clube aconteciam na casa de amigos ou certas pessoas da comunidade que realizavam eventos desse tipo, os quais, como visualizado, contavam com a presença de homens e mulheres, um lugar de muita dança, o qual se define como “um conjunto de acontecimentos que funciona sem apertar o botão, uma vez que nada separa o acontecimento daquilo ao qual ele se refere. Dança é quando e depois”²⁵⁸, também é um encontro de corpos e um momento de paquera, logo também é um momento de sociabilidade.

Diante do qual, é essencial observar pela imagem, especificamente, a presença de três casais que estão dançando provavelmente em um ritmo de forró. Em que é importante ressaltar que esse é um ritmo de uma dança bastante corpo a corpo e de muito contato, conforme possível notar pela fotografia em que os toques são acintosos, portanto, era um ritmo que sofria inclusive preconceito por parte das famílias das “boas moças” ou “moças de família”, por ser um atrativo para os encontros amorosos, mas também pela falta de “pudor” essencial para as jovens.

Para além deste detalhe, a roupa utilizada é outro ponto que chama a atenção na imagem, em razão de que todos estavam bem-vestidos, demonstrando com isso a importância do evento que participavam que embora em casa de família, era algo “grandioso” na cidade daquele momento. As moças vestiam decotes nas costas bastante acentuados para aquele período, ou seja, se vestiam de forma ousada para aquele tipo de evento nas casas, em que iam se divertir como observável pelos rostos sorridentes, cheio de imaginações e possibilidades por parte dos envolvidos.

Consta que não eram todas as pessoas que frequentavam as festas nas casas de amigos, primeiro por ser geralmente as pessoas de um círculo mais íntimo e depois por haver em muitos casos proibições por parte da família, principalmente das moças. O corpo em encontro com o outro corpo principalmente na dança era um medo bastante recorrente por parte das mães de moças da cidade, a possibilidade de “se perder”²⁵⁹ era constante na mente, assim como as questões da vestimenta.

A vestimenta, apresentava que “a lógica da roupa oferece uma maneira de compreender e um meio de estudar as transformações sociais que ocorrem nos aglomerados urbanos”, as festividades eram um dos mais importantes aglomerados, em que era possível perceber as transformações por que passava as pessoas daquele período, conforme a roupa que vestiam,

²⁵⁸ (KATZ, 1994, P.10)

²⁵⁹ Essa colocação refere-se ao fato de as moças perderem sua honra, certos casos até com toques mais acintosos, tendo em vista que a “noção de honra referia-se a modelos normativos pautados pela obediência aos pais e às mães, no interior dos lares, e defendia o pudor e recato nos espaços públicos. Envolveria também valores sociais relativos “à boa reputação”, “aos bons procedimentos”, “bons princípios e boa formação”, ao “bom conceito”, entre outros. Baseados na doutrina cristã, pais e mães procuravam convencionar os limites tradicionais do pudor, colocando-os como indispensáveis às condutas e aos comportamentos femininos” (RAMOS, 2015, p. 76-77).

esta que “variando constantemente, revela e esconde a posição social”²⁶⁰. Isto, dependendo de quem usa e quem vê ou “julga” o outro, naquele período um dos temas mais discutidos era a roupa curta.

Sobre esse tema da vestimenta, Raulino Maracajá explanava o que pensava a elite naquele momento sobre o tema, com as seguintes palavras “é uma falta de recato de uma jovem, às vezes, tão educada se trajar de maneira tão impudica [...] os vestidos que algumas destas, estão se trajando com este rigor da moda, é realmente desvirtuoso para uma mulher porque o corpo da mulher é um relicário sublime que não deverá ser exibido”. Dessa forma, ele mandava ainda um recado “aqui ficam as minhas repulsas, a algumas, das jovens mais desmioladas para se absterem desses trajes tão incivis e de uma moda, toda indecente. São finalmente, esses trajes que acarretam a humanidade para uma vida pecaminosa e turbulência para muitos”²⁶¹.

Uma questão importante para frisar são as fronteiras que existiam entre as mulheres públicas e as consideradas honradas, principalmente com a questão das vestimentas, dado que o uso em excesso do decote não era algo associado a uma mulher honrada, mas com certeza era a uma mulher pública. Sendo assim, uma das preocupações das famílias com as moças eram as vestimentas, principalmente as curtas, já que só “mulheres da vida” se vestiam assim, tendo em vista que uma moça assim só poderia ser indecente e ter uma vida pecaminosa que acarretaria turbulência para muitos, esses podendo ser interpretados como os familiares que tinham uma “honra” que não poderia ser maculada sobre nenhum pretexto.

Tema esse essencial no caso das festas e dos ambientes de sociabilidades, o qual vai perpassar não só as questões de “honra”, como também vai influenciar nos encontros nos clubes construídos de acordo com a cor da pele, mas também com uma forte questão política que envolvia para além da cor da pele, a questão monetária e o voto. Logo, não era só uma questão de que os brancos se dirigiam ao salão do mercado, enquanto os negros se dirigiam para o clube Guarany.

²⁶⁰ (ROCHE, 2007, p.22)

²⁶¹ (MARACAJÁ, 1959, p.37)

Figura 15: Fachada do clube Guarany em 2012



Fonte: Google street view²⁶²

A figura número 15, foi capturada para o mapeamento feito pelo *google street view*, esta foto é de 2013, ano em que provavelmente se intensificou o abandono daquele espaço. Pela imagem fica visível ser um espaço bastante antigo, em que havia apenas a porta estreita e nenhuma saída de emergência. Há na lateral a bilheteria e perto do portão, duas janelas. Um dos fatores essenciais para o abandono daquele espaço, foi uma questão que perpassou toda a sua história, ou seja, a política. Contudo, também a morte de uma pessoa que zelava pelo prédio e pela história do local e assim se “a vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desaparecem”²⁶³

Logo, conforme foi dito, a rapidez da vida e a transformação da realidade acarretam situações como a contada em que “é porque assim, essa pessoa, Francisca Pereira de Lima, Chica de Zé Cosme, ela era uma pessoa que tinha muito cuidado com o Guarany. Ela quando estava em sacrifício pedia umas ajudas, a gente se juntava e fazia alguma coisa”. Isso geralmente em termos monetários, já que “eu até fazia uns bingos no clube Fundac para ajudar o clube Guarany, mas ela veio a falecer uns anos ai atrás e houve um abandono do clube e tá caindo o que eu lamento muito, tá caindo” e isso é até um lamento, tendo em vista que “é um clube histórico. É o primeiro clube da cidade, não era pra deixar cair, se a sociedade ou o pessoal

²⁶² Google Street View, clube Guaraní- Gurjão-Pb, Fotografia capturada em março de 2022. Acesso em: 23 de julho de 2022.

²⁶³ (CARLOS, 2021, p. 19)

não tem condição de manter entregasse à Prefeitura na exigência de deixar tudo em ordem direitinho porque é um prédio histórico”²⁶⁴.

Um prédio histórico não por ser tombado, não obstante levando em consideração o tempo de construção da cidade de Gurjão, configurando-se em um prédio ao seu modo de uma história de que a uma fração da elite sempre buscou esquecer, embora o Guarany tenha sido um clube na lembrança popular de todos, mas principalmente dos negros, em função de que esses eram os que mais usufruíam do espaço, este que para além disto desde sua construção sempre envolveu uma série de questões com o terreno doado ou as pessoas que tomavam conta do local. É importante observar que, um “patrimônio histórico [...] designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos”, estes “que se congregam por seu passado comum”²⁶⁵.

Passado que faz parte da história da cidade, como também das pessoas e que isso se qualifica como um patrimônio que “representa simbolicamente a identidade e a memória de um povo. Perceber que o patrimônio não é só um elemento em si, um mero vestígio, mas uma alegoria de um determinado tempo, que está cravado na memória”²⁶⁶. Nesse caso, um ambiente festivo e de intensas histórias, tanto de dança e alegria como certamente de amor.

Logo, há algumas questões necessárias de pontuação, quando há “grupos sociais em que as pessoas conhecem bem as práticas, e o bem tombado é parte de seu cotidiano, já não importa se ele foi tombado ou não, pois o registro não vai impedir ou cristalizar a evolução natural do fazer local”²⁶⁷, porém, se o bem é como o clube Guarany, ou seja, um prédio histórico para a cidade, entretanto, sem nenhum processo ou interesse no tombamento do imóvel. Existe a possibilidade de que a população de forma geral ou até as autoridades competentes se unam em prol da preservação de um prédio, embora com novas ou diferentes atividades, no entanto, sem o objetivo de destruição ou abandono conforme esse prédio atualmente.

2.4 NAS PALAVRAS UM LUGAR DE UNIÃO, MAS SERÁ MESMO? A CONSTRUÇÃO E AS FESTIVIDADES NO CLUBE DA FUNDAC

A década de 1970 na cidade de Gurjão, já vinha com uma bagagem de transformações, assim com vistas a corroborar com essas, o prefeito Inácio Alves Caluête que assumia o 4º

²⁶⁴ Entrevista com José Vicente Teixeira em 30 de maio de 2022.

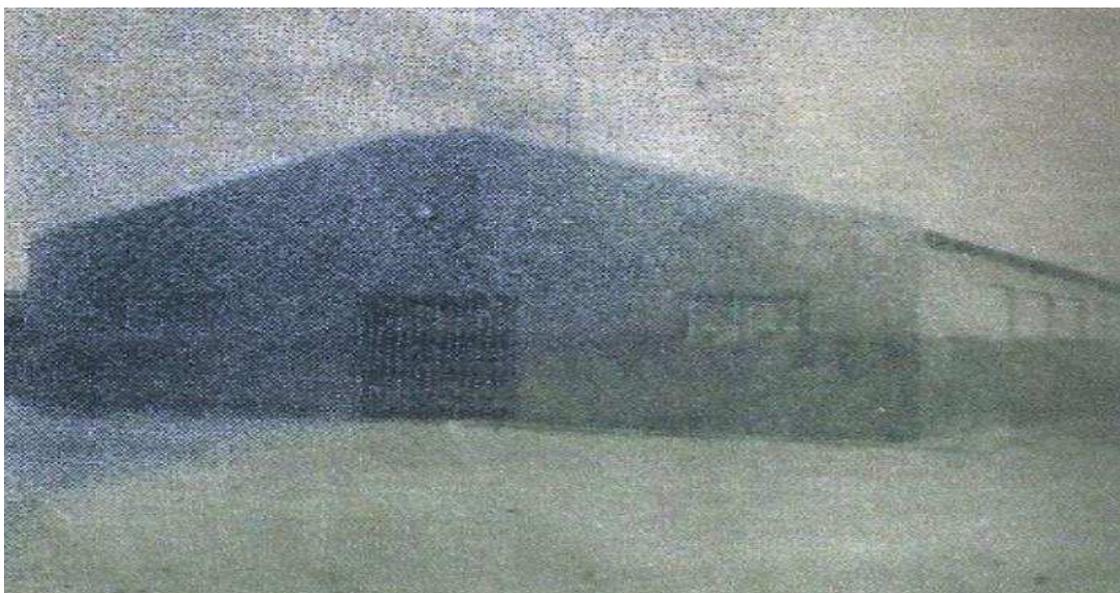
²⁶⁵ (CHOAY, 2001, p.11)

²⁶⁶ (LOPIS, 2017 p.21)

²⁶⁷ (SAPIEZINKAS, 2008, p.88)

mandato para prefeito da cidade de Gurjão no ano de 1973, teve por projeto a construção de um centro recreativo, esse que deveria ser um ambiente para todos os públicos, tanto “negros” quanto “brancos”. Já que, “podemos classificar o Centro de Cultura como obra de destaque e de grande necessidade para o povo”²⁶⁸.

Figura 16: Centro de Cultura construído em Gurjão



Fonte: Acervo Pessoal de Lindo Johnson²⁶⁹

A figura de número 16, é uma fotografia intencionalmente capturada para apresentar o centro cultural construído pelo 4º prefeito de Gurjão o senhor Inácio Alves Caluête, apresentada pela *Revista Avante* que “através de fatos e fotos, documentamos o processo de difusão dos seus administradores municipais, mostrando em cada página, a consciência dos prefeitos perante o povo”. Nesse sentido, na imagem é possível visualizar o prédio que foi construído no centro da cidade, assim como a falta ainda de construções vizinhas e de calçamento, porém, a construção é “dotada dos requisitos necessários com uma área de 450 metros quadrados e foram investidos cerca de 100.000.00”²⁷⁰.

A inauguração do centro cultural, “deve ter sido ainda na década de 1970, foi uma inauguração bonita, inauguração bem organizada”, esse “foi construído exatamente com esse objetivo de clube, casa de festa, casa de show, fazer as festas e servir à comunidade, uma casa

²⁶⁸ Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1976.

²⁶⁹ Fotografia publicada em 24 de abril de 2013. Disponível em: http://retalhosgurjao.blogspot.com/?fbclid=IwAR1IHVbxArUEkVhePXXqZCe30bm4Gn0aaKN1_LurapxCdgOrkwV9z1tCK7o Acesso em: 22 de junho de 2022.

²⁷⁰ Revista Avante realidade dos municípios brasileiros. Edição de 1976.

que foi construída, um clube mesmo, nessa época foi construído um aqui, um em Juazeirinho e um em São José dos Cordeiros”²⁷¹, demonstrando que não era uma construção isolada, embora Gurjão tivesse suas particularidades, a obra fazia parte de um projeto em que várias cidades circunvizinhas também estavam se beneficiando.

O centro cultural, foi uma denominação para o clube que durou pouco, dado que como todos esses ambientes políticos também existiu uma questão política central, o prefeito que assumiu a gestão seguinte era um homem morador do distrito de Santo André e havia entre ele e o prefeito da época da construção do clube, uma “arenga” sobre uma série de questões de política, espaço e lugar. Uma questão que foi fundamental na história do clube, tendo em vista que,

Esse clube foi construído pela Prefeitura, mas na campanha passada, a campanha de 83, nós perdemos o comando político e esse clube é como eu estava dizendo era a menina dos olhos do povo de Gurjão, então nós perdemos o clube para Petrônio que veio de Santo André e se achou por bem não fazer a entrega desse clube, um negócio que não foi muito leal não, um negócio meio desajustado, mas se combinou todo mundo pra não entregar o clube e a gente não entregou mesmo não, eu continuei no clube, a arma mais forte era eu porque eu já vinha dentro do clube, já vinha fazendo as coisas e as autoridades contrárias achou por bem a gente se juntar e dizer não vamos entregar e não entregamos e naquela época a gente tinha um poderio de política forte, o governo do Estado e tinha...no final da história fiquei com o clube, aí ficamos com o clube, para ficar com o clube, tinha que ter uma associação ou uma fundação aí o que acontece, aí ficou a Fundac, no nome da Fundac, fundação assistencial do cariri, mas assim eu fazendo parte de tudo e comandando tudo e fiquei dentro esses 39 ou 40 anos²⁷².

Assim, essa foi a forma que o centro cultural se transformou em Fundação Assistencial do Cariri, por meio de uma questão política que impactou não só as festividades ou eventos, porém também quem participava deles, principalmente no iniciar de suas atividades com essa nomenclatura que “afastou” do ambiente as pessoas que tinham ligação com o prefeito no mandato daquele período, visto que sua legislatura não contava com um prédio que era público e que seria o espaço da promoção de eventos da Prefeitura Municipal de Gurjão. Tendo em vista que, na lembrança dos populares da cidade “a Fundac eu vi construir foi na época de 70 que quando Petrônio entrou teve uma confusão danada, mas eu não sei em que ficou”²⁷³.

A confusão citada pelo senhor Paulo, refere-se ao que o nosso entrevistado anteriormente relatou, ou seja, a falta de entrega e a transformação de um prédio público para uma fundação que na época começou a ser frequentado por uma considerada “elite” política

²⁷¹ Entrevista com José Vicente Teixeira em 30 de maio de 2022.

²⁷² Ibidem.

²⁷³ Entrevista com Paulo Teixeira em 20 de maio de 2022.

daquele período. Todavia, um ponto essencial a observar é o reconhecimento da mudança do centro cultural para a Fundac, haja vista que existe um “registro do projeto de lei nº 17/82, de autoria do vereador Cesar de Farias Oliveira para reconhecer de utilidade pública a Fundação Assistencial do Cariri-Fundac” e em complementação um “registro de projeto de lei nº 18/82, oriundo do Executivo Municipal, que faz doação do Centro de Cultura Popular e Biblioteca Pública, à Fundação Assistencial do Cariri-Fundac”²⁷⁴.

Portanto, apesar das “arengas” iniciais, a única solução para o Executivo foi a doação do prédio, inclusive também da biblioteca para a fundação, assim levando em consideração apenas o centro cultural, embora não fosse um espaço de intensa separação com relação a cor de pele como o “salão” do mercado, isto era algo que ainda existia, apesar da fama de que os eventos do clube Guarany eram de um lugar das festas animadas e a Fundac, um espaço mais de elites políticas e de “brancos”, tão dentro de um certo “decoro” que não era considerado animado em seus eventos noturnos, porém esse era um espaço que começou a abarcar os mais diversos eventos da sociedade. Um ambiente frequentado por muitas pessoas, como relata a entrevistada que diz:

Fui uma frequentadora assídua desse clube na infância e adolescência e vivi momentos muito animados. Era muito forró e às cinco horas da manhã Inácio Caluête organizava uma quadrilha. A gente via o dia amanhecer dançando a quadrilha. Lá dançava mulher com mulher, homem como homem, homem com mulher, só não podia ficar sem dançar forró pé de serra²⁷⁵.

Logo, dentre os eventos, podemos iniciar observando, assim como a fala da entrevistada, que todo mundo dançava junto e que o forró era a “liga mestra” de tal ambiente, tendo em vista que era importante ver “o dia amanhecer lá” dançando o autêntico forró²⁷⁶ em que circunstâncias fossem, ou seja, sem distinção de mulher dançando só com homem e homem dançando só com mulher. Já que, desde que fosse uma dança de quadrilha ou no ritmo de forró, todo “arranjo” era permitido.

No entanto, esse não era o único evento, dado que são ressaltados as formaturas, aniversários, eventos infantis, festa de casamento, eventos escolares diversos e festas musicais com sons ou bandas, como também reuniões, sendo assim, na época de sua inauguração, na década de 1970, não havia tantas festas assim e essas continuavam com a tradição do “salão do mercado”, em grande parte segregadas, em virtude de que,

²⁷⁴ Projetos registrados em ata no dia no dia 29 de novembro de 1982. (ATA, 1977-1983, p. 007)

²⁷⁵ Entrevista com Maura (nome fictício) em 03 de setembro de 2022.

²⁷⁶ O autêntico forró aqui é entendido enquanto o produzido por um trio, principalmente tocando o forró pé-de-serra e o arrasta-pé. Composto por um sanfoneiro, um zabumbeiro e o tocador de triângulo que geralmente é também o vocalista.

Na época que foi inaugurado não haviam assim muitos eventos, eram festas, o São João na roça, o São João era feito no clube, até que não sei se posso envolver na entrevista, tinha o clube da Fundac e o clube Guarany, que na época eu peço perdão aos morenos, chamava o clube dos Negros, por conta de um radicalismo que existia aqui no município de preto e branco, então o clube Guarany, o qual eu era sócio também, eu, meu pai e meus familiares, a gente era sócio do Guarany, mas ficou conhecido assim clube dos negros, por conta dessa coisa desagradável, preto e branco²⁷⁷

O entrevistado, um homem que transitava entre todos os espaços e comenta sobre a inauguração do Centro de Cultura que posteriormente passou a ser o Clube da Fundac. Esse espaço, foi e continua um palco de uma série de eventos desde então para a população de Gurjão. Na época de sua construção como foi citado, existia o “salão do mercado”, espaço que hoje abriga o Vidal Center, construído a partir de uma reforma substancial no antigo mercado e que “expulsou” os feirantes tradicionais do ambiente e o clube Guarany, espaço atualmente em situação de abandono.

Porém, quando o narrador diz que foram poucos os eventos que aconteceram no clube na época de sua inauguração, isso não quer dizer que ele não tenha funcionado naquele período, precisamente a década de 1970, em virtude de que este espaço e as pessoas que dele usufruíam promoveram alguns eventos, para além inclusive do são joão na roça, uma vez que como demonstra as fotografias a seguir, foi palco também de festa de aniversário de 15 anos, o debute tão comemorado pelas moças, no dia 27 de julho de 1976.

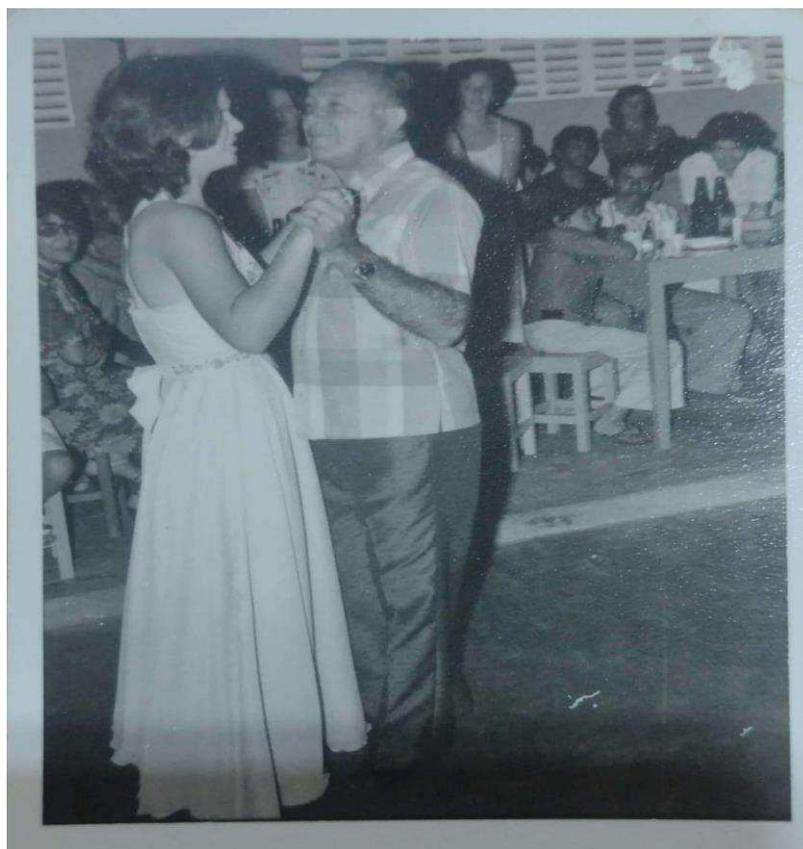
Figura 17: Comemoração de 15 anos na Fundac em 1976



Fonte: Acervo Pessoal de Zélia Firmina Gurjão

²⁷⁷ Entrevista com José Vicente Teixeira em 30 de maio de 2022.

Figura 18: Valsa de comemoração de 15 anos na Fundac em 1976



Fonte: Acervo Pessoal de Zélia Firmina Gurjão

“Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir”.²⁷⁸ Miniaturas que contam histórias de acontecimentos e pessoas que vivos ou mortos deixaram sua imagem capturada por uma câmera para a posteridade. As fotografias de número 17 e 18, apresentam a história de um momento muito especial para uma família, em especial, para uma jovem que completava 15 anos, estava debutando como demonstra a imagem de 1976.

Naquela época, aniversário de 15 anos era uma festa realizada, principalmente pelas moças cujas famílias tivessem alguma condição socioeconômica, uma vez que embora pelas imagens não pareça um evento extremamente elaborado, contava com gastos que não era todo mundo que podia arcar. Depreende-se assim que a moça fazia parte de uma família com boa condição financeira, tanto é que realizou a sua festa de 15 anos em um clube inaugurado há pouco tempo.

Ressalta-se que “o baile de debutantes pode ser compreendido como um ritual, em virtude de tratar-se de um evento social imbuído de valor e significados simbólicos codificados

²⁷⁸ (SONTAG, 2004, p. 14-15).

pelas tradições culturais de uma sociedade”. Evento que assim como o casamento, “pode ser definido como um acontecimento roteirizado que se caracteriza pela repetição”²⁷⁹, uma repetição que geralmente inclui os elementos essenciais de um debute, conforme os presentes na festa da fotografia, ou seja, a valsa, um bolo, o vestido branco, convidados, bebidas e uma decoração, naquele caso com flores.

Ao focar inicialmente a análise para a fotografia de número 17, a captura da imagem que teve intenção de apresentar a debutante, foi realizada a partir da metade do dancing do clube, com foco em primeiro plano para o espaço onde estava posicionada a mesa com o bolo branco enfeitado com frutas e a aniversariante que estava radiante por comemorar esse momento de sua vida. Em segundo plano, na imagem é observável ao lado direito parte de uma mesa com doces, por trás dela um armário, uma mesa, um tamborete e um móvel com uma televisão tubular e várias flores coladas na parede. Todos estes itens estavam posicionados no palco do clube.

O palco do clube nada mais era que um espaço com um degrau mais alto do que o dancing e que contava com o espaço necessário para que alguma atração realizasse uma apresentação, amparados pelo espaço existente após a abertura da porta no lado esquerdo e do lado direito que serviam como camarim para os artistas, assim como para apresentações de algum tipo de surpresa dependendo da ocasião. O espaço ainda conta com um basculante que é um item para a iluminação e circulação de ar muito utilizado nas construções daquele período. O espaço naquele período demonstrava que havia sido construído a pouco tempo, a pintura estava recém-concluída, assim a aparência era de novo.

A fotografia de número 18, retrata o mesmo evento, porém em um momento e ângulo totalmente diferente, o foco central foi a valsa da debutante, dança bastante comum em aniversários de debutantes, casamentos e formaturas. Na ocasião a jovem valsou com o seu avô que não se encontra com uma vestimenta tão formal. Em segundo plano, apreende-se a separação entre o dancing e a parte onde estão as mesas, local mais alto do que o dancing, mas com o mesmo piso de uma única cor e feito a partir da queima do cimento.

Naquele local, um degrau mais alto, estão alguns dos convidados da festa a assistir a valsa da debutante, figura central do evento e o motivo daquela reunião social, em que se encontravam diversas gerações de pessoas para comemorar a vida e a passagem de criança para jovem daquela moça. Na cena apresentada, havia uma mesa e vários tamboretos característicos do mobiliário do clube desde sua fundação. Na mesa, sem ornamentação de tecidos, há garrafas

²⁷⁹ (GAMA, 2020, p.764)

de bebidas, copos de plástico e uma bandeja já vazia de algum petisco que já serviu de alimento entre os convidados.

As pessoas observam com atenção a valsa que certamente fora ensaiada para a ocasião. As roupas sugerem a preocupação de se vestir bem para o evento, que contou até com fotografias que por esse período só eram captadas em ocasiões especiais na cidade de Gurjão. A parede do clube diferente tanto da parte da frente como da parte traseira, não conta com basculante, mas sim com aberturas feitas a partir do cimento e que serviam tanto para a iluminação como para ventilação.

Aniversário que ocorreu na década de 1970 no clube da Fundac e um precursor das festas do local que posteriormente passou a ser o principal promotor de eventos, embora o Clube Guarany também tenha funcionado e abrigado alguns eventos até pouco tempo atrás, quando foi definitivamente abandonado. Como principal local de eventos, o clube a partir de meados dos anos 1976, abrigou uma diversidade de tipos de eventos e de atrações musicais que agradou os mais diversos públicos.

Jorge Luiz de Farias Ramos (2022), conta que “nos anos de 1980 e início dos 1990, a gente trabalhou muito aqui com essa parte de festa, a gente começou a trabalhar em festa aqui geralmente quando você tá na escola com essa parte de colação de grau e tudo mais, ai a gente entrou nessa época, inicialmente com essas pequenas festas”²⁸⁰. Festas que contavam em certos casos com divisões políticas, o que não é o caso da festa representada na fotografia a seguir.

Figura 19: Festa de Concluintes na década de 1980



Fonte: Acervo Pessoal de Sueli Borges Ramos

²⁸⁰ Entrevista com Jorge Luiz de Farias Ramos em 29 de novembro de 2022.

“Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. Numa das versões da sua utilidade, o registro da câmera incrimina”²⁸¹, ou apresenta um recorte de um evento acontecido. Nesse caso, o testemunho apresentado pela fotografia foi de uma festa de concluintes que ocorreu na década de 1980 no clube da Fundac.

O fotografo ou fotografa que estava no evento tinha o objetivo de capturar os formandos no dia marcante de suas vidas. Na imagem, que captura outro ângulo do clube, qual seja a parte de sua entrada no lado esquerdo que tinha uma parede após o portão para que os “curiosos” não vissem o evento antes da efetiva entrada e do lado direito a porta do espaço da bilheteria, acima ainda existem algumas bandeirolas que devem ter sido resquícios de festa de são João, como também a coloração verde das paredes do espaço.

Em primeiro plano, a entrada de uma das alunas que estava se formando acompanhada de seu par e ao seu redor uma variação de pessoas, familiares dos estudantes e professores, alguns observam com felicidade e até mesmo surpresa não pela pessoa, mas por sua vestimenta. Um vestido cor lilás com um cardigã por cima e para seu acompanhante um paletó muito usado na época com variação de listras. Os convidados estavam entre idosos, homens, mulheres e crianças e todos levaram a formalidade a sério. As mulheres estão em sua maioria com vestidos longos e saltos ou até conjuntos de saia e blusa, já os homens com paletós ou conjuntos de calça e camisa e sapatos.

Todos ansiosos para comemorar a formatura dos seus filhos, amigos ou conhecidos. Formar um filho era uma questão não só de educação, mas também social, portanto, um evento que se estendia para as famílias, conforme a fotografia demonstrava. Logo, não só aconteciam eventos particulares no clube, mas também públicos e relacionados a escola. Esta que utilizava o ambiente em diversos momentos, como fica perceptível pela imagem seguinte.

²⁸¹ (SONTAG, 2004, p.16).

Figura 20: Reunião para desfile Cívico no clube da Fundac em 1986



Fonte: Acervo Pessoal de Alcina de Castro

A imagem de número 20, apresenta uma reunião com estudantes para o desfile cívico municipal do 7 de setembro. O ambiente é o clube da Fundac, ambiente que possui um salão no local onde se encontram os alunos e as carteiras escolares, posto que nas duas laterais existe um espaço mais alto, onde geralmente são colocadas as mesas para os eventos. Na fotografia, ainda é possível observar uma porta branca que dá acesso à bilheteria do clube.

Apreende-se pela observação que a maioria dos alunos se compõe do sexo masculino, embora exista a presença de meninas também. Algo que chama a atenção é o tipo de fardamento utilizado, calças e camisas de uma cor marrom e de abotoar, assim como a decoração do ambiente que conta com cordões de bandeirolas no teto, provavelmente as mesmas que haviam sido colocadas na época junina e a luz que estava ligada para uma melhor visualização de quem estava à frente da reunião.

Há uma seriedade no aspecto das pessoas da imagem, algumas percebendo o movimento fotográfico, enquanto outras não. Observa-se também comportamentos distintos, ou seja, enquanto alguns prestam atenção em quem fala e batem palmas, outras simplesmente seguem sentadas ou alheios ao momento vivenciado. Esse que ocorre no ambiente do clube, provavelmente por falta de um espaço grande que abarcasse todos os estudantes de forma confortável para a reunião na escola. Isso é a parte que demonstra também a partir do fardamento, resquícios do período ditatorial no Brasil que havia “acabado” há pouco tempo e que assim como a separação dos clubes, também “feriu”, uma diversidade de pessoas.

Por conseguinte, há que se notar que o clube da Fundac, assim conhecido, dado que a população geral pouco entendeu da “confusão” ocorrida por volta de 1982, era um ambiente de mais união, principalmente devido a sua construção mais tardia. Surgiu dividindo-se não totalmente por cor, mas com certeza por causa de questões políticas. Segundo Ramos, J. (2022), “existia até uma separação quem ia pra Fundac não ia pro guarany e eram questões políticas na época, o Guarany era o clube mais tradicional do povo com menos acesso aquisitivo e tal”²⁸².

Apesar dessa questão, naquele período de final dos anos 1980, uma das pessoas que organizavam as festas contam que tentaram acabar com essa separação “agora levou tempo, tinha algumas pessoas que não participavam em todos os lugares, aquelas pessoas que tinham uma opinião mais forte, mas o resto do pessoal que entendeu é....participava desses eventos tanto no Guarany como na Fundac ou na quadra”²⁸³. Jorge, foi um dos organizadores das festas na cidade de Gurjão, entre as décadas de 1980 e 1990, sobre elas, ele relata que,

A gente sempre fez muita festa grande e as festas da gente era muito organizada em tudo a gente dava uma assistência grande, o pessoal vinha de outras cidades, a gente tinha uma venda de ingresso antecipado que na maioria das festas, antes de começar as festas a gente já tinha o dinheiro da banda [...] Muitas festas, naquela Fundac ali teve ano que era o clube, a quadra todinha e ainda não cabia o povo. O pessoal, naquela época existia uma tradição que o pessoal tava em Campina Grande, tava em João Pessoa e vinha as famílias para passar o são João aqui em Gurjão²⁸⁴

Naquelas festas de São João, o relato conta que “tinha muita quadrilha e as quadrilhas aqui eram grandes, começava no meio da rua e no final, tinha uma apresentação na Fundac e no Guarany, quadrilha muito bem organizada”, essas as vezes tinham um número bastante considerável de participantes e, conseqüentemente se apresentavam na época das festas de São João, que a prefeitura fazia, mas “deixava as datas principais pra gente porque a gente fazia festa paga”. Eventos realizados o ano inteiro, mas que tinha um efeito especial na época de São João, por conta do forró que foi e é o que dá brilhantismo ao momento, priorizado para o evento como nos foi informado “no são João a gente trazia mais forró pesado, vinha muito de Campina Grande, eu sei que Chicó e banda tocou muito aqui”²⁸⁵.

Chicó e banda tendo sido apenas uma das atrações que passaram pelo clube nesse período, local onde também se apresentaram “raio de sol”, “flor da terra”, “magníficos”, “trio nordestino”, “os três do Nordeste” e tantas outras atrações que fizeram parte das festividades

²⁸² Entrevista com Jorge Luiz de Farias Ramos em 29 de novembro de 2022.

²⁸³ Ibidem.

²⁸⁴ Ibidem.

²⁸⁵ Entrevista concedida por Jorge Luiz de Farias Ramos em 29 de novembro de 2022.

daquele momento. A propaganda dos eventos era transmitida pela rádio caturité que sempre foi muito ouvida no cariri e era um canal essencial para o sucesso dos eventos.

É importante notar que, as festas segundo Jorge, eram realizadas por “um grupo bom que trabalhava com a gente é, tinha uns leilões assim, quando dava o intervalo em torno de duas horas a gente fazia um leilãozinho de galinha, era o lucro da gente era mais nessas galinhas, vendia muito”²⁸⁶. Costume que era intrínseco as festas religiosas da cidade de Gurjão, mas que também foram transpostas para as festas privadas no clube, por aparentar uma maneira lucrativa de vender os “petiscos”, assim como para os participantes reafirmarem seu poderio também naquele ambiente.

Essas comemorações, eram festas privadas diferentes das reuniões escolares já citadas ou de festas de aniversário, eram eventos com bandas e além da venda de galinhas também se pagava o ingresso para assistir determinada atração, uma vez que tinha que ter alguma fama para poder “chamar” o público. A propaganda era o que fazia as vendas dos ingressos acontecerem de forma satisfatória. Assim, convidar uma atração conhecida pela população e que fizesse sucesso ou pelo menos fosse conhecida por ser boa, era uma etapa essencial para a produção dos eventos. Em que,

Era uma banda para a noite toda, ai eles dividiam, e começava com essas músicas mais do pessoal dançar só e tal, ai depois ia pra uma música romântica, tocava muita música romântica ai depois entrava no forró, ai quando entrava no forró ai depois naquele arrasta-pé, tocava muito, dividia uma parte de forró, outra parte de xote e outra parte daquela marcha. Era, ai depois quando era de madrugada o pessoal fazia uns pedidos toque tal música, teve uma vez que a gente foi fazer uma festa aqui na Fundac e a banda ficou até 7 horas da manhã, foi até MFshow, essa que já chegou a fazer 20 shows em um ano aqui, porque quando ia parar ai o pessoal da mesa Gilvan já falecido muitas vezes perguntava quanto era para tocar até 6 horas, era tanto, ai pagava e a banda tocava, ai terminava Gilvan ai outro pagava para tocar mais uma hora e ai emendava²⁸⁷

E, assim fica perceptível como se dava o funcionamento da festa no clube da Fundac daquele período. A banda animava as pessoas durante toda a noite, dividindo o show em etapas de acordo com o tipo de música a ser tocada. A população participava assiduamente pedindo músicas e a festa continuava, com as pessoas dançando e se divertindo no clube. O entrevistado lembra em sua narrativa um dos episódios em que a festa durou até as 7 horas da manhã. Isto, por causa da contribuição das pessoas que naquele dia não estavam dispostos a ir embora tão cedo do recinto.

²⁸⁶ Entrevista concedida por Jorge Luiz de Farias Ramos em 29 de novembro de 2022.

²⁸⁷ Ibidem.

Logo, destaca-se que naquele espaço, ocorria a exclusão das pessoas que tinham “opinião forte” segundo o narrador e que por questões políticas deixavam de frequentar um ambiente ou outro. Pois, como torna-se visível, dançar, se divertir, dentro de um ambiente como o clube da Fundac ou do Guarany, foi sempre uma questão ou de cor de pele ou política ou econômica.

CAPÍTULO 3: O CLUBE GUARANY E O LAZER A PARTIR DO PROTAGONISMO NEGRO

“Neste momento de música eles sentiram-se donos da cidade. E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da música”.

(Jorge Amado-Capitães de Areia)

A frase inicial deste capítulo foi retirada de um livro que conta a história de meninos abandonados, crianças que tiveram que amadurecer antes do tempo para sobreviver nas ruas de Salvador, mas que apesar de tal condição de vida possuíam sonhos e momentos de encantamento e fantasia. Este, que veio à tona a partir de uma valsa antiga, a música que fez por um momento aqueles meninos se sentirem irmãos e confortados, eram naquele momento os donos da cidade. A música transformou um momento de suas vidas, assim como fez com milhares de pessoas ao longo do tempo, inclusive os frequentadores do Clube o Guarany.

Sendo assim, não esquecendo da trilha sonora do ambiente, neste momento o intento é focar exclusivamente na experiência de diversão dos moradores negros no Clube Guarany, de modo a dar visibilidade a esses corpos, suas sensibilidades, prazeres, subjetividades e práticas culturais dançadas ao som do forró no Cariri Paraibano, fundamentados em fotografias e narrativas dos moradores que foram frequentadores do referido Clube.

O clube Guarany foi um espaço de lazer construído na década de 1960. Posto que, assim como apontado na região sul e sudeste também ocorreu na região nordeste que “a marginalização e a discriminação a que os negros estavam sujeitos os levaram, também, a criarem suas próprias associações e, entre elas, as ligadas ao lazer”²⁸⁸. Dentre estas, a associação que edificou o clube Guarany para a população negra e para as pessoas que tinham um poder aquisitivo menor na cidade de Gurjão.

Portanto, não era este um lugar exclusivo de Gurjão, uma vez que, se levarmos em consideração que existia no Brasil e na Paraíba uma diversidade de espaços de festividades negras com a mesma nomenclatura, há a possibilidade de pensar que existiu uma inspiração não só da construção do espaço a partir de uma associação, mas também na nomenclatura do lugar. Conforme também a opinião do senhor José Vicente Teixeira (2022) que nos diz

Eu não sei de onde veio o nome, mas Guarany foi o nome que tenha talvez até adquirido de outras cidades que tivesse o clube, porque cabaceiras também tinha o clube Guarany, eu não sei se se espelharam, se aqui em Gurjão se espelharam em

²⁸⁸ (TANNO, 2011, p. 339)

Cabaceiras ou Cabaceiras se espelhou em Gurjão, eu não sei qual o mais velho, mas tinha lá também o clube Guarany²⁸⁹

Logo, considerando que havia um espaço que tinha uma relativa proximidade com Gurjão que é a cidade de Cabaceiras e que esta possuía um clube Guarani, um lugar que tinha uma divisão por cor fortemente marcada e um clube que foi construído no ano de 1939, bem anterior a década de 1960, mas provavelmente bastante conhecido, já que lá foi um espaço pelo qual passaram diversas atrações nacionais. Portanto, uma das inspirações para a construção realizada em Gurjão, tendo em vista sua construção bastante anterior e sua finalidade também para a população negra, isto, apreendendo que o clube Guarani de Cabaceiras,

Foi criado com intuito de evidenciar os espaços de diversão dessa população, antes colocada à margem. Tornou-se uma forma de enfrentar o racismo, criando espaço para as festividades protagonizadas por pessoas negras, impedidas de participar das festividades dos brancos²⁹⁰.

Assim, o clube Guarani de Cabaceiras foi um espaço que para além deste intuito, também foi uma inspiração para outras localidades em que as pessoas negras sentiam a necessidade de resistir a separação por cor que ocorria nos ambientes ou espaços de festividades “brancas”. No caso de Gurjão em específico, existia o espaço do Salão do Mercado que era frequentado pelo pessoal “branco” e de elite, excluindo os negros que buscaram a construção de um espaço que autenticamente fosse deles e para seu lazer. Um espaço construído na década de 1960 e palco de diversas histórias.

3.1 O ESPAÇO DO LAZER NEGRO...ANTES DO ABANDONO

Hoje em ruínas, o clube Guarany, já foi palco de muita animação. O espaço em que ele fora construído era afastado do centro e não era em uma rua tão habitada, tendo em vista a recente emancipação da cidade naquele período. Segundo Paulino (2022) “eu já lembro dele construído, tinha bem pouquinha casa naquela época, só tinha a casa da finada Chica de Zé Cosme, a de Ailton de Doralice, a de Mãe Santa que era aquela pegada ali no Guarany e a de Inácio Benjamin que era na frente”²⁹¹.

Logo, a lembrança da depoente se relaciona ao período em que participava dos eventos, mas enumerando residências e pessoas da atualidade, uma ligação entre o passado e o presente.

²⁸⁹ Entrevista concedida por José Vicente Teixeira em 30 de maio de 2022.

²⁹⁰ (SOUSA, 2022, p.138)

²⁹¹ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

Importando destacar que, algumas dessas residências citadas, eram de pessoas ligadas a construção e as festividades no Guarany. Chica, como era popularmente conhecida, foi a pessoa que cuidou do clube até falecer, seu abandono veio inclusive após a sua morte, a casa de Ailton era também de Ladislau, um dos primeiros sócios do clube. Portanto, foi perto do local de moradia dessas pessoas negras, no terreno doado por Manoel Garcia que o clube foi erguido, o prédio do “Guarany que era um clube pequeno ai depois aumentaram”²⁹².

Inicialmente, no prédio original construído, a porta era na lateral do espaço que era um campo aberto, uma vez que ainda não existiam ruas tão bem delimitadas ou um número significativo de construções. “Aumentaram ele, ele era só um salãozinho pequeno, aumentaram ai fizeram um bar assim do lado de cima, um corredor do bar, tinha os banheiros, lá nos fundos, ai fizeram aquelas portas, aumentaram ele que ele era pequeno”²⁹³.

Expansão que ocorreu devido ao crescimento da cidade, mas também a necessidade de comportar a quantidade de pessoas que frequentavam o lugar de uma forma confortável. Posto que, antes da reforma, as pessoas ficavam sem ter um banheiro para utilizar, além de não poder beber dentro do espaço, dado que antes da reforma “lá dentro não tinha não o povo bebia fora, tinha umas mesas fora com bebida”²⁹⁴. Só veio ter bebida quando o bar foi construído e ficava separado o espaço do bar com umas mesas e o espaço de dançar por parede, então quem ficava no local das bebidas não via o pessoal que estava dançando e vice-versa.

3.2 OS DESENTENDIMENTOS

As sociabilidades, ou seja, o encontro de muitas pessoas com um objetivo, seja ele qual for, tem a possibilidade de gerar entendimentos, mas também desentendimentos, principalmente quando há muito orgulho e poder ou até mesmo bebida alcoólica relacionada. Sendo assim, um ambiente com pouca ventilação, bebida e muita gente reunida, era um palco de prováveis “confusões”.

“O Guarany era muito quente, as festas lá esquentavam ai dava briga”²⁹⁵, quentura que não era só pela falta de ventilação do lugar, mas também pelo consumo de bebidas alcólicas. Assim, “no Guarany para esquentar era mais rápido, tem parede no meio porque quem tá bebendo não tá vendo quem tá dançando”, naquele ambiente existia o “canto de você beber só

²⁹² Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

²⁹³ Ibidem.

²⁹⁴ Ibidem.

²⁹⁵ Ibidem.

que tinha umas paredes entre esse espaço e o de dançar e umas passagens pra lá, quem tá bebendo não tá vendo quem tá dançando não, aí era separado e esquentava muito, quando dava muita gente, a ventilação muito ruim”²⁹⁶.

Isso gerava questões que resultavam em briga, as vezes por um rejeito de uma dança ou por algum estranhamento. “Uma vez teve uma briga lá, eu era moleque, mas o cara inventou de fazer uma briga lá, era mais zé de bibi, aí nós demos uma carreira desse cara, eu sei que o que ia mais perto dele foi eu, chegou ali, a casinha da gente era uma casinha de taipa mesmo”, a localização desta casa era ao final da rua do Guarany, “quando ele foi chegando perto igual com a casinha eu coloquei a perna no mocotó dele, ele caiu os outros que caiu atrás partiu encima aí eu deixei a briga lá e fui embora”²⁹⁷.

As brigas perpassavam o ambiente do Guarany, “a porta que na época era na lateral era aberta direta para um beco que dava pra o beco da fachada”²⁹⁸, não tinha casa não e as portas ficava do lado de cima”, assim havia a oportunidade de correr, caso fosse possível fugir do ambiente do clube, tendo em vista o espaço descampado que existia após o limite da porta. Com relação aos desentendimentos “quem saísse primeiro levava vantagem”²⁹⁹, posto que havia uma dificuldade de sair por só existir uma porta no ambiente, então o primeiro a sair teria a oportunidade de ir mais longe e evitar uma “surra”.

Violência que muitas vezes não existia como evitar, em razão de que “eu lembro que uma vez teve uma briga lá que as mesas voaram”³⁰⁰, as mesas que eram o local das bebidas e não para servirem de armas dos brincantes, mas nisso se transformavam e gerava amedrontamento nos participantes, pois estes com dificuldade de escapar devido a existência de apenas uma porta espremiavam-se para sair o mais rápido possível do ambiente. Na lembrança daquele local, além das mesas “voadoras”, as pedras também foram uma arma, tendo em vista que “eu lembro de uma pedrada em um cara, ele tava assistindo o forró pela janela, uma janela que tinha para o lado da rua e aí levou uma pedrada e caiu”³⁰¹. Um homem que foi ferido por apenas querer dar uma “espiadinha” no local que acontecia tanto forró e certamente não foi o único ferido por algum motivo considerado pífio naquele ambiente.

²⁹⁶ Entrevista concedida por Jorge Luiz de Farias Ramos no dia 29 de novembro de 2022.

²⁹⁷ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

²⁹⁸ O “Beco da fachada” é um espaço denominado de acordo com os documentos de Travessa Olinto Teixeira de Castro, porém nunca foi assim chamado, sendo popularmente conhecido por beco da fachada, visto que há uma história consensual entre os munícipes de que por volta dos anos 1960 o senhor Abílio matou esfaqueado o senhor Damiano naquele espaço. Uma história difundida e que ficou fortemente presente no nome do espaço geralmente de bares e jogos.

²⁹⁹ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

³⁰⁰ Entrevista concedida por Jorge Luiz de Farias Ramos no dia 29 de novembro de 2022.

³⁰¹ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

É importante ressaltar que os divertimentos também se relacionam com os desentendimentos, assim como os mais diversos eventos que envolvem conflitos, como apontado por Stachuk e De Oliveira (2018), quando retratam os conflitos que ocorriam na cidade de Mallet no Paraná entre as décadas de 1925 e 1965. Tendo em vista que, assim como as festividades de Gurjão aqueles “momentos de lazer e alegria quebravam o ritmo do trabalho cotidiano, o que não significava que neles reinassem apenas a paz e a harmonia”, dado que embora o local fosse singular, era possível visualizar nos eventos “pessoas de diferentes origens e intenções”. Portanto, “por razões distintas, poderiam dar evasões a conflitos. Esses encontros, muitas vezes, eram ocasiões escolhidas para resolução de pendências e rixas antigas, pelos mais diversos motivos”³⁰².

O lazer construído naquele espaço não era sem conflito, em função de que “essas reuniões de sociabilidade abarcavam as possibilidades de encontro, mas também de conflito, bem como propiciavam o enfrentamento entre aquele que caluniou, roubou ou injustiçou, de alguma forma, no passado, e o ofendido em questão”³⁰³. Isto, quando o evento contava com a participação de pessoas que já alimentavam rixas pessoais e escolhiam aquele momento para o “acerto de contas” que poderia ser por questões políticas ou também relacionadas a cor da pele, quando acontecia de uma pessoa “branca” adentrar ao recinto.

3.3 “NÓS VAMOS EM BUSCA DO GUARANY”³⁰⁴

A palavra forró tem sua origem mais aceita a partir do termo “forrobodó”, de acordo com o proposto no Dicionário do Folclore Brasileiro, escrito por Câmara Cascudo (2012). Segundo o autor, “a sociedade que toma parte no nosso forrobodó ou forrobodança é mesclada; há de tudo”³⁰⁵. Em um ambiente que combine com confusão, festa, música e bebida, diversão e arrasta-pé. Portanto, “Nascido em meio a irreverência, à ousadia, à necessidade de afirmação popular [...] ou do desejo de pura diversão das camadas mais humildes [...] se originou daí o que chamamos de forró”.

O forró, “uma dança tão criativa, cheia de requebros e comchambranças”, é também insinuante. Uma dança que se popularizou no Nordeste, foi disseminada “tanto pelas cidades do interior, quanto nas zonas do baixo meretrício, também no litoral, em arraiais improvisados,

³⁰² (STACHUCK e DE OLIVEIRA, 2018, p. 194)

³⁰³ Ibidem, p. 209.

³⁰⁴ Frase de uma composição escrita por Maria de Fátima Paulino sobre o Guarany.

³⁰⁵ (CASCUDO, 2012, p. 413)

com os foles ou mesmo sanfonas, o zabumba e o triângulo, fazendo o nordestino vadiar no bate-coxa até o dia clarear”³⁰⁶.

Uma “vadiação” que chegou à cidade de Gurjão não só nas festas do salão do mercado, marcadas pela dança do forró e pela participação das pessoas “brancas” ou participes de uma elite política e econômica, “mas em todas as festas da cidade, em especial no Guarany. Local em que o forró e as festividades “tinha todo sábado, começava umas 7 horas da noite e ia até 5 da manhã, os tocadores eram os negros que também organizavam e tinha um Manoel de Parari³⁰⁷ que era segurança e ficava lá na porta olhando quem entrava, naquele tempo todo mundo dançava muito”³⁰⁸.

Era um período também em que a época de São João era sinônimo de forró e do “bate-coxa”, mas não só essa época, em virtude de que havia festividades aos finais de semana com muito forró também e em que dançar era essencial nas festas deste clube, principalmente em se tratando das mulheres, tendo em vista que elas não pagavam para entrar no evento, os homens eram os pagantes de uma taxa chamada cota e isso “obrigava” a mulher a dançar, como relatado,

Eu sei que naquela época quando a moça dizia não, não vou dançar, eles diziam a pois não vai dançar comigo não vai dançar mais com ninguém, tirava do salão tinha que dançar com todo mundo, não podia dar corte não em ninguém não, as mulheres não pagavam quem pagava era os homens a cota, a gente não pagava, mas era obrigada a dançar com os caras sabe? ... e se fosse dançar com outro depois de não ter aceitado uma briga estava feita, se cortasse um não era para dançar com ninguém mais não. E dizia mais que se a pessoa não fosse dançar cortava o cabelo com uma faca³⁰⁹.

Logo, fica perceptível que para a mulher a questão era ou dançar com todos que chamarem ou não dançar com ninguém. Naquela época, com uma disputa de poder enorme entre os homens e o dinheiro deles em jogo, era um desrespeito não aceitar uma dança, portanto a mulher não podia escolher, poderia causar brigas, perder o cabelo ou até ser colocada para fora do forró como relatado. E, para além disso, os organizadores do forró “só deixavam as moças entrarem, naquele tempo eu ainda era nova eu entrava, mas tinha uma história aqui não entra mãe solteira”³¹⁰, uma outra questão que atingia as mulheres, obrigadas a festejar de acordo com a lei de homens era não poder se divertir se você tivesse um filho sem ser casada.

³⁰⁶ CÂMARA, Renato Phaelante. Forró: identidade nordestina. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12842480/forro-identidade-nordestina-fundacao-joaquim-nabuco> Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

³⁰⁷ Parari atualmente é uma cidade da Paraíba localizada na região imediata de Sumé, mas no período era um distrito do município de São José dos Cordeiros e situa-se a uma distância de aproximadamente 44 quilômetros da cidade de Gurjão-Paraíba.

³⁰⁸ Entrevista concedida por Rita Emilia de Lima no dia 10 de junho de 2022.

³⁰⁹ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³¹⁰ Ibidem.

É possível observar, diante de tal fato, que os corpos das mulheres eram perpassados por uma violência na qual subordinava as figuras femininas, não permitindo a elas o direito de dançar com quem quisesse. Essa “regra” do clube era uma extensão de como as mulheres eram percebidas na sociedade, pois a elas cabia uma posição subalterna. Além disso, presumimos que a mulher solteira deveria ser recatada e está dentro dos códigos morais de honra feminina, e assim, excluía as mães solteiras, enfatizando que os frequentadores do clube pertenciam a sociedade conservadora e sexista bem comum no período.

Assim, apesar das festividades organizadas e que ocorriam no espaço do clube demonstrarem uma limitação de comportamento para as moças, perfaziam um momento do lazer muito aguardado, uma vez que havia uma expectativa com relação a esses eventos, até os que eram improvisados com forró, como no caso a seguir.

Tinha um velhinho que morava no escorrega (um bairro de Gurjão), chamava Pedro Mendes, ele tocava uns forrós, pra tu vê a vontade da gente brincar, dançar, ele tocava forró no fole, no folinho que ele tinha oxente a gente fazia a festa, eu mais Bebê pequeno dançava uma rasteira de arrepiar, eu e Bebê pequeno, no fole de seu Pedro Mendes, dançava lá oxe era bom demais³¹¹

Um dos artistas que costumava se apresentar no espaço, na simplicidade de seu instrumento que era capaz de fazer seus participantes dançarem “uma rasteira de arrepiar”, ou seja um insinuante forró que era também uma brincadeira, um lazer por vezes improvisado, mas que contava não só com o seu Pedro Mendes, mas também com “Joca de Oliveira, Antonio de Mimim³¹² tocou muito, acho que seu Zé do Queijo, parece que tocou um forró lá também nessas épocas que a gente brincava”³¹³.

No Guarany daquela época os artistas que tocavam “eram mais sanfoneiros, não é essas bandas como tem hoje não, era sanfoneiros, teve uma vez que teve um forró com um senhor com uma rabeça da banda do brejo também”. Uma experiência diferente para o nosso narrador que contou sobre o ambiente que frequentava dizendo que “era o clube dos negros antigamente, tinha o dos brancos e o dos negros, eu fui sócio dele ainda tem até a carteirinha e tudo, o do branco nesse tempo era lá no mercado, não tinha nem o clube ali da Fundac”. Constatando sua experiência de vivência no clube na década de 1970, período que viveu vários momentos e em

³¹¹ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³¹² O senhor Antônio Benjamim de Moraes, foi um artista e tocador de sanfona da cidade de Gurjão, sempre tocou em festas locais e espaços mais familiares. Foi organizador de uma banda que se chamava ABM, sua herança musical perpassou gerações e sua família também é bastante ligada a essa área, posto que sua filha atualmente é cantora da banda Mel com Cana.

³¹³ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

que a organização do evento ficava a cargo de “Amadeus, Heleno Preto, esse povo quem tomava conta”³¹⁴.

Pessoas já citadas anteriormente e que para além de construírem o clube, plantaram uma forte semente festiva de um lazer para seus amigos, mas também para a população especialmente negra e pobre do município de Gurjão, tocando inclusive na emoção de uma participante dos eventos que compôs a estrofe de uma canção dedicada ao lugar. “Uma vez eu fiz até uma música lá do Guarany, a gente brincando, na brincadeira, eu achava tão bom que uma vez eu fiz”. Conforme a letra a seguir.

“Chegou o São João da minha terra
 Chegou o São João lá de Gurjão
 Convido esta grande mocidade
 Para a noitinha todos me acompanhar,
 Nós vamos em busca do Guarany,
 Onde podemos formar uma grande caipira,
 Daí cada um com o seu par
 Vamos todos balançar até o dia clarear,
 Daí todo mundo balançando
 Gritando por São João e
 Deixando a barra quebrar”³¹⁵,

Composição escrita por Maria de Fátima Paulino em décadas anteriores que frequentava assiduamente o Guarany e convidava outros conterrâneos para fazer a “barra quebrar” dançando o forró em um local que para ela sempre foi muito significativo enquanto um território negro, estes que são “espaços físicos habitados por pessoas negras. Mas, mais do que isso, são espaços simbólicos, repletos de sentidos e significados relacionados às práticas ali existentes, a uma ancestralidade negra, a uma memória negra, a um modo de ser e estar negro”³¹⁶. Tendo em vista que, o clube o Guarany, mesmo com seu abandono “ainda hoje o pessoal chama clube dos negros”³¹⁷.

Portanto, foi desde sua construção um território construído por negros e frequentado por eles, dado que muitos pais não permitiam a presença de suas filhas no local e até filhos, alegando uma série de questões, dentre elas a “promiscuidade” do ambiente desmentida por seus frequentadores, a questão da pele, como também a rivalidade política, muitas vezes presente na organização das festividades na cidade de Gurjão. Uma ideia que não condizia com a verdade

³¹⁴ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

³¹⁵ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³¹⁶ (VIEIRA, 2017, p.43).

³¹⁷ Entrevista concedida por José Vicente Teixeira em 30 de maio de 2022.

na opinião de seus frequentadores, uma vez que estes relataram até que lá não era permitida a entrada de “mães que tivessem filhos, sendo solteiras”, o que apresentava regras que perpassavam não só mais a questão política ou a cor da pele, mas que “prejudicava” a mulher em si.

Esta que não podia “balançar até o dia clarear”, como o convite que a música fazia, nem participar do São João ou qualquer outro evento que ocorria no Guarany, em especial a dança das quadrilhas, também citada na música como “uma caipira”, referência a quadrilha improvisada realizada para a animação de todos e sem ensaios prévios. Esta que era uma tradição dos festejos. “Seja onde for comemorado o evento junino, sempre uma quadrilha estará se apresentando e marcando sua presença. É ela, inclusive, que ajuda a criar e a instituir todo um imaginário em torno da festa junina como uma “festa matuta”³¹⁸ ou festa caipira.

Com relação a música, “a quadrilha matuta colaborou para que o forró se tornasse “a música típica” das festas juninas substituindo a valsa, a polca e o maxixe (ritmos predominantes até meados da década de 40), sobretudo com o sucesso de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga”³¹⁹, representantes da música que embalou as festividades e a trilha sonora de inúmeras quadrilhas.

A quadrilha que foi a representante das festividades juninas no Guarany, ela fazia o evento “brilhar” e ensaiada ou improvisada era um dos elementos convidativos para a participação da população. Naquele período de divisão de espaços, onde as festividades nos clubes ficavam divididas, a quadrilha foi um elemento que de certa forma uniu, posto que, a festa “ficava dividida, tinha um São João lá e outro cá, a quadrilha de cá ia pra lá, se encontrar lá com os brancos já de madrugada, amanhecendo o dia, ai ia para lá se encontrar, ai terminava essas festas de manhã na rua”³²⁰.

Nos clubes, não havia a união, mas a rua era um espaço público, portanto, um local que possibilitava o encontro entre todas as diferenças dos frequentadores dos espaços privados, isto ocorrendo já pela manhã, o encontro entre pessoas e entre quadrilhas, aquele era o momento em que se concluía a festa e os brincantes partiam para as suas residências. Aquele momento, ocorria geralmente na véspera de São João, ou seja, no dia 23 de junho, mas próximo a essa data, no mês seguinte, também acontecia uma outra festa, “a festa do milho, festa do milho

³¹⁸ (LIMA, 2002, p. 124).

³¹⁹ (MENEZES NETO, 2008, p. 17).

³²⁰ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

sempre foi no final de julho e fazia festa também, junina, tudo junina, fazia dia 28 no final de julho”³²¹.

Uma outra comemoração que tinha o forró como elemento central da festividade, assim como disputas de rainha do milho. Festividades que ocorriam na Gurjão daqueles tempos e que segundo Teixeira (2022), “foi se acabando, mas era muito bom”³²², não só o ato de dançar as quadrilhas, mas também o de frequentar as festividades e de dançar com um par sem ser na quadrilha e que era uma atividade muito requisitada, em todos os períodos do Guarany, até no período após os anos de 1980.

Um momento em que não havia mais tanto uma divisão por cor nas comemorações que aconteciam no Guarany, mas “arengas” políticas, que influenciavam muitas pessoas a frequentar ou não os espaços de festividades na cidade de Gurjão. Uma cidade que por ser um lugar em que as pessoas se conheciam entre si, a política sempre influenciava as ações e as divisões da população, o que não impedia a diversão ou o lazer de muitos, conforme é possível visualizar na imagem a seguir.

Figura 21: Heleno “preto” dançando no clube Guarany



Fonte: Acervo pessoal de Andréa Silva³²³

³²¹ Entrevista concedida por Paulo Teixeira no dia 20 de maio de 2022.

³²² Ibidem.

³²³ Fotografia publicada em 04 de março de 2015 no museu virtual de Gurjão. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=817179748378504&set=pb.100071993059318.-2207520000>. Acesso em 04 de janeiro de 2023.

O clube Guarany foi desde sempre construído para o lazer dos trabalhadores e dos negros. E, a fotografia número 21 demonstra a partir do clique a alegria de uma das figuras mais marcantes para a história do lugar, ou seja, Heleno mais conhecido por Heleno “preto”. Um homem que retorna ao lugar de identidade para si e a partir de suas sensibilidades, desperta emoções, posto que com “sua cultura sensível, a gama das suas ansiedades e dos seus cuidados”³²⁴, ele se fascinava novamente com o espaço em que participou da construção, organizou inúmeros eventos e foi por vezes presidente, inclusive o primeiro dentre eles, era bastante conhecido na cidade por isso, mas também por ser um artesão de barro, como também por ser muito alegre e festeiro.

A fotografia apresenta um Heleno já mais velho, na década de 1990, época bem posterior ao período de sua presidência na década de 1960. Na fotografia, ele está dançando até “a barra quebrar” como a música convidava no clube que ajudou a construir e que certamente era motivo de muito orgulho. Naquele dia, sua companheira de dança era uma amiga, que assim como ele estava vestida com roupas coloridas.

Pela imagem fica perceptível a presença de pessoas não só negras no ambiente, mas brancas no evento daquele período, basta considerar que era uma época bem posterior a inauguração do clube e um momento em que as divisões ocorriam de forma mais branda do que nos anos 1960 ou eram especialmente políticas. Nota-se na imagem uma variedade de casais que se divertem ao som do forró, assim como o protagonista Heleno, este que ajudou a erguer um local de divertimentos que posteriormente ao seu tempo como presidente foi utilizado para alegrar os brincantes, a partir de uma série de festejos, dentre eles o carnaval já realizado na sua época.

3.4 NEM SÓ DE FORRÓ VIVE O BRINCANTE

O forró sempre foi essencial nas festividades da cidade de Gurjão, mas nem só de forró vivia o brincante que tinha por intenção se divertir o ano inteiro. Portanto, era considerado obrigatório outro tipo de evento durante o ano, em especial a comemoração do carnaval, um feriado festivo que era comemorado por todo o Brasil, como também em Gurjão. Este que foi um evento de início da vida musical de Oliveira (2002), um já citado exímio forrozeiro, mas que relata que “logo quando comecei tocar, foi a concertina em um carnaval”, este instrumento

³²⁴ (CORBIN, 1998, p. 107)

“era um oito baixos, toquei em Gurjão, o chefe naquele tempo era Luiz Maracajá, toquei em um bar onde hoje é a delegacia, com a sandália torada”³²⁵.

Assim, percebe que os carnavais aconteciam inicialmente nas ruas ou bares da cidade e posteriormente foram eventos que migraram para os espaços fechados, uma vez que ocorriam no mercado que realizavam o evento dos “brancos”, mas também no Guarany, local dos “negros” e em que as músicas ficavam a cargo não de Joca de Oliveira que aposentou cedo segundo ele a vida carnavalesca. Porém, outros faziam música, tendo em vista que “tinha Inácio do Piston³²⁶ que tocava mais nos carnavais, carnaval é mais orquestra, dançava lá dentro do Guarany e depois saía pra rua”³²⁷. As festas em geral “davam muita gente, o Guarany era cheio, lotado”³²⁸.

Naqueles eventos lotados, em que havia a necessidade de sair para a rua, era uma brincadeira com orquestra que se diferenciava do mercado, em função de que era um evento para além dos muros do clube e até da cidade, posto que, “tinha os caminhões e a gente ia para as outras cidades”³²⁹. Localidades vizinhas que os recebiam com mais “brincadeiras de carnaval”, farinha, tudo era permitido e a viagem também era perigosa, caminhão aberto e estrada de terra, havia a possibilidade de acidentes, mas segundo o narrador nunca nada de muito grave aconteceu.

Outra questão essencial dos organizadores desses eventos era a confecção das vestimentas para as festividades, assim como a decoração do ambiente que precisava ficar bastante colorido e demonstrar a alegria que o evento sugeria. Vestimentas presentes não só lá nos anos 1960 na época de Amadeus e Heleno, mas também na época de Maria de Fátima Paulino que foi uma das organizadoras de eventos no clube do Guarany, principalmente no período de 1990.

Sobre isso ela diz que se juntava com a família e “a gente fazia carnaval, a gente gostava de organizar carnaval também, uns carnavalzinho para brincar, umas partes lá eu sempre gostei de organizar, povo gostava também, eu começava a organizar uma parte em casa, depois puxava pra lá”³³⁰. Ela relata que como eram muitos enfeites, produzia eles em casa e posteriormente levava para o clube e lá fazia a organização dos eventos. O carnaval era um evento que envolvia toda sua família. Em que havia comemorações que corroboravam com as práticas carnavalescas

³²⁵ Entrevista concedida por João Marques de Oliveira no dia 14 de agosto de 2022.

³²⁶ O Pistão é um instrumento musical de sopro confeccionado em metal, também conhecido como trompete.

³²⁷ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

³²⁸ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³²⁹ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

³³⁰ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

organizadas pelos organizadores do clube Guarani da cidade Cabaceiras, conforme aponta Sousa (2022) quando diz que

A retirada de dinheiro em espaços públicos, bem como nas casas dos cabaceirenses se tornou uma tradição. Tal evento era feito pelos (as) brincantes do clube do Guarani, juntamente aos organizadores, recolhendo dinheiro para pagar os músicos que animavam o carnaval. As brincantes de outrora, familiares dos primeiros organizadores, sócios e apaixonados pelo carnaval do Guarani eram presentes em cada manifestação carnavalesca³³¹

Uma ação de retirada de dinheiro e uma tradição que embora de forma singular, também acontecia na cidade de Gurjão e com imensas semelhanças, tanto por ser realizada pelos brincantes ou familiares destes que faziam parte do clube o Guarany, tanto pela questão de recolher o dinheiro para a divisão entre os músicos. Era uma atividade que só diferia na questão de levar a bandeira, uma vez que se em Cabaceiras “A bandeira era usada por integrantes importantes do carnaval, como o presidente ou sócio do Guarani, e nela se prendia o dinheiro com alfinete”³³², em Gurjão está era carregada pela organizadora do bloco, embora ela também usasse o alfinete de prender o dinheiro.

Situação vivenciada pelos familiares e amigos da narradora, em que conforme apontado anteriormente e observado na cidade de Cabaceiras, Paulino (2022) conta que “saíam no bloco nas ruas com aquela bandeira para apanhar dinheiro sabe? Aí o povo botava dinheiro, aqui mesmo nós fizemos muito bloco com Josefa mesmo, que era porta-bandeira. E o povo enfiava o dinheiro no alfinetinho, aí dividia com a banda”³³³. Embora, que com receio da perda do dinheiro que era o patrocínio da festa que realizava, ela não deixasse o dinheiro no “alfinetinho”, mas guardasse na bolsa que carregava por toda a cidade que era um instrumento que inspirava mais confiança. Conforme possível de observar nas imagens abaixo.

³³¹ (SOUSA, 2022, p.107).

³³² Ibidem, p.107.

³³³ Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza em 9 de dezembro de 2022.

Figura 22: Josefa fantasiada para o carnaval no centro da cidade



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Paulino

A imagem número 22 corrobora com os relatos sobre o bloco de Josefa que foi uma senhora que fez parte da história de Gurjão, lembrada por sua alegria e organização de eventos. No clique, ela está vestida de baiana pedindo contribuição na cidade para pagar os tocadores do bloco de carnaval que ela promovia, a qual era uma brincante do Guarany, o valor arrecadado no dia de carnaval era dividido com os músicos que a acompanhavam naquele momento de festividade, em que sua roupa pesada por vezes “enganchava e fazia ela cair, mas ela se levantava e continuava”³³⁴, dado que a festa não podia parar.

Na fotografia, a protagonista e uma criança que segura sua mão estão fantasiadas, enquanto é possível perceber pessoas sentadas no bar localizado no centro de Gurjão, por muito tempo um ponto de encontro das pessoas. A mulher segura uma bandeira em que é possível ler “vou com tu”, certamente o bordão dos populares que seguiam seu bloco, principalmente das crianças, um público que aguardava ansioso aquele bloco. Tendo em vista que, assim como em Campina Grande, mas em proporção bem menor “as ruas se enchiam de pessoas perambulando por elas, se divertindo e aproveitando da melhor maneira possível os momentos de alegria e descontração”³³⁵, conforme Souza (2002) nos diz quando apresenta uma maior tolerância entre as aproximações das classes sociais no carnaval.

³³⁴ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³³⁵ (SOUZA, 2002, p. 149)

Uma questão visualizada pela fotografia e que corroboravam com as práticas carnavalescas que aconteciam também na cidade de Cabaceiras, tendo em vista que a finalidade dos brincantes não era só a arrecadação do dinheiro nos locais da cidade, mas era também a criatividade “dos adereços usados pelos (as) brincantes”, estes que em sua grande maioria “gostavam de entrar nos pontos comerciais com o intuito de alegrar e divertir aqueles que estavam bebendo, conversando ou mesmo jogando”³³⁶. Isto, pode ser visualizado na imagem da visita de foliões ao “Bar de Zé Banga³³⁷” em Gurjão exposta abaixo.

Figura 23: Foliões no Bar de Zé Banga



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Paulino

Capturar por um clique uma foto, compreende que “sem antes, nem depois; é este um dos aspectos mais fascinantes em termos do instante contínuo recortado da vida que se confunde com o nascimento do descontínuo do documento”³³⁸, tendo em vista que aquele momento fica guardado enquanto documento, este descontínuo que apreende apenas um recorte da vida, sem palavras, mas com a imagem do momento conforme a fotografia que está com a numeração 23. Esta, representa as visitas que aconteciam nos estabelecimentos comerciais da cidade de Gurjão durante o carnaval pelos brincantes do clube Guarany.

³³⁶ (SOUSA, 2022, p.111)

³³⁷ “Zé Banga” era o apelido do senhor José Silvano de Moraes, dono do bar que sempre foi conhecido por “bar de Zé banga”, feirante e político, chegando a ocupar o cargo de vereador na cidade de Gurjão por mais de um mandato.

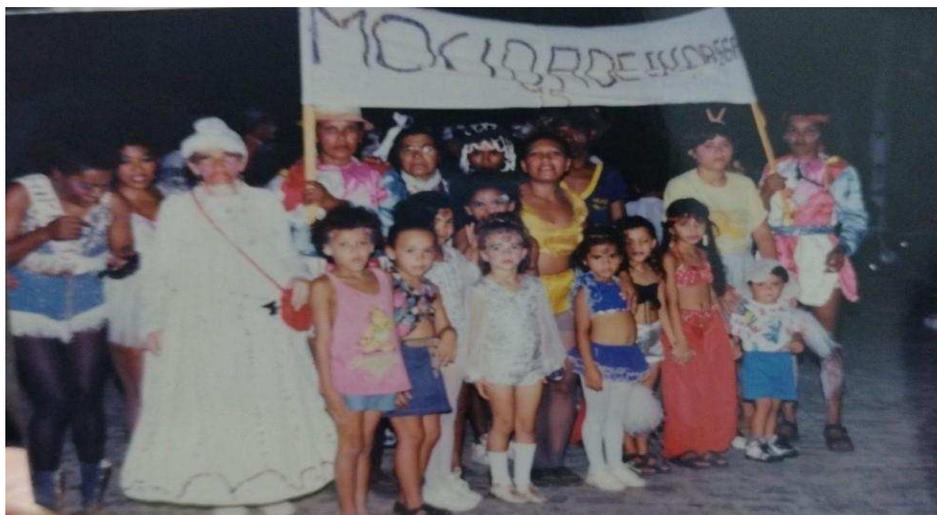
³³⁸ (KOSSOY, 2021, p. 48).

Na fotografia, se observa três pessoas, duas mulheres com trajes de carnaval que como era o costume foram por elas fabricados. Há também um homem abraçando as duas e bastante sorridente, este era o popular “Zé Banga”, dono de um bar que ficava localizado na Rua: Antônio Coutinho que era e é a principal rua da cidade de Gurjão. O Bar foi um espaço muito conhecido e frequentado, assim como foi um lugar de encontro e musical por décadas, por sua localização privilegiada atraía uma diversidade de público, assim como também os brincantes do carnaval.

No ambiente ao redor dos personagens da fotografia, percebe-se a mesa forrada de forma simples e uma variedade de bebidas desde as que possuíam álcool as que não tinham nem um percentual, uma vez que era necessário agradar a todos os públicos, inclusive as carnavalescas da fotografia, visto que, uma delas segura um copo em que provavelmente havia alguma bebida já consumida. Para além disso, ainda é possível observar que existia uma estufa com salgados, um outro atrativo do ambiente para a população de um modo geral frequentar.

Configurando o local também como um restaurante que corroborava com o “momento em que a alimentação torna-se um mercado de consumo de massa, as refeições servidas em restaurantes passam por uma evolução, em parte comparável”, esta comunica que naquele período do século XX “a alimentação se identifica cada vez menos necessariamente com o universo doméstico”³³⁹, logo um bar que também oferecia comida era um ótimo investimento, frequentado e lembrado pela população em geral, assim como os brincantes que após o passeio para arrecadar o dinheiro dos tocadores, seguiam com a brincadeira nas ruas da cidade, conforme as figuras 24 e 25 que seguem

Figura 24: Bloco Mocidade



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Paulino

³³⁹ (FLANDRIN e MONTANARI, 2018, p. 850)

Um bloco representado pela imagem acima, mais democrático, tendo em vista ser realizado nas ruas. Um evento que contou com a participação dos brincantes, todos fantasiados e com vestimentas muito coloridas e variadas, o público era bastante variado, existindo a presença de idosos, adultos, como também de uma série de crianças. Segundo relatado, o bloco iniciava na casa da organizadora, após isso eles percorriam as ruas e faziam uma brincadeira também no clube Guarany, o carnaval era sinônimo de cor e alegria para esse pessoal que se juntava com os tocadores, arrecadavam o dinheiro e faziam a festa.

As festas eram um momento de lazer e descontração que envolvia não só uma família, mas também as pessoas que contribuía, assistiam ao mesmo tempo que se divertiam. Naquele período, “o povo tinha uma história de uns lança perfumado³⁴⁰, mas eu nunca tive condições de arrumar isso”³⁴¹, isso a que se refere a entrevistada era “o lança-perfume surgiu em 1906, no Rio de Janeiro. Fabricado na Suíça, no Brasil seu uso ganhou grandes proporções. Com o passar dos anos, transformar-se em arma: munidos do lança-perfume, alguns foliões passaram a espirrar o seu líquido, visando sobretudo, os olhos das pessoas”, este elemento foi usado de forma tão indevida “que surgiram no comércio óculos de celuloide que tinha por objetivo proteger os olhos dos foliões que constantemente passaram a ser surpreendidos por “espirros” de lança perfume nos olhos”³⁴².

Essa “arma” fez parte de muitos carnavais no Brasil, apesar da sua proibição no ano de 1950 em Campina Grande, posto que “a polícia e os clubes proibiam o uso do “lança perfume””, a sua utilização nas festividades não cessou, dado que “quanto mais era proibido mais fácil ficava compra-lo nas ruas e praças por preços até bem acessíveis”³⁴³, assim também era usado em todo o Brasil, se for levado em consideração que no ano de 1961 o Presidente Jânio Quadros proibiu o uso do lança perfume de forma nacional. Este que ficou ainda por muito tempo circulando nas festividades.

Dado que, chegou até a cidade de Gurjão a existência de seu uso no carnaval, conforme relata a narradora, embora ela confirme que este não tenha sido utilizado nas festividades do clube Guarany por falta de recursos. Portanto, o que acontecia eram festividades mais tranquilas em que “a gente fazia aquelas besteirinhas fazia uns enfeitizinhos e ia enfeitando uns aos outros.

³⁴⁰ O lança-perfume é uma droga produzida com solventes químicos à base de cloreto de etila, apesar de ser aparentemente inofensiva, é uma droga que atinge as células cerebrais e pode acarretar vômitos ou desmaios, além de acelerar a frequência cardíaca.

³⁴¹ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³⁴² (SANTOS, 2018, p. 3-4)

³⁴³ (SOUZA, 2022, p. 148)

Às vezes ia arrumando umas coisas mais engraçada né e terminava e tome farinha na cara dos outros”³⁴⁴, prática muito comum naquele tipo de evento e possível de ser visualizado na fotografia abaixo.

Figura 25: Brincadeira de carnaval na rua



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Paulino

Na fotografia, capturada em um dia festivo de carnaval da década de 1990, nas ruas da cidade de Gurjão, evento que contava com a presença de brancos e negros, uma vez que não só a década, mas a rua era um lugar mais democrático. Há a possibilidade de visualizar a criatividade dos brincantes com relação a suas vestimentas, vestidos brancos bem costurados, roupas coloridas, meias por baixo de saias, chapéus, pompom, tiras no cabelo, laços e perucas, peças que eram essenciais para o divertimento e para ficar mais “engraçado”, o importante era a diversão e a cor, o diferente.

Na imagem, quase todos estão segurando as mãos uns dos outros em uma postura que indicava um momento de dança e apenas um participante da brincadeira estava no centro do círculo, este inclusive o único homem participante, pois só há outros homens observando sem se envolver. Com os pés ao chão ou sandálias confortáveis, todos que participavam já haviam passado pelo momento da “farinha”.

³⁴⁴ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

O momento farinha faz menção ao “mela-mela” tão comum nos carnavais de rua, desde o seu início, bem anteriormente a sua chegada no Brasil, em que não só farinha servia de item para a brincadeira, mas muitas vezes até ovo ou outros itens da alimentação, o que configura a utilização de itens do cotidiano, para se divertir, revelando a participação das pessoas simples que estavam avidas por um momento de divertimento. Este em que se encontravam com os itens da alimentação de suas casas que geravam a animação daquele encontro.

Forma de brincadeira que fazia parte da diversão das pessoas durante o carnaval e está presente na fotografia que rememora os antigos carnavais organizados no Guarany por José Maria, Heleno e tantos outros que realizavam “eventos muito bons, já que nos outros era mais fraco”³⁴⁵. Palavras de um dos frequentadores assíduos destes eventos e que quando toca nos “outros” se refere ao “salão do mercado” e ao “clube da Fundac”, locais que segundo ele não possuía tanta animação como os festejos do Guarany. Logo, o brincante do Guarany vivia para além do forró com eventos como o carnaval, mas não só este.

3.5 OUTRAS COMEMORAÇÕES

As comemorações do clube não se restringiam ao São João ou ao carnaval, uma vez que o prédio era uma estrutura permanente e podia receber outros tipos de eventos, como as festividades do sábado com a banda formada pelos próprios organizadores e posteriormente com as festividades organizadas no clube nas décadas de 1980 e 1990, em que houve uma diversidade de encontros com o objetivo da alegria como conta a narradora,

Festas muito animadas, era muito boa, teve muita coisa boa ali naquele clube, a gente fazia festa do clube das mães e das mães também, comadre Socorro Borges naquelas épocas também, sempre era dirigente de alguma coisa, ajudava a gente também e minha mãe mesmo, eu fiz muito bolo lá dentro para ela naquele Guarany.³⁴⁶

A narradora relata algumas das festas que organizava no clube do Guarany, eventos que tinham a colaboração de uma das dirigentes do local, dentre estes estava as comemorações do clube de mães que foram criações ocorridas em todo o Brasil e visavam a orientação das famílias, principalmente das mães mais pobres da sociedade. Estas que também participavam dos eventos tanto do clube ao qual estavam inseridas, como também dos eventos para as mães de uma forma geral organizados no recinto.

³⁴⁵ Entrevista concedida por Paulo Teixeira no dia 20 de maio de 2022.

³⁴⁶ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

Um outro tipo de festa organizado naquele ambiente eram as comemorações de aniversário. Posto que, o lugar era maior e mais confortável para a organização deste tipo de evento do que a residência das pessoas, assim, foi desta forma que a mãe da entrevistada teve muito bolo naquele espaço. Um desses bolos disponíveis para ser visualizado pela imagem abaixo.

Figura 26: Aniversário de Josefa no Guarany na década de 1990



Fonte: Acervo Pessoal de Maria de Fátima Paulino

A imagem de número 26, foi capturada no clube Guarany na década de 1990, o evento era a comemoração do aniversário de Josefa a senhora cuja cabeça está coberta por um lenço, ao seu lado direito estão duas mulheres a de saia vermelha era uma das brincantes dos carnavais organizados no espaço e de outros eventos e a outra Socorro, era uma amiga querida sua. No lado direito, está presente sua família, o filho Antônio e a filha Maria de Fátima Paulino com suas filhas que foi uma das pessoas entrevistadas para esta pesquisa.

A fotografia apresenta o bolo grande típico da década de 1990, assim como os refrigerantes em garrafas de vidro. A mesa estava posicionada no salão de dança do clube Guarany. Na parte de trás do foco central da imagem que era a aniversariante, o bolo e sua família, há a possibilidade de observar enquanto elementos do ambiente, um palco construído de cimento, assim como os também presentes no “Salão do Mercado” e o da “Fundac”, o chão que possuía o piso de cimento “queimado” e caixas de som para que as músicas tocassem animando os eventos.

Eventos diversos, assim como os de aniversário, uma vez que aconteciam outros, dentre os quais “festa de criança, festa de amigo secreto”, os quais segundo a entrevistada faziam sucesso, posto que “oxe eu enchia aquele Guarany, teve uma vez que eu fiz um amigo secreto lá ficou lotado, tão bom”³⁴⁷. Portanto, existiram pessoas que continuaram utilizando aquele espaço com a intenção de promover eventos, mas acima de tudo de juntar as pessoas com o objetivo de diversão e ainda assim com a dança acontecendo livremente em momentos diversos, conforme a imagem abaixo.

Figura 27: Dança no Guarany



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Paulino

A imagem demonstra uma dança em um momento de descontração no ambiente, em que havia diversas pessoas, desde crianças até adultos com vestimentas mais arrumadas e outras mais simples. Há vários homens próximo ao palco ou sentados nele e os protagonistas da imagem que estão dançando e sorrindo para a câmera que estava com foco para eles em um dos eventos diurnos ocorridos no clube Guarany.

Naquele ambiente, “as festas eram mais a noite, de dia só quando a gente fazia assim essas partes de amigo secreto que era mais de tardezinha”³⁴⁸, momento em que as pessoas se

³⁴⁷ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³⁴⁸ Ibidem.

confraternizavam com a troca de presentes e posteriormente também ouviam músicas e dançavam, celebravam um ano que havia sido concluído com sucesso e terminava geralmente com uma confraternização entre todos que contava com música, comida, dança e troca de presentes ou sorteio e entrega de brindes.

Havia também eventos que englobavam as crianças, uma vez que estas também usufruíam do ambiente. “Eu fazia as festas das crianças ai colocava umas pecinhas para crianças dançar, brincadeira para animar”, fazer essas festas, organizar esses momentos era “um ponto de você tá se distraíndo e distraíndo pessoas, é tão bom você levar alegria para pessoas quando pode e receber também né, sei que muitas vezes tem crítica, mas eu fazia”³⁴⁹.

A organizadora de tantos eventos no clube o Guarany, atualmente apenas fica triste com o abandono do lugar, rememora os momentos e as circunstâncias que fizeram o espaço ser abandonado e expõe por meio de palavras não só a sua tristeza e inconformidade, mas também a impossibilidade de fazer algo por si só, conforme suas palavras deixam claro, posto que ela diz que “eu fico com muita pena de ver ele caindo hoje, se eu pudesse, tivesse condição eu juntava assim alguém para tentar reformar pra não vir de água abaixo né? Como a Fundac até hoje tá ali, mesmo assim era o Guarany, ali era um órgão bom da gente fazer as festas”³⁵⁰.

Nas palavras da entrevistada, há um saudosismo com relação ao ambiente de tantos momentos bons de sua vida, um espaço de lazer, de encontro, principalmente de sua família, mas também de muita dança, momentos de sociabilidade, revisitados por ela em sua memória, corroborando para uma imagem de um clube o Guarany enquanto um local que abrigou muitas histórias boas, mas também ruins, festas que embalaram muitos romances e desentendimentos. Um espaço de um lazer que vigorou em diversas décadas da história da cidade de Gurjão, palco em que negros organizavam eventos, tocavam seus instrumentos e eram os responsáveis por festas com muito forró e dança.

³⁴⁹ Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

³⁵⁰ Ibidem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A escrita, por sua vez, deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras, mas só pode salvá-la quando o codifica e o fixa, transformando sua plasticidade em rigidez, afirmando e confirmando sua ausência – quando pronuncia sua morte”³⁵¹. Assim, com esse desejo de perpetuar a história e entendendo a pesquisa historiográfica como provocadora de interrogações, lacunas e silenciamentos, a expectativa são de novas pesquisas e trabalhos sobre a cidade de Gurjão a partir das problematizações aqui realizadas. Muito foi dito, porém ainda existe muito a ser dito.

Tecemos neste trabalho análises, reflexões e problematizações sobre as festas na cidade de Gurjão, os lugares, os personagens e as vivências destes em relação a tudo isso no período entre as décadas de 1960 até 1990. As festas foram vistas a partir dos documentos, mas também da oralidade de seus partícipes e organizadores, o que os tornou os protagonistas da história, entendendo a partir de suas falas a importância das festividades para além do lazer ou da diversão que vivenciavam.

As narrativas coletadas, foram apreendidas de acordo com a inferência dos conteúdos e demonstraram de forma sensível uma série de questões que necessitavam de legitimação acadêmica, uma vez que faz parte da história do município esquecida ao longo do tempo, embora ainda viva na memória de alguns cidadãos que contam aquelas passagens com o “brilho” no olho da saudade ou momentos de separação entre ambientes que os fazem refletir sobre suas vidas e sociabilidades.

Logo, foi possível apreender a cidade de Gurjão a partir das narrativas dos habitantes que vivenciaram as histórias não só que culminaram na emancipação e edificação da cidade, mas também o lazer e a diversão que geraram a sociabilidade entre estes cidadãos nos ambientes do “salão do mercado”, Clube o Guarany e Clube da Fundac. Com vistas ao entendimento de como foram os momentos na época específica, desde as relações entre moradores, as emoções, a subjetividade de um outro período, os quais vivenciaram e modificaram os modos de viver, sentir e sociabilizar entre os espaços que foram em diversos momentos também de exclusão.

Em um primeiro momento procuramos apresentar a cidade de Gurjão, o processo emancipatório do lugar e os projetos e sonhos que fizeram o lugar tomar a forma de cidade a partir de 1962, um ambiente que à medida que se modificou também se edificou e construiu um

³⁵¹ (GAGNEBIN, 2006, p.11)

ambiente propício para uma vida nova para os habitantes, uma vez que estes usufruíram da modificação do sentir e do viver os novos espaços, como também da nomenclatura diferenciada. Portanto, essa modificação trouxe melhoramentos urbanos e uma sociabilidade diferenciada.

A nova cidade possuía políticos do seu lugar, estes que tinham novas ideias para o local, dentre as quais a edificação de um cemitério para o cuidado com a saúde das pessoas e a “dignidade” dos corpos mortos. A denominação das ruas até então conhecidas apenas por principal ou adjacentes. A energia elétrica para a iluminação das ruas e das casas da cidade, melhoramento essencial para a vida cidadina, assim como o abastecimento de água nas torneiras captado do açude municipal construído na época do distrito e em especial o Mercado Público, uma construção que ocorreu nas mais diversas cidades do Brasil e que em Gurjão foi um palco de diversas histórias, principalmente festivas.

O mercado público enquanto um dos principais cenários abordados nesta dissertação, foi um ambiente tratado no segundo momento, este que analisou as formas de diversão, lazer e sociabilidade na cidade de Gurjão. Sendo, o ritmo forró essencial como atrativo dos corpos dos moradores “brancos” ou “negros” aos clubes ou espaços de festividades da cidade. Um forró que acontecia de forma “segregada”, por dois motivos principais a cor da pele e as disputas políticas sempre muito acirradas e separatistas.

Disputas que perpassavam três principais espaços de sociabilidades existentes na cidade de Gurjão. O “salão do mercado”, local improvisado como ambiente de festividades, embora tivesse sido construído para a comercialização de mercadorias e funcionando assim durante o dia, mas em uma parte de seu espaço divertindo especialmente a população “branca” da cidade. O clube Guarany, que fora construído por uma associação e era edificado e organizado pelos “negros”, estes que para além disso também tocavam os instrumentos musicais e cantavam para animar as festas.

E, para além destes um clube construído algum tempo depois, denominado inicialmente de centro cultural, mas transformado em clube da Fundac que foi construído com o objetivo de “substituir” o espaço improvisado do “salão do mercado”, mas ao mesmo tempo para unir “negros” e “brancos”, embora tenha dividido os seus frequentadores principalmente politicamente.

Naqueles ambientes, símbolos da sociabilidade da nova cidade muitas histórias aconteceram, muitos destinos foram traçados, muitos amores surgiram ou se desfizeram, mulheres sofreram com a questão da dança que não podiam negar, como também os locais foram palcos das mais diversas separações e desentendimentos que ocorreram. O momento de união de todos só acontecia na rua ou durante as festas de formatura em que nem todas as

pessoas possuíam a condição de festejar ou estudar, entre os frequentadores do clube Guarany na época de sua construção a maioria eram trabalhadores que contavam com aquele espaço para o lazer. Local que foi inclusive abandonado e hoje se encontra em ruínas, assim como o “Salão do Mercado” que teve sua finalização total após a reforma do Mercado, embora lá já não fosse mais palco de festividades.

O ambiente que ainda se encontra edificado é o clube da Fundac, embora não esteja em pleno funcionamento. Este espaço foi palco das mais diversas festividades, shows, formaturas, reuniões e aniversários, foi também um ambiente de fortes “arengas” políticas com relação a sua posse, mas também entre os frequentadores, estes que conheceram o local, participaram dos eventos, mas não são necessariamente conhecedores da história que fez o lugar ter a importância que teve para a história de Gurjão.

Uma história que se entrelaça a da cidade, como também a do Clube Guarany, espaço frequentado e organizado pelos negros e apresentado no terceiro momento como este ambiente, um local de lazer e diversão dos moradores negros deste espaço, corpos que a partir dos seus prazeres, sensibilidades e práticas culturais, dançaram não só o forró naquele espaço aos sábados ou nas festividades de São João, mas também foram participes de outros eventos como os carnavalescos, além da organização de eventos diversos.

Não só o forró foi o som primordial do clube o Guarany, embora este tenha sido fundamental, a banda formada pelos organizadores do local ou até por moradores que possuíam um baixo fez a alegria de uma diversidade de frequentadores que participaram dançando, bebendo, brincando e algumas vezes infelizmente se desentendendo, dado que as brigas são uma parte da sociabilidade. O prédio atualmente em ruínas teve momentos de história, amor e os mais diversos sentimentos que seus frequentadores foram oportunizados de sentir.

Um palco que não existe mais, porém protagonista de eventos diversos desde festas infantis, até confraternizações de final de ano em que a alegria principal era as trocas de presentes, um local escolhido, já que “se eu tivesse que escolher eu sempre preferia o clube Guarany para frequentar”³⁵². Ambiente em que se sentia à vontade para levar sua família e comemorar com ela aniversários, dias de mãe e outros eventos. Tanto para esta narradora como para os outros participes de tudo, cada lembrança destes momentos festivos fora essencial na sua história, mas também na história de Gurjão que foi contada não só por quem construiu ou denominou as ruas da cidade, porém e de forma principal das pessoas que fizeram parte

³⁵² Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino em 9 de dezembro de 2022.

daqueles momentos, dançando, paquerando, se desentendendo ou simplesmente vivendo os momentos que não mais voltam.

Ideia que também perpassou a mente do historiador, este que “sabe que o outro passou” e sabe também “que o outro não voltará. A partir do vestígio precário dessa ausência, começam seu desejo e seu trabalho de escrita”³⁵³. Escrita que contou a história de festividades da cidade de Gurjão que não acontecerão como já aconteceram, pois o que existiu entre os partícipes do “Salão do Mercado” do Clube Guarany e do Clube da Fundac foram histórias, danças, brincadeiras, desentendimentos e amores que se entrelaçaram com a construção da cidade e são parte da história que passou.

³⁵³ (HARTOG, 2020, p.262)

FONTES CONSULTADAS

FONTES ORAIS

- Entrevista concedida por Paulo Teixeira no dia 20 de maio de 2022.
- Entrevista concedida por José Vicente Teixeira no dia 30 de maio de 2022.
- Entrevista concedida por Rita Emilia de Lima no dia 10 de junho de 2022.
- Entrevista concedida por Alcina de Castro no dia 12 de junho de 2022.
- Entrevista concedida por Teodoro Borges Ramos no dia 22 de julho de 2022.
- Entrevista concedida por João Marques de Oliveira no dia 14 de agosto de 2022.
- Entrevista concedida por Maura (nome fictício) no dia 03 de setembro de 2022.
- Entrevista concedida por Jorge Luiz de Farias Ramos no dia 29 de novembro de 2022.
- Entrevista concedida por Maria de Fátima Paulino no dia 09 de dezembro de 2022.
- Entrevista concedida por Percilio Medeiros de Souza no dia 09 de dezembro de 2022.

FONTES IMPRESSAS

- Caderno de Memórias de Raulino Maracajá. 1959, 100 fls.
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1960, p.372-373).
- Fotografias
- Livro de Atas da Câmara Municipal de Gurjão-PB. 1º Legislatura (1962-1966). 50 fls.
- Livro de Atas da Câmara Municipal de Gurjão-PB. 5º Legislatura (1977-1983). 50 fls.
- Panfleto político ao povo de Gurjão de 23 de setembro de 1958.
- Panfleto do Governo do Estado da Paraíba e da Secretaria dos Transportes e Obras em parceria com a CAGEPA, 1978.
- Projeto de construção do Mercado Público Municipal de 1964. Acervo da Prefeitura Municipal de Gurjão.
- Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1972. Ano 8. Nº 8.
- Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1976.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945)**. 2.ed.- João Pessoa: Editora do CCTA, 2015.
- ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezzi. Org. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.- ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BALANDIER, Georges. **O poder em cena**; tradução de Luis Tupy Caldas de Moura. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- BARBOSA, Jivago Correia. **Obras, assistencialismo e a imprensa no Governo José Américo**. In: **Política e Assistencialismo na Paraíba: O Governo José Américo de Almeida (1951-1956)**. Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: UFPB, 2012. 317 fls.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRUNI, José Carlos. A água e a vida. **Tempo social**, v. 5, n. 1-2, p. 53-65, 1993.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. Usos e abusos da história oral, v. 8, p. 183-191, 1996.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. Tese de Doutorado defendida junto ao programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB em 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: 34/ Edusp, 2000.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução por Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARDOSO, Ruth. **Prefácio**. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedço: Cultura Popular e lazer na cidade. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9. Ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021. (Repensando a Geografia)
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: companhia das letras, v. 11, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: _____. A escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERTEAU, Michel de. **Cultura no plural**. Campinas SP: Papius, 7. Ed. 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. 2 ed. Portugal: Difel, 1988.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

CITTADINO, Monique. **Poder local, memória e cultura política: possibilidades de análise a partir da figura do governador João Agripino (Paraíba – 1965-1971)**. João Pessoa. Saeculum/UFPB, v. 16, 2007, p. 47-57.

CONSTANTINO, Núncio Santoro. O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local. São Leopoldo, **Revista Unisinos** nº 10, 2004.

CORBIN, Alain. **Do Limousin às culturas sensíveis**. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. Para uma História Cultural. São Paulo. Ed: Estampa, 1998, p. 107.

CUNHA, Maria Teresa. **Diários pessoais: territórios abertos para a história. O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, p. 281-308, 2017.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **Cólera: representações de uma angústia coletiva (A doença e o imaginário social no século XIX no Brasil)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1997, 518 fls.

DUBOIS, Philippe. **Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas-SP. Papius Editora, 1994.

FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. – 9. ed - São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 27-38, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAMA, Gheysa Lemes Gonçalves. ‘Meus 15 Anos’ e seus Significados: Rito de Passagem e Rito de Consumo em Festas de Debutantes. **Rosa dos Ventos**, v. 12, n. 3, p. 762-776, 2020.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer/ Horizontes latino-americanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GUIMARÃES, L. D. A sociabilidade e seus espaços: um estudo histórico a partir de seus intérpretes [Dissertação]. **Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo**, 2008.

GURJÃO, Eliete. **Para onde o poder vai, a feira vai atrás:** estratégias de poder da elite campinense, da Monarquia à República Nova. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.) *Imagens multifacetadas da história de Campina Grande*. Campina Grande: SEC, 2000.

GURJÃO, Eliete. **Gurjão:** Dos primórdios à cidade. Blog Luciano Historiador. Campina Grande, 15 de setembro de 2016. Disponível em: <http://lucianohistoriador.blogspot.com/2016/09/gurjao-dos-primordios-cidade.html> Acesso em: 05 de abril de 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HARTOG, François. **Evidência da história:** o que os historiadores veem. -1º. Ed. 3. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

KATZ, Helena. **Um, dois, três:** a dança é o pensamento do corpo. 1994. 199 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

KOSSLLECK, Reinhart. **Estratos do tempo:** estudos sobre o tempo. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O Imaginário Urbano sobre a Fotografia e Morte em Belo Horizonte, MG, nos Anos Finais do Século XX. **VARIA HISTÓRIA**. Belo Horizonte, vol. 22, nº 35, p. 100-122, jan/jun. 2006.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

LEMINSKI, Paulo. **La vie en close**. Editora brasiliense, 1991.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. In: **Revista Tempo**, V. 20, p. 1–20, 2014.

LIMA, Elizabeth Christina. **A fábrica dos saber:** a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Ideia, 2002.

LIMA, Solange Ferraz de; Vânia Carneiro de Carvalho. **Fotografia:** Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOPIS, Erivania Azevedo. **Patrimônio histórico-cultural:** preservar ou transformar? Uma questão conflituosa. *Mosaico*, v. 8, n. 12, p. 9-23, 2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Arte e comunicação. Tradução: Maria Cristina Tavares Afonso. Edições 70: Lisboa, 1960.

MACEDO, Damiana de Farias. **O Clube Guarany e a História do Lazer em Gurjão-PB (1960- 1980)**. In: SANTANA, Flávio Carreiro de. MONTEIRO, Luíra Freire. (Orgs.). *História: Tramas do Tempo, Impressões do Vivido*. João Pessoa: Ideia, 2017, os demais eram textos soltos, sem comprovação documental.

MAGALHÃES, Adélia Maria de Amorim. **Música também é história:** as bandas de música em Marechal Deodoro e a tendência cívico-militar no seu repertório tradicional. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em Humanas) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco:** Cultura Popular e lazer na cidade. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem anos de solidão.** Tradução de Eliane Zagury. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

MARIANO, Serioja R.C; MARIANO, Nayana R.C. **O medo anunciado:** A febre amarela e o cólera na província da paraíba (1850-1860). Revista de História e Estudos Culturais Fênix, v. 9, p. 1-20, 2012.

MEDEIROS, Martha. **Obrigado por insistir.** In: Doidas e santas. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

MATA, Sérgio da. **O Desencantamento da Toponímia.** In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005, pp. 115-140.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo, Rio de Janeiro**, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe (org). **História Oral:** como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no Arraial da Capital: quadrilha e tradição no São João do Recife.** 2008, 155p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2008.

MOREIRA, Márcio Macêdo. **Entre Britos e Gaudêncios:** cultura política e poder familiar nos cariris velhos da Paraíba (1930-1960). 2012. 223 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PEREIRA NETO, André Faria et al. **História Oral no Brasil:** uma análise da produção recente (1998/2008). In: Regional Oral History Office (ROHO) Office Of The Bancroft Library. Califórnia: Universidade de Berkeley, 2006.

PEREZ, Léa Freitas. Festa, Religião e Cidade: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: **Medianis**, 2011.

Pertencer. In: LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** In: Revista Brasileira de História, v.27, número 53, jan-jun 2007^a, P. 11-23.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, memória e centralidade urbana**. Mosaico, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PROST, Antoine. **As questões do historiador**. In: _____. Doze lições sobre a história. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. cap. 4, p. 75-93.

PROST, Antoine. **“Social e cultural indissociavelmente”**. In: Jean-Pierre Rioux; JeanFrançois Sirinelli (orgs.). Para uma história cultural. Lisboa: Estampa, 1998, 123-137.

QUEIROZ, Evaldo Gonçalves de. **Parlamento e Cariris Velhos: a vez do diálogo**. In: História e Debate na Assembleia Legislativa. João Pessoa: A União, 2002, p. 435-479. Volume II.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RAMOS, Gilmária Salviano. **“Honra sexual” e “Honra Moral”**: Discurso em torno de crimes sexuais na Paraíba (1950/1970). Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2015.

REBELO, Samantha C. **Forró**. Mais 1 definições em trânsito. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/FORRO.pdf> Acesso em: 27 de agosto de 2022.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. 2ªed. Recife: Ed. UFPE, 2016.

REIS, João José. **O cotidiano da morte no Brasil oitocentista**. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). História da Vida Privada no Brasil / Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOUER, Paul. **A Simbólica do Mal**. Tradução de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2017.

RICOUER, Paul. **Vivo até a morte: seguido de fragmentos**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RIETVELD, João Jorge. **O verde do juazeiro: catolicismo em Juazeirinho e o Norte do cariri**. 2.ed. Campina Grande: Erik Brito Editor/ Cópias e Papéis, 2016.

ROCHE, Daniel **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo, séc. XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Secretária Municipal de Cultura, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Editora Companhia das Letras -22ª ed. São Paulo, 2019.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado – Teoria da História II**: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Asta-Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2007, 188p.

SANTOS, Rosana Maria dos. **Sem lança perfume e escape livre**: O controle ostensivo da polícia no Carnaval organizado pela DDC. In: XII Encontro Nacional de história da ANPUH-PE. 2018, Recife-PE. Disponível em: [https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/resources/anais/8/1535595324_ARQUIVO_ARTIGO\(ANPUH\).pdf](https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/resources/anais/8/1535595324_ARQUIVO_ARTIGO(ANPUH).pdf) Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. **Toponímia, poder e identidade**: uma abordagem acerca dos logradouros centrais em São Luís, Maranhão. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 28, v. 1, p. 171-195, 2016.

SAPIEZINKAS, Aline. **Do Patrimônio Histórico ao Patrimônio Cultural**: diálogos e interações na aplicação das políticas públicas de preservação. Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 6, n. 1, p. 67-101, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira, 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. “**A Capital Irradiante**: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio” In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros**: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguaí no pós-abolição (1870-1960). 279 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SIMMEL, G.; SIMMEL, Georg. sociologia/organizador Evaristo de Moraes Filho. **Tradução de Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983.**

SIRINELLI, Jean-François. **Abrir a história**: novos olhares sobre o século XX francês. Tradução Fernando Scheibe. -1ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Fernanda de Farias. **Memórias e histórias das festas de outrora no município de cabaceiras, paraíba**: relações étnico-raciais e sociabilidades nas festas de reis e no carnaval (1940–2018). 2022. 162 f. Dissertação (Mestrado em História)- Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2022.

SOUZA, A. C. B. DE. Lazer, prazer e dor em Campina Grande nas décadas de 1940-1950. **Revista Espacialidades**, v. 5, n. 04, p. 22-52, 24 dez. 2012.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos**: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965): UFPE, Recife, 2002 – Doutorado em História.

STACHUK, Angelica; DE OLIVEIRA, Oséias. “Bailes e Festas do Barulho”: Sociabilidades Tensas em Mallet-PR (1925-1965). **Cadernos de História**, v. 19, n. 31, p. 193-193, 2018.

TANNO, Janete Leiko. **Clubes recreativos em cidades das regiões sudeste e sul: identidade, sociabilidade e lazer (1889-1945)**. Patrimônio e Memória, v. 7, n. 1, p. 328-347, 2011.

TOLSTÓI, Leon. **Guerra e paz**. (Tradução de Oscar Mendes). 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800–1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. 2017. 189f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociência, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

VIEIRA, Sulamita. **Luiz Gonzaga: nação em ritmo de baião. Arte para a nação brasileira**. In: Arte para a nação brasileira / Manuel Domingos Neto, organizador. – Fortaleza: EDUECE, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na História e na literatura**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

ANEXOS

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SOCIABILIDADE PARA QUEM? OS CLUBES SOCIAIS DE GURJÃO O GUARANY E A FUNDAC ENQUANTO ESPAÇOS DE UM LAZER SEGREGADO (1960-1980)

Pesquisador: RAYSSA EUTALIA GURJAO COUTINHO BORGES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56176222.9.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.406.927

Apresentação do Projeto:

Pesquisa de Pós-graduação que tem por objeto as transformações materiais da cidade de Gurjão após a emancipação política. O tema é relevante e está bem estruturada no que se refere aos cuidados com o participante da pesquisa

Objetivo da Pesquisa:

Analisar as transformações materiais da cidade de Gurjão após a emancipação política em 1962, principalmente as formas de lazer e sociabilidade presentes na Gurjão daqueles tempos, em especial o funcionamento e as questões da cultura política e a segregação que envolviam o Clube Guarany e a Fundac no período de 1960 a 1980

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos foram apresentados

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem estruturada e apresenta os devidos cuidados com os participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos foram devidamente instruídos e as demandas de retificação apresentadas no parecer anterior foram atendidas

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG**



Continuação do Parecer: 5.406.927

Recomendações:

Sem comentários

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1887366.pdf	24/03/2022 18:40:35		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	24/03/2022 18:39:27	RAYSSA EUTALIA GURJAO COUTINHO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_.pdf	24/03/2022 18:38:30	RAYSSA EUTALIA GURJAO COUTINHO	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA_CAMARA.pdf	23/02/2022 19:43:15	RAYSSA EUTALIA GURJAO COUTINHO	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA_INSTITUCIONAL.pdf	07/02/2022 20:06:46	RAYSSA EUTALIA GURJAO COUTINHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_PESQUISADORES.pdf	07/02/2022 20:02:45	RAYSSA EUTALIA GURJAO COUTINHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	07/02/2022 20:01:39	RAYSSA EUTALIA GURJAO COUTINHO BORGES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.406.927

CAMPINA GRANDE, 13 de Maio de 2022

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br